

# FRAGMENTOS DO VIVIDO : ITINERÁRIO FORMATIVO DOCENTE ATRAVÉS DE MEMORIAIS

FRANCISCA EDILZA BARBOSA DE ANDRADE CARVALHO  
LEONICE APARECIDA DE FÁTIMA ALVES PEREIRA MOURAD  
MARIA HELENA DIAS TAVARES



**FRAGMENTOS DO VIVIDO: ITINERÁRIO FORMATIVO  
DOCENTE ATRAVÉS DE MEMORIAIS**



FRANCISCA EDILZA BARBOSA DE ANDRADE CARVALHO  
LEONICE APARECIDA DE FÁTIMA ALVES PEREIRA MOURAD  
MARIA HELENA DIAS TAVARES

(ORGANIZADORAS)

**FRAGMENTOS DO VIVIDO: ITINERÁRIO FORMATIVO  
DOCENTE ATRAVÉS DE MEMORIAIS**

1ª Edição

Quipá Editora

2021

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

F811 Fragmentos do vivido : itinerário formativo docente através de memoriais / Organizado por Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad e Maria Helena Dias Tavares. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021.  
116 p.

ISBN 978-65-89973-26-3  
DOI 10.36599/qped-ed1.089

1. Memória. 2. Docentes – Memoriais. I. Carvalho, Francisca Edilza Barbosa de Andrade. II. Mourad, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira. III. Tavares, Maria Helena Dias. IV. Título.

CDD 153.1

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em setembro de 2021.

[www.quipaeditora.com.br](http://www.quipaeditora.com.br)

Aos companheiros (as) do NEED/UNEMAT e ao Coletivo da Terra pelo compromisso com uma educação emancipatória.

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (Paulo Freire).

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1	13
ETNOBIOGRAFIA: UM POUCO DA PESQUISADORA, NETA DA PRIMEIRA PROFESSORA DO QUILOMBO	
Adrianny de Arruda Abreu	
CAPÍTULO 2	17
BIOGRAFIA DE UM PROFESSOR DE ESCOLA QUILOMBOLA	
Antônio Marcos Pereira Silva	
CAPÍTULO 3	20
MEMORIAL: A MINHA VIVÊNCIA, O MEU CAMINHO	
Benedita Rosa da Costa	
CAPÍTULO 4	30
MEMORIAL: TRAJETÓRIA E SABERES	
Cláudia Rosa Moreira Souza	
CAPÍTULO 5	34
MEMORIAL DAS EXPERIÊNCIAS E SABERES EM UMA ESCOLA DO CAMPO	
Deizimary Stella de Araújo	
CAPÍTULO 6	38
RETALHOS DA MINHA VIDA	
Dinalva Araújo de Campos	

CAPÍTULO 7	41
RETALHOS DE MINHA HISTÓRIA	
Eliene Pedroza de Lima	
CAPÍTULO 8	44
TRILHOS ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS	
Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho	
CAPÍTULO 9	48
MEMÓRIAS DE UMA MULHER, NEGRA, MÃE, PROFESSORA, QUILOMBOLA: SUAS LUTAS E CONQUISTAS A PARTIR DA EDUCAÇÃO FORMAL	
Gonçalina Eva Almeida de Santana	
CAPÍTULO 10	53
MEMORIAL: “MINHA TRAJETÓRIA”	
Ivanir Gonçalves Alves	
CAPÍTULO 11	57
MEMORIAL: MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE	
João Paulo Silva	
CAPÍTULO 12	60
TRAJETÓRIA ACADÊMICA: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO	
Josiane Miranda Barbosa	
CAPÍTULO 13	64
MEMORIAL: MINHA JORNADA	
Juçara de Queiroz Silva	
CAPÍTULO 14	67

BASE DA VIDA: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Juliana Basso Barbosa Neves

CAPÍTULO 15 71

MEMORIAL: SABERES E FAZERES ENQUANTO PROFESSORA QUILOMBOLA

Lucimara Martins Evangelista

CAPÍTULO 16 74

OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Madalena Santana de Sales

CAPÍTULO 17 78

MEMORIAL: LEMBRANÇAS SOBRE A VIDA

Márcia Rezende de Sousa

CAPÍTULO 18 81

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Maria Helena Tavares Dias

CAPÍTULO 19 85

MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Maria Lourença Davina da Costa

CAPÍTULO 20 88

MEMORIAL DESCRITIVO: TRAJETÓRIA PERCORRIDA EM BUSCA DO SABER

Marinalva Gomes

CAPÍTULO 21 92

MEMORIAL DESCRITIVO

Miriam Elisabete Renner

CAPÍTULO 22	97
A MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA	
Neide Domingas Bento	
CAPÍTULO 23	100
MEMORIAL: MEUS TRILHOS	
Plinio Olderi Carvalho	
CAPÍTULO 24	104
MINHA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO FOI ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO	
Rosangela de Campos Silva	
CAPÍTULO 25	108
MEMORIAL: IDAS E VINDAS	
Tereza Cristina de Souza	
CAPÍTULO 26	111
MEMORIAL: MINHA HISTÓRIA	
Wérica Mirlen Duarte Silva	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	115

## APRESENTAÇÃO

A temática da memória docente é um tema que vem mobilizando estudiosos de diferentes áreas, utilizando diferentes abordagens.

Quando tratamos a memória como um conceito dicionarizado identificamos muitas alternativas, sendo a maioria delas relacionada a capacidade de lembrar ou recordar, tal como a que segue: faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente; Efeito da faculdade de lembrar; lembrança; Recordação que a posteridade guarda: memórias do passado.

Para o que nos dispomos nessa coletânea apraz ampliar esse conceito que busca outras dimensões para memória, tendo em vista que esta pode, em alguma medida, até mesmo ser percebida como “o tempo das nossas demandas e necessidades de presentificações do que não está mais em carne e osso, mas ainda hoje alimenta alguma parte dos nossos dias e das nossas noites (PERES 2009, p. 82).

Como uma estratégia de aprofundar a apropriação conceitual de memória, ou memórias, já que esta terminologia será aqui utilizada muitas vezes no plural, recorreremos mais uma vez a Peres, visto que a mesma afirma que estas podem não raro:

Acontecerem pela via das representações e valorizações como um modo de reencontrar a si mesmo. A memória como um eco do passado pode recriar imagens mentais, cogitando novos caminhos e soluções para os problemas cotidianos. As ressonâncias e os ecos, ao serem revisitados, podem trazer à luz experiências fundadoras através da tomada de consciência acerca das valorizações que vem guiando o momento presente (PERES, 2009, p. 105).

Por outro lado, refletir sobre a memória e suas implicações no que tange a formação dos sujeitos, significa dizer que de alguma maneira ela reconfigura aquele que está imerso no processo de rememorar.

As leituras relacionadas a esta temática indicam que toda vez que alguém se adentra ao ato de rememorar, faz recortes, percebe e extrai novas nuances do passado, apresenta novas matizes, outras paletas de cores que antes não se faziam visíveis. Entretanto, o contrário também pode ocorrer na mesma proporção, pois muitos cenários podem ser suprimidos, borrados, apagados, modificados e destruídos. É por isso que em relação a memória,

Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990, p. 51).

A sistematização da memória docente através dos denominados memoriais constituem o que a psicologia denomina de biografia cognitivo-afetiva, visto que os educadores são portadores de uma história, atribuindo sentidos ao trabalho e à relação com os educandos e os pares. Temos nesse contexto a articulação entre a trajetória pessoal e profissional, com marcas da infância, da vida escolar, do exercício profissional e das lutas por uma escola inclusiva e plural.

A análise dos memoriais que segue permite a percepção dessa combinação de variáveis, com predomínio ora cognitivo, ora afetivo viabilizando a percepção de toda a subjetividade que constituiu os(as) educadores(as), assim como as estratégias utilizadas para o enfrentamento de condições objetivas adversas, mas que não foram obstáculo à constituição dos(as) educadores(as).

Essa condição se intensifica quando o(a) educador(a) traz na sua trajetória elementos relacionados a variáveis de ordem étnica e social vinculando-o às classes populares.

A elaboração de memórias docentes é uma ferramenta importante para a constituição do próprio sujeito que rememora quanto para quem se apropria, pelo relato, da trajetória de outrem, uma vez que a memória sistematizada é constituinte da identidade docente, uma vez que quanto mais o(a) educador(a) sistematiza e reflete sobre sua trajetória, mais ele potencializa seu desenvolvimento profissional.

Os memoriais também conhecidos como 'diário de itinerância' a partir das contribuições de René Barbier, professor emérito da Universidade de Paris VIII - Saint-Denis, na França, consiste em "um bloco de apontamentos no qual cada um mostra o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida" (Barbier, 2007, p. 132). A principal característica desse recurso é a volta aos fatos passados, às lembranças de acontecimentos importantes, aos desejos, enfim, aos pensamentos e emoções que marcaram a vivência, a existência concreta, situada. A elaboração do Memorial de Formação implica em um re-fazer/re-visitar a trajetória pessoal e

profissional, analisando o ocorrido que, de alguma forma, interferiu na identidade profissional.

É nesse contexto que apresentamos ao leitor vinte e seis memoriais de docentes que atuam em escolas do campo e escolas quilombolas, em pequenos municípios do interior do Mato Grosso e que estão vinculados(as) a um coletivo de educadores(as) denominado Terra Como Princípio Educativo. Este material constitui-se em fonte primária para a compreensão desses sujeitos e de experiências educacionais comprometidas com a diversidade, equidade e justiça social.

Boa leitura a todos(as)!

*Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho*  
*Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira Mourad*  
*Maria Helena Tavares Dias*

#### REFERÊNCIAS

BARBIER, Renê. **A pesquisa-ação**. Brasília. LiberLivro, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

PERES, L. M. V.; EGGERT, E., KUREK, D. L. (Orgs) **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas(auto)formadas**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

## CAPÍTULO 1

### ETNOBIOGRAFIA: UM POUCO DA PESQUISADORA, NETA DA PRIMEIRA PROFESSORA DO QUILOMBO

*Adrianny de Arruda Abreu*

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1985, p. 7).

Meu nome é Adrianny de Arruda Abreu, neta de Tereza Conceição Arruda (a primeira professora do Quilombo Mata Cavalo), quilombola e educadora na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda (EQTCA) do Quilombo Mata Cavalo, que leva o nome da minha avó Tereza. Tenho orgulho de descender de uma família que sempre lutou pela educação, pois, desde cedo, observava a luta da minha avó, que, muitas vezes, incentivou-me a estudar, pois, como ela mesma dizia, “casa, dinheiro, carro, marido, tudo isso, podem tirar de você, menos o seu conhecimento”.

Quando criança, sempre acompanhava a minha avó nas manifestações, nas reuniões de reivindicações no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e isso me fortaleceu, porque não é fácil ser quilombola. No começo, não tinha essa noção, vivia na comunidade e estudava em uma escola dentro do quilombo em uma classe multisseriada, onde todos se ajudavam, e, por mais que fosse uma escola de barrote com telhado de palha de babaçu, éramos tratados com amorosidade pela professora, mas a escola só ofertava até o 5º ano do ensino fundamental I. Assim, para concluir a educação básica, tive de ir estudar em uma escola da sede do município de Nossa Senhora do Livramento, uma cidade pequena, que tinha um grande preconceito com os quilombolas, e foi, nesse momento da minha vida, que conheci a discriminação, o preconceito e o racismo, às vezes, velado, mas, em outras situações, revelado por meio de ações concretas.

Não foi fácil para uma menina de 10 anos lidar com essa nova realidade, de bilhetes ofensivos até a proibição de entrar em uma loja na cidade. Éramos xingados de ladrões de terra, bastava dizer que era do Quilombo Mata Cavalo para algumas pessoas nos tratarem de forma diferente. Por isso, passei a esconder a

minha identidade quilombola, pois eu tinha vergonha de dizer que era quilombola. Hoje, isso é umas das coisas que mais tenho vergonha e arrependimento, pois minha avó lutou tanto pelo nosso quilombo e não tinha nenhuma vergonha, era uma mulher realmente forte. Mas aquela foi a forma que encontrei para sobreviver naquele ambiente tão inóspito.

Em 2005, com 15 anos, fui convidada, pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), a participar do Congresso Vozes Jovens em Brasília, no qual tive a oportunidade de conhecer indígenas e outros quilombolas e foi ali que começou a nascer uma sementinha no meu coração de que eu tinha que ter forças e me orgulhar de ser quilombola. Ainda cansada do preconceito vivenciado na escola que estudava, decidi tentar uma bolsa no Colégio Salesiano São Gonçalo. Nesse novo colégio, tive o prazer de ter como professora de Biologia a senhora Sonia, ela fez com que eu me apaixonasse pela profissão e quisesse ser bióloga e professora, sendo que sobre esta última, eu já tinha um grande exemplo em casa: a minha avó Tereza.

Ter acesso à educação básica já não era fácil para um quilombola, que tinha que percorrer um longo caminho até a escola. Na graduação, não foi diferente e se tornou mais difícil. Lembro-me de que não tinha R\$ 70,00 reais para pagar a inscrição do vestibular da UFMT, mas ainda tinha o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Programa Universidade Para Todos (PROUNI). Consegui uma bolsa para Gastronomia, mas não era meu sonho. Então, decidi aceitar um convite para fazer um curso de Técnico em Desenvolvimento Econômico em Triunfo, Pernambuco. Os cursistas eram todos quilombolas das regiões do Norte e Nordeste, mas, como um dos professores que foi visitar minha avó Tereza gostou de saber que participei do Vozes Jovens, ele abriu uma exceção e me deixou participar, mesmo eu sendo da região Centro-Oeste.

Nesse curso, fui convidada a trabalhar com outras comunidades quilombolas, o meu primeiro laboratório foi na cidade de Penalva, Maranhão, onde recebi um conhecimento ímpar e muito enriquecedor, pois foi a primeira vez que conheci outra comunidade quilombola. Trabalhei nesse projeto por um ano e tive de parar, porque fiquei grávida e, como esses laboratórios duravam 45 dias, não dava para conciliar com os acompanhamentos médicos da gestação. Então, fiz o ENEM novamente e, dessa vez, consegui passar no curso desejado de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas. Depois que concluí a graduação, retornei para minha

comunidade como professora de Ciências e Biologia na escola que leva o nome da minha avó, Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda.

Conviver com a minha avó Tereza foi primordial para todas as oportunidades que surgiram na minha vida, pois aprendi muito com ela. Conheci muitas pessoas do meio acadêmico por causa da minha avó, algumas dessas pessoas foram: Professora Doutora Suely Dulce de Castilho do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola (GEPEQ) e Professora Doutora Michèle Sato do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA).

A Professora Doutora Michèle, junto com seu Grupo, GPEA, fez um belo trabalho no meu Quilombo. Contudo, meu vínculo com o GPEA se fortaleceu mais tarde, em 2015, quando começou o Projeto Ambiental Escolar Comunitário (PAEC), na Escola Quilombola Tereza Conceição Arruda, onde eu sou professora. Encantei-me tanto com o grupo que decidi fazer parte dele, afinal foi um dos poucos grupos que foram além da pesquisa, perceberam nos quilombolas, além de uma fonte de estudo e pesquisa, e voltaram o olhar verdadeiramente para a nossa humanidade. Antes de começar o PAEC, foram consultados os estudantes, os professores e, principalmente, a comunidade, e eles ajudaram a construir uma Casa da Cultura Quilombola, que era um sonho da maioria dos moradores da comunidade. Além disso, o GPEA e o GEPEQ lutaram para abrir vagas destinadas aos quilombolas no mestrado em Educação, por meio das ações afirmativas, incentivando e mostrando que a UFMT era, sim, um sonho possível para os quilombolas.

Além do incentivo das ações afirmativas, o GPEA nos incentivou moralmente para fazermos o mestrado. Deborah Moreira, na época, mestranda do grupo, foi umas das principais incentivadoras, enviando-nos textos de autores como Miguel Arroyo, Carlos Rodrigues Brandão e Paulo Freire, que nos ajudaram no preparatório do seletivo.

Quando soube que tinha passado no processo seletivo, fiquei muito feliz e, depois da euforia, veio o medo de não conseguir acompanhar as atividades do mestrado, mas, quando a incerteza fazia morada em meu coração, lembrava-me da luta da minha avó e dos seus conselhos. E, hoje, só penso o quanto minha avó se orgulharia de mim, de saber que pesquisei sobre a educação que ela tanto sonhou e lutou para a Comunidade Quilombola de Mata Cavalô, de saber que eu não parei de estudar e que ela terá uma neta Mestre, logo ela, que não tinha títulos acadêmicos, mas tinha o Doutorado da vida.

Quando terminei o mestrado, aceitei o desafio de ser diretora na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda, foi um misto de orgulho e apreensão com a responsabilidade de gestar uma escola do Quilombo e com o nome da minha saudosa avó. Na frente da gestão da escola, estreitei meus laços com o GEPEQ, liderado pela Professora Doutora Suely Dulce de Castilho. O GEPEQ faz formação com os professores da Escola, por meio do Etnosaberes, que contribui muito para o processo de ensino-aprendizagem dos nossos estudantes. Conheci a professora Doutora Suely, em 2004, quando ela fez sua pesquisa de Doutorado na Comunidade Mata Cavallo, desde então o carinho e a admiração por ela e pelo seu grupo de pesquisa só têm aumentado.

Atualmente, continuo como gestora da EQTCA, escola tão sonhada e desejada pelo meu bisavô, minha avó e pelos moradores do Quilombo. Sigo acreditando que a educação liberta e transforma a vida das pessoas.

#### REFERÊNCIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

## CAPÍTULO 2

### BIOGRAFIA DE UM PROFESSOR DE ESCOLA QUILOMBOLA

*Antônio Marcos Pereira Silva*

Esse texto tem por finalidade contar a minha trajetória acadêmica e profissional, nascido na cidade de Alto Paraguai e crescido, assim começou a minha vida, os meus pais pouco estudaram, meu pai até o 4º ano e minha mãe até o 3º ano, mas desde aquela época, eles tinham convicção que para vencer na vida, só seria com os estudos e com isso deixaram de trabalhar nas fazendas, para que estudássemos. Viemos para cidade, onde passamos um grande “aperto”, como diz meu pai, pois na cidade não tinha trabalho, por ser uma região de garimpo, embora fosse muito boa para morar, mas não havia emprego, apenas o garimpo, era necessário encontrar ouro e diamante, se acaso não encontrasse, o trabalho não traria nenhum lucro.

Mas toda jornada de vida de meus pais fez com que eles nos incentivassem a estudar, mesmo com muitas dificuldades. Sou o terceiro filho de quatro irmãos, dois casais, onde dois conseguiram estudar, sendo dois professores. Assim começou minha trajetória, terminei o ensino fundamental, fiz teste para a EAFC-Escola Agro Técnica Federal de Cuiabá, para fazer um curso técnico em Agropecuário e ter acesso ao trabalho mais rápido e qualificado, melhorando a renda. Com o passar do tempo, foram surgindo novas tecnologias e assim tivemos que melhorar e qualificar frequentemente e assim surgiu a oportunidade de fazer um curso superior, naquele momento estava trabalhando em uma estação de tratamento de águas, por isso optei por fazer ciências biológicas, visto que se relacionava na com a área de tratamentos de água, comecei então a fazer o curso em 2003 na UNIGAV, estudava aos finais de semanas, consegui me formar em ciências biológicas, minha primeira graduação. Casado com Adriana Franklin de Souza da Silva, pai de dois filhos, André Gonçalo e Gabriel, residente no distrito de Currupira por 11 anos, surgiu a necessidade de ir para a cidade em busca de condições para os estudos dos meninos e trabalho para minha esposa, em 2012 nos mudamos para Barra do Bugres.

Ainda trabalhei muitos anos encarregado de tratamentos de efluente em uma empresa de curtume, em 2008 e 2009 trabalhei em outro curtume em Jangada.

Em 2010 me inscrevi para contagem de pontos para professor temporário, surgiu uma oportunidade na Escola Quilombola José Mariano Bento, localizada no território quilombola Vão Grande. Íamos todos os dias com o carro da prefeitura, me lembro que era uma *Kombi*, todos andavam apertados, as salas eram barracões feitos pelos moradores, muito difícil o primeiro ano em sala de aula, mas fui me capacitando, aprimorando a estratégia pedagógica, em 2018 fiz uma pós graduação em Gestão Ambiental pela FAVENE, em 2019 entrei para o curso de licenciatura em química e em 2019 me inscrevi para fazer um curso sobre meio ambiente onde me deparei com a Tecnologia em Gestão Ambiental, nível superior.

Ainda jovem quando jogava futebol, conhecia a comunidade do Vão Grande, distrito da cidade de Alto Paraguai. Em 2010 comecei a trabalhar como professor interino na comunidade Vão Grande, começando a trajetória profissional, esse povo me acolheu, fazendo me sentir um quilombola, defendendo esse povo sofrido, que a meu ver desbravou o nosso mundo com suas sabedorias em todas as áreas de conhecimento.

Quando comecei a trabalhar como professor na comunidade, as salas de aulas eram de palha e de chão batido, divisória de madeira, mas com uma qualidade de conhecimento incrível, alunos simples e dedicados, nós, professores, além de ensinar, aprendíamos muito com a comunidade e assim criamos uma boa amizade com os munícipes daquele lugar, me sinto em casa em qualquer uma das cinco comunidades que formam o Território Vão Grande.

A trajetória de deslocamento foi muito difícil acordávamos às 04 horas da manhã, por muitos anos já era difícil pra mim e as colegas que já vinham da Barra do Bugres, passamos por muitos desafios nessa trajetória, um verdadeiro “corredor de fogo”, estradas precárias em todas as épocas do ano, durante o período chuvoso era escorregadia, no inverno muita poeira. Quando me mudei para Barra do Bugres, ainda acordávamos na madrugada para irmos à escola todos os dias, mas de muito valia, uma história de conhecimento nessas idas e vindas nas madrugadas, aprendemos e adquirimos conhecimento com esse Povo Quilombola maravilhoso.

Nessa caminhada de ida e vindas temos história: ônibus que quebrou no caminho; empurrando ônibus; desatolando ônibus; travessia de rio a barco;

travessia de estrada com água até a cintura, mas com muitos humores junto com os colegas e vencendo o dia a dia de trabalho.

Muitos projetos realizados com alunos, comunidade e professores e com aprendizado da cultura local das plantas medicinais local, das festas de santos dentre outros eventos feitos na comunidade e na escola.

Com o apoio dos colegas, porém muita dificuldade, mas com bastante experiência de vida profissional e da comunidade local, decidi me candidatar a direção da Escola José Mariano Bento, primeiro professor eleito pela comunidade para direção da escola, com muita dificuldade, mas foram as comunidades que tiveram seu poder de voto e escolha para tal cargo muito importante.

## CAPÍTULO 3

### MEMORIAL: A MINHA VIVÊNCIA, O MEU CAMINHO

*Benedita Rosa da Costa*

Eu sou Benedita Rosa da Costa, quilombola, mulher, mãe, liderança, ativista, militante, palestrante e pesquisadora. Nasci na comunidade rural quilombola Tanque do Padre Pinhal, localizada no município de Poconé-MT. Nasci de parto natural, no dia 23 de agosto de 1974, na comunidade, aparada pela parteira “Mãe Miqui”. Sou a terceira filha do casal quilombola Lucinda Leite da Costa com Cristiano Gregório da Costa.

Neste memorial, eu trago um pouco da minha vivência familiar e com o parentesco que adquiri desde a minha infância até os dias atuais. Vivências essas construídas no coletivo, no colo da família e no berço da comunidade, que contribuíram e ajudaram formar a minha identidade cultural, como mulher, mãe, ativista, militante, profissional, palestrante e pesquisadora. O relato que eu aqui trago não está isolado, desarticulado dos conhecimentos e saberes daquela(e)s que vieram antes de mim e dos meus antepassados. Pessoas que ainda vivem e pessoas que já morreram. D’antes, hoje e sempre, esses conhecimentos e saberes são alicerces onde está assentada a minha memória, as minhas lembranças porque eu sou descendente e, tais ensinamentos foram passados de geração para geração. Agora, se consigo lembrar, escrever e relatar porque até o meu ato de rememorar sempre foi apoiado nas recordações das pessoas que viveram e vivem comigo. Por isso, eu falo de mim com certeza e lembro os fatos vividos. Então, diálogo com Santos (2013) de que:

As memórias, de experiências passadas, está presente em cada palavra que proferimos, em cada passo que damos ou em cada sonho que lembramos. Ela está presente no pensamento, nos sentimentos e percepções, bem como na imaginação. Tudo o que sabemos ou que podemos aprender se deve as memórias que possuímos ou que iremos adquirir. Mesmo considerando a presença da memória em nós, precisamos considerar que esse nós não é uno e indivisível. Nós não somos capazes de lembrar, com todos os detalhes, nem mesmo, um evento vivenciado, algumas horas atrás. (SANTOS, 2013, p. 109).

Assim, eu prossigo este caminho falando que sou uma pessoa curiosa e gosto de desafio. Digo que até hoje e, do mesmo modo que antes, continuo desafiando os fatos decorrentes da vida. Faço isso desde a minha infância, quando meus familiares e parentes apontavam serviços no dia-a-dia como difícil para fazer. Eu sempre estava ali, observando, analisando e entrava em ação quando não era proibida por outras pessoas presentes no ambiente de trabalho. Essas práticas, acertando e errando, serviram para ensinar e fortalecer-me. Eu afirmo que tive uma infância linda, boa e agradável. Tenho saudades dela. Eu fiz tudo de bom que existiu na minha realidade. Nasci em um ambiente de mestres da cultura que valorizaram os conhecimentos que foram passados pelos mais velhos, guardaram e preservaram até hoje. Nesse lugar, escutei histórias da vivência de vó “Dina” (in memoria), suas irmãs, irmãos e parentes, contada por ela mesma de quando moravam na comunidade quilombola “Mata Cavallo” e de suas andanças até chegar na comunidade “Seis Maria da Peraputanga”, hoje denominada Tanque do Padre Pinhal.

Do mesmo modo, um fato tão próximo de mim! Eu vivia a história! Era um sentimento real na minha vida! Mesmo sabendo que foram acontecimentos de um passado que dizia sobre as pessoas que eu amava. Por isso, eu me entristecia com tudo que escutava e ouvia. Histórias, importantes, interessantes, marcantes e relevantes para mim, instigou-me a conhecer quem eu sou porque iam entrelaçando o passado e o presente nas atividades cotidianas. Eu nasci e cresci escutando histórias. Esse enlace foi construindo a minha identidade cultural, estimulando-me a preservar e valorizar o que foram ensinados para mim. Reconheço que fui privilegiada em nascer em um lar que me educou e me preparou para a vida.

Dentre as histórias verídicas, há as histórias de ficção. Quanto estas levavam-me a sonhar acordada com um mundo que não existia. Um mundo de heroínas e heróis. Um mundo de terror! Mas confesso que foi tão bom! Mesmo que eu ficasse amedrontada. Faz parte desse acervo as histórias de João e Maria, do Soldado Simeão, de Daniel, de João Acaba o Mundo. Do de terror, histórias da mula- sem- cabeça, assombração, mãe d’água, curupira, contadas por vó “Dina”, minhas tias e mamãe. Vó “Dina” já faleceu, mas os contos continuam até hoje. Como de costume, quando vamos conversar fazemos uma roda. Desse modo, conversamos e escuto as histórias. Nossa! É um momento muito gostoso, prazeroso, histórico e inesquecível! De vó Dina ficaram os ensinamentos, as

profecias e os conselhos. Eu carrego comigo, escuto e sigo. Onde quer que eu esteja, e que eu faça, eu lembro de vó Dina amorosa, paciente, de fé, crença e confiança em Deus, eu lembro de suas palavras. Uma pessoa generosa, solidária, que acolhia as pessoas que a procurava. Uma mulher que sabia várias práticas curativas.

Eu brinquei de casinha, de escolinha, de lojinha, com boneca. No começo, as bonecas eram espigas pequenas de milho da roça que tínhamos, depois as bonecas foram feitas de pano e, de alguns anos para cá, foram compradas. Essas bonecas eram brancas de cabelos pretos e loiros. Bonecas lindas! Porém, nenhuma dessas bonecas representavam-me. Nenhuma dessas bonecas tinham a beleza igual a minha! Eu queria tanto uma boneca que parecesse comigo, mas não encontrava. Muitas dessas bonecas eu ganhava de presente. Hoje, eu consigo encontrar e comprar bonecas negras lindas, maravilhosas e com traços característicos iguais aos meus. Eu compro para mim e para presentear a minha sobrinha que ainda está criança.

Eu brinquei também, de cola-pau, de pega-pega, de rouba seu gato, de esconde-esconde, de jogar bola e sete Marias. Essas brincadeiras aconteciam depois que cumpria com as obrigações.

Eu levantava bem cedo, junto com as demais crianças, para pegar bocaiuva. Eu subia nos pés de goiabeiras, pitombeira, mangueira, jacoteiro, tarumanzeiro e jenipapeiros para pegar suas frutas. Noosaaa! Como eu gostava e continuo gostando de subir no pé de árvores frutíferas e não frutíferas. Eu passeava pela chapada, pois era o meu bosque natural, um lugar lindo e atraente. Nela, eu corria, brincava, subia nas árvores e colhia frutos como a mangava, acumã, orvalho, olho de boi, fruta de lobo, jatobá, chico-magro e ata do mato. No pé de veludo tinha que ter atenção ao subir porque tem espinhos.

Confesso que são frutas doces, suculentas e saborosas. Umas delícias! Algumas delas, eu chupava ou comia com prazer. Quebrava coco-de-bacuri e da bocaiuva para comer a castanha. Quando ia tomar banho no córrego, pulava do barranco para as profundezas e, em outro momento, pescava lambaris, rubafo, piaba, cará, bagre. Foi muito divertido e descontraído. Existiu momentos de passeios nas vizinhanças.

Sobre as obrigações, na época de fazer roça de toco, eu ia à roça e ajudava a preparar a terra para plantar. Desde a limpa, a fazer as covas, plantar, limpar,

colher e guardar a produção. No caso do arroz, eu ajudava a socar para fazer o “quebra torto”, o almoço e a janta. Aprendi a fiar algodão e tecer rede. Durante as obrigações fazia algumas travessuras, ia à roça comer banana e chupar cana, melancia, melão e abacaxi. Levantava cedo para pegar água no córrego para fazer comida, lavar as vasilhas para beber. As roupas eram lavadas em casa ou no córrego. Varria a casa e o terreiro grande. Ficava tudo muito lindo e arejado.

Visto que na minha casa funcionava a escola, desde muito cedo eu tive contato com os livros. Eu lia os diferentes e diversos livros do meu jeito. Eu esfolheava, amassava, rasgava e até sujava. Eu não dominava a escrita, então eu criava as histórias para as personagens dos livros. Ficavam muito engraçadas! A mamãe era a professora e cobrava de mim os cuidados com os livros. Eu sempre prometia que ia cumprir, mas, a atitude se repetia. Hoje mamãe está aposentada. Naquele tempo, mesmo sem estar na idade certa para ir à escola, eu estava sempre presente na sala de aula porque a escola funcionava no terreiro. Era tudo muito próximo de mim. Era parte do meu dia-a-dia. Então eu valorizei o espaço que tive para estudar e compartilhava com os demais estudantes da minha comunidade e comunidades vizinhas.

Quando eu comecei a estudar fiquei muito feliz, a vontade e a curiosidade levaram-me a ler, escrever e contar. Aprendi rápido! Estudei com a mamãe até a 4ª série. A classe era multisseriada e dependia do meu desempenho e boa vontade em aprender e da mamãe professora para ensinar. O método de ensinar era bastante simples e natural pois tinha recursos palpáveis como pedrinha, tampa de garrafa, bocaiuva e outras frutas para estudar as 4(quatro) operações. Escrevia muito texto sobre a escola, sobre as férias, sobre a roça, sobre a terra, sobre a minha realidade e assim aprendi. Terminei a 4ª série em 1985.

Continuei os estudos na escola estadual “Juscelino Kubistechek de Oliveira” localizada em um bairro periférico da cidade em 1986. Estudei nela até a 6ª série depois fui matriculada na escola estadual “Antônio João Ribeiro” onde cursei da 7ª série até o Magistério. Concluído o Magistério em 1993. Não consegui sala de aula para lecionar, então trabalhei em uma loja que vendia roupas e calçados. Trabalhei na Câmara de Dirigentes Logistas-CDL. Depois busquei realizar o meu sonho de lecionar e consegui.

Sou professora efetiva da Educação Básica, formei em Magistério, graduei em Letras pela Universidade de Cuiabá-UNIC MT por meio de um curso modular,

terminei em 1999. Fiz especialização em um curso denominado “O Ensino de Linguagem” também pela UNIC com término em 2003. Fiz outra especialização em “Educação do Campo Saberes Pantaneiros e a Socioeconomia Solidária” pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia- IFMT terminei em 2013. Em 2014 fiz o seletivo para mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, passei e ingressei em 2015. Para a minha trajetória no mestrado, eu tirei licença para qualificação profissional e residi em Cuiabá-MT. Estava em Poconé-MT de quinze em quinze dias ou por mês. Agora, sou Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, concluído em 2017.

Essa minha trajetória de formação não foi fácil. Quando não era efetiva, passei dificuldades e algumas vezes, fiquei desempregada. Mas venci! Porém, durante esse momento de idas e vindas, eu fui conseguindo conquistar o meu espaço. Quando eu tinha só o Magistério, procurei a Secretaria Municipal de Educação em busca de emprego e consegui. Foi então que trabalhei na classe multisseriada das escolas rurais da comunidade “Espinhai”, depois na escola “Antônio da Costa Marques Santos Dumont” localizada na comunidade Pantanal, posteriormente na escola “Benedito Leite de França” da minha comunidade Tanque do Padre Pinhal. Nessas escolas lecionei no período da manhã. Fazia o percurso de idas e vindas de bicicleta. Fazia sol, chuva e frio, eu estava lá. Quando eu chegava na escola, eu ia preparar o ambiente escolar para as aulas. A cozinha para fazer a merenda. A limpeza da sala de aula e lavar as vasilhas para servir a merenda. Em cada uma dessas escolas, eu trabalhei por dois anos nelas.

Transitando do campo à cidade, lecionei também nas escolas estaduais da cidade como escola estadual de 2º grau “Eucáris Nunes da Cunha Moraes” a disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira por 3 (três) anos. Na escola estadual de 1º grau “Maria Elena de Araújo Bastos” a disciplina Língua Portuguesa e Língua Inglesa por 1 (um) ano. Na escola estadual de 1º grau “Juscelino Kubitschek de Oliveira” lecionei Língua Portuguesa e Língua Inglesa por 1 (um) ano. Na escola de rede privada “Mundo Mágico” lecionei Língua Portuguesa por 2 (dois) anos. Trabalhei na escola municipal “Nossa Senhora Aparecida” na comunidade quilombola Chumbo com Língua Portuguesa no ano de 2005. E fui coordenadora pedagógica em 2006.

Prestei o concurso público municipal em 2006, na área das Letras, passei e fui trabalhar na escola municipal “Antônio Maria de Almeida” na comunidade rural

quilombola São Benedito. Fiquei do ano de 2007 até 2012. No ano de 2010 quando inaugurou a escola estadual do campo “Antônio Garcia” na comunidade rural 120, eu residia no quilombo São Benedito, fui lecionar nessa escola em 2010 e 2011. Em 2010 lecionei para o 1º Ano, Alfabetização. Em 2011, lecionei do 6º ao 9º Ano Língua Portuguesa, Língua Inglesa. No início de 2013, fui solicitada para compor a equipe da Secretaria Municipal de Educação de Poconé-MT. Onde foi atribuída a mim, a pasta de Educação do Campo. Na secretaria de educação ajudei a elaborar o Plano Municipal de Educação (PME). Fiquei na Secretaria até o final do ano de 2014, ano em que fiz o processo seletivo para o Mestrado em Educação, passei, e me afastei.

A minha mãe foi professora, hoje está aposentada. Desde criança, sempre acompanhei a sua trajetória nos encontros pedagógicos que aconteciam na cidade. Esses encontros sempre foram articulados, na época, pela igreja católica e pela Delegacia Regional de Educação e Cultura-DREC. Ela ficava semanas na cidade, principalmente no período das férias. Nessas atividades de formação, eu escutei os professores, colegas de mamãe, falarem da realidade de suas comunidades, de seus meios e modos de produções, da dificuldade de locomoção para chegarem até as outras comunidades e também à cidade para comprar alguns mantimentos que não produziam em suas roças, e remédios para tratar as doenças. Falavam o que faziam para tratar as doenças. Nos encontros, os professores socializavam suas vivências. Relatavam como se organizavam socialmente. Trocavam experiências uns com outros. Eu convivi nesse espaço, aprendi com eles. Então, quando eu lecionei pela primeira vez numa classe multisseriada, eu já sabia dessa realidade até porque sou fruto de uma classe multisseriada, eu estudei até a 4ª série em classe multisseriada. Estar lecionando pela primeira vez em uma sala de aula multisseriada, para mim, representou estar no meu espaço de vivência e desafio, conhecia muito bem essa realidade. Constatei que não era diferente da minha época.

Entretanto, quando comecei a lecionar, a sala de aula multisseriada foi também uma militância, pois a ausência de políticas públicas continuava, do mesmo modo que aconteceu, em tempo passado, quando eu estudei. Na perspectiva da mudança e concretizar o sonho dos estudantes camponeses, eu comecei a militar na educação do campo, participando dos encontros nas comunidades onde lecionava, dos encontros na cidade, das palestras. Como eu também já tinha uma

trajetória de militância na pastoral da juventude, eu só fui fortalecendo isso cada vez mais. Particpei de muitos encontros de jovens nas outras comunidades. Quando estudei com mamãe, participei de debates estudantis entre as escolas rurais. Depois que continuei os estudos na cidade, participei de desfiles e debates estudantis também. Eu sempre participava das atividades escolares e sociais da época, visto que queria melhoria para a minha comunidade e qualidade de vida diante a realidade vivida por nós. Muitas vezes sofri racismo? Sim! Procurava entender o porquê de certas atitudes, ações preconceituosas e de exclusão que eram direcionadas a mim.

Eu pensava e refletia sobre o meu comportamento, sobre a minha postura. Eu sempre estudei e tive notas boas! Sempre fiz as tarefas escolares! Eu lia muito bem! Eu sabia a tabuada! Eu dominava as quatro operações! Eu sentava sempre na primeira carteira da fila! Eu sempre fui inteligente, sábia, com habilidade e competência. Então, eu sabia e percebia que não gozava de privilégios por ser uma menina negra! Por ser uma adolescente negra! Por ser uma jovem negra! Então, eu não invisibilizei o meu corpo. Falava e estava presente nas atividades escolares quando tinha oportunidade.

Eu ajudava algumas de minhas colegas de sala fazer as atividades delas. Eu emprestava o meu caderno. Eu quero aqui lembrar que os meus colegas de escola tinham sua trajetória e história de vida, com facilidade ou dificuldade são quem são hoje. Essa minha lembrança é para evidenciar que muitas e muitos tinham sonho de ser profissional de formação por uma universidade, porém, não chegaram a ser, por falta de oportunidades. Muitas e muitos não chegaram porque tiveram que parar com os estudos para trabalhar ajudando aos pais. Muitas e muitos foram excluídos. Muitas e muitos escolheram seus caminhos. Muitas e muitos que não chegaram eram inteligentes, sábios, competentes. A maioria desses que não chegaram eram negras e negros.

A partir do ano de 2002, eu comecei a participar de discussões sobre quilombo. Engatinhando nas temáticas, busquei estudar com responsabilidade, comprometimento e priorizei os estudos que tratava de Educação do Campo e Quilombos. Em 2005, a minha comunidade recebeu o certificado de Comunidade Quilombola da Fundação Cultural Palmares. Esse certificado fortaleceu a nossa identidade cultural na comunidade e a minha também, pois vó Dina já falava sobre a população excluída que viveu no campo e foi expulso de sua terra por fazendeiro.

Ela falava desse conflito de terra e da falta de regularização fundiária. Dizia também que “as pessoas que tinham dinheiro podiam mais e as pessoas que não tinham, somente obedeciam”. Vó Dina falava de seu lugar onde nasceu. Sendo assim, vovó estava falando das comunidades remanescentes de quilombo. Ela não se envergonhava e nem escondia a história. Enquanto viveu, vó Dina deu visibilidade a sua história e falava com propriedade e conhecimentos de causa. As discussões sobre quilombos foram dando sustentação às minhas vivências e a vivência da minha comunidade.

Contudo, nessa luta como estudante, na escola e como quilombola, eu estou membro da coordenação executiva das comunidades negras rurais quilombolas de Poconé-MT, eu já presidi o Conselho Municipal da Mulher, fui suplente no Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso, no segmento Educação Básica, fui da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas-CONAQ.

Em 2013 fui solicitada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação e ajudei na elaboração do Plano Municipal de Educação- PME. Estou conselheira no Conselho de Políticas de Ação Afirmativa, vinculado à Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PRAE) da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT.

A convite do Conselho Nacional de Educação (CNE), contribuí com a elaboração da Base Nacional Comum Curricular-BNCC em 2017. Propondo e sugerindo a educação escolar quilombola nesse documento, a valorização dos nossos conhecimentos, das nossas ciências, dos nossos fazeres, das nossas tecnologias que afirmam nossa identidade cultural. A convite da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC), ajudei também na elaboração da Política para Educação Escolar Quilombola no Estado em 2016.

Ser mãe também faz parte de minha trajetória de vida. Sou mãe de 3 (três) filhos. Sendo 2(dois) meninos, Jackson e Luciano e 1 (uma) menina, Jane. Percorrer o caminho da mulher quilombola, militante, esposa, mãe e professora é ser ativista. É ter uma identidade cultural e social linda, honrada e heroica, pois sei quem sou. Conheço a minha origem, minha história e minha ancestralidade. Eu me aceito, reconheço, afirmo e apresento nos meios sociais como quilombola, embora seja desafiador para mim, porque a sociedade ainda é bastante racista e preconceituosa. Algumas pessoas tentam me silenciar, desqualificar e invisibilizar, mas não me intimidam. Sem medo, eu quebro paradigmas, desconstruo ideologias porque sou

corajosa, brava, guerreira, determinada, persistente, sábia, inteligente, companheira e competente. Tenho faculdade cognitiva e exijo que as pessoas me respeitem.

As minhas lutas e enfrentamentos acontecem todos os instantes e todos os dias para garantir os direitos de acessos à educação, saúde, moradia, segurança, esporte, lazer, justiça, para ter acesso à terra e permanecer nela. Para continuar produzindo na roça, para ter estrada com condição de tráfego, para comunicar do quilombo com as pessoas que estão fora. Essas lutas também se dão para manter vivas, preservadas, respeitadas e valorizadas os nossos saberes, nossos costumes, nossas crenças, nossos hábitos e nossas tradições.

Garantir políticas públicas para quilombola é assegurar os direitos constitucionais como cidadã brasileira, sujeito de direitos humanos e sociais. Acessar essas políticas é ter dignidade humana e qualidade de vida, visto que, viver é um direito humano, político e social.

Depois que me tornei mestra, continuo contribuindo com a educação do meu município e na luta por demais políticas públicas. Eu tive uma rápida passagem na escola Mirtes Leite, onde lecionei Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola, História, Educação Artística e Educação Física. Fiquei nessa escola municipal de julho de 2017 até o final do ano. Eu estou palestrando nas universidades públicas como UNEMAT e UFMT e também nas escolas.

Estou empolgada, esperançosa e com forte expectativa para fazer doutorado na Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT. Sempre foi o meu sonho, meu desejo, minha vontade. Quero ter a oportunidade de continuar estudando sobre quilombo e continuar estudando, pesquisando e escrevendo quando terminar. Tenho certeza que os conhecimentos adquiridos serão embasamentos teóricos para eu contribuir mais ainda com minha comunidade e com o movimento quilombola de Mato Grosso e do Brasil. As teorias que eu estudar continuarão entrelaçadas, articuladas com a educação informal, educação não- formal e a educação escolar quilombola e serão socializadas com as comunidades quilombolas na defesa pelo bem-estar e qualidade de vida. Eu priorizarei e estarei nesse movimento de luta constante, intenso até enquanto eu viver e comprometida a intensificar mais ainda.

Por isso tudo, eu me inscrevi para concorrer ao Doutorado em Educação, na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Instituto de Educação (IE) da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, cujo projeto de pesquisa está titulado

Quilombo e Escola: espaços de formação e fortalecimento de identidade cultural, em que o objeto de pesquisa é a formação da identidade cultural do estudante quilombola da comunidade remanescente do quilombo Tanque do Padre Pinhal localizada no município de Poconé-MT na Educação Básica.

#### REFERÊNCIA

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e identidade nacional**. São Paulo: Annablume, 2013.

## CAPÍTULO 4

### MEMORIAL: TRAJETÓRIA E SABERES

*Cláudia Rosa Moreira Souza*

O texto apresenta informações e reflexões sobre a trajetória escolar acadêmica e profissional, já percorrida e ainda em percurso, bem como, o processo de inserção e atuação docente a qual trilho. Nesta perspectiva, elenco neste memorial minha história de vida acadêmica e profissional, parafraseando Paulo Freire (1987, p.78), os homens não se fazem no silêncio, mas através de suas reflexões e atitudes. Portanto, escrever as concepções do hoje, quebra o silêncio de uma trajetória percorrida em busca de um pensamento existencial.

Sou a primogênita de cinco filhas de um casal de agricultores, que moravam e trabalhavam em fazendas e faziam roças de ano em ano para o sustento e formavam pastagem para os fazendeiros, no interior de Mato Grosso. Aos 6 anos de idade fui matriculada na então 1ª série escolar, pois desde cedo tinha muito anseio pela escola. Meus pais, não mais voltaram a residir no campo e criou as cinco filhas na cidade e todas frequentaram a escola. No ano de 1993, conclui a 8ª série do ensino fundamental tendo obtido os resultados e significativos avanços nesta etapa do ensino e aprendizagem. Com objetivo de dar continuidade a luta pelos estudos. No ano de 1994 iniciei o magistério, com o objetivo de contribuir na educação das crianças da região. Neste ano ocorreu algo que mudou os caminhos da minha família, meus pais se divorciaram e conseqüentemente não consegui avançar com o magistério. Então casei e mudei para o Estado de São Paulo e nesse período parei os estudos, pensei nem mais retornar ao Mato Grosso, mas dentro de mim tinha um objetivo, um sonho de fazer do meu processo uma história. Como diz Paulo Freire (1992, p.47) “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”.

Em 1997, após longo período que para mim foi como se tivesse sido uma eternidade, morar em uma cidade grande sem antes ter saído do interior do Mato Grosso, retornamos para terra natal na qual eu e minha família moramos desde sempre.

No ano de 1998, retomei os estudos sonhados na Escola 15 de Outubro, nesta instituição conclui o Ensino Médio – Propedêutico no ano de 1998, após concluir o Ensino Médio, me tornei mãe e novamente parei os estudos por dois anos. No final do ano 2000, juntamente a minha família fomos fazer uma visita aos tios do meu esposo no assentamento Antônio Conselheiro, particularmente fiquei encantada com o lugar com aquelas pessoas, sempre sorrindo mesmo com o semblante sofrido. No ano de 2001, me rendi ao convite para atuar como educadora no assentamento Antônio Conselheiro na Escola Estadual Paulo Freire, em substituição, pois alguns dos educadores que ali moravam e lecionavam estavam realizando seus sonhos de cursar uma faculdade de pedagogia. Valendo ressaltar, que desse convite nasceu uma paixão que tem perdurado até o presente momento. Passei a atuar como educadora, na qual no decorrer desses anos, já assumi o papel de Gestor Escolar, atuei em várias turmas e estou ativa na Unidade Escolar. Nesta instituição tenho contribuído para seu crescimento e desenvolvimento, bem como, a estruturação da mesma, nas lutas pela implantação da Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos e pela implantação do Ensino Médio, Curso Técnico de Agroecologia. Valendo ressaltar que neste curso só conseguimos formar duas turmas, mais valeu o esforço de cada um, e finalmente o principal foco: Ensino e aprendizagem, pois constituem desafios constantes sermos educadores do campo. Em 2005, através de parceria pela Prefeitura do município de Barra do Bugres - MT, e a Universidade Federal de Mato Grosso, ingressaram no curso de Licenciatura em Pedagogia para Educação Infantil. Os 90 km de distância entre minha casa no assentamento e os atendimentos com as orientadoras, não eram obstáculos, o entusiasmo em frequentar as aulas todos os finais de semana, mesmo sabendo que o retorno para o lar seria somente na segunda-feira pela manhã. Mas pensar os saberes me motivava avançar em cada descoberta, movida pela esperança do saber, onde o tempo vai passando afrontado as lembranças.

Fazendo notórias as palavras de Paulo Freire. Espaço para debates e argumentos encontramos na faculdade, momentos de diálogos com as diversidades. Neste contexto, é indiscutível o elo da instituição, com os indivíduos que dela fazem parte, constituindo uma nova dimensão de diversas configurações nos fazendo vislumbrar.

Conclui a graduação no ano de 2010, durante essa trajetória não foi feito somente uma única monografia e sim vários seminários a cada encerramento dos

percursos, as temáticas abordadas foram: Educação Infantil em Mato Grosso: Atendimento e perfil Socioeconômico; Significados na Educação Infantil: As diferenças e seus desafios; Saúde alimentação e Nutrição da Criança no espaço da Educação Infantil; Jogos, Brinquedos e Brincadeiras no Espaço Educativo: Uma Possibilidade Pedagógica; As maneiras de expressar o conhecimento na Educação Infantil e por fim Propostas educativas no espaço da Educação Infantil, sob a orientação da professora Silvana Dias de Oliveira. Valendo ressaltar, que minha formação não foi específica ao campo, mas há uma beleza no saber de uma criança e a convivência dela com o mundo. Como diz Paulo Freire, que o importante não é somente estudar, mas também a maneira que convivemos uns com os outros e isso tem seu início na mais tenra idade.

Em 2011, iniciei no curso de especialização em Alfabetização e Letramento pela UCAM – Universidade Candido Mendes, no qual o trabalho de conclusão de curso foi sobre: “Alfabetização e Letramento: Uma Interação no Processo Educacional.” Em 2012, concluiu a especialização, o presente trabalho possibilitou refletir quanto às práticas pedagógicas a serem desenvolvidas, bem como, as teorias já aprendidas na escola. Entretanto, o educador não cansa de adquirir conhecimento, o mesmo, se faz necessário nessa bonita profissão do saber. Neste contexto, em 2017 iniciei uma segunda graduação, Licenciatura Plena em Ciências Biológicas na ISEED – Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell e tendo em vista a conclusão do curso – pelo Programa Especial de Formação Pedagógica de Docente – FORDOC. Desta forma, o educador deve cada dia procurar ser completo no que faz e oferecer-se dando seu melhor.

No ano de 2018, iniciei duas especializações uma na UCAM – Universidade Candido Mendes, intitulada Psicopedagogia Clínica e Institucional, com o trabalho de conclusão: “Transtorno Globais do Desenvolvimento (TGD) Aspectos Gerais.” E a outra especialização pela Faculdade Futura, intitulada Educação no Campo, tendo como trabalho final: “Introdução no Campo”. Nesta perspectiva, todos os conhecimentos adquiridos nas especializações têm ampliado essa trajetória de saberes como educadora.

No ano de 2019, constituiu um novo desafio, desta vez o mestrado em educação pela ITS – Theology&Sciences Institute of Florida USA – INC, com o trabalho de conclusão: “Educação do Campo no Assentamento Antônio Conselheiro: Práticas Educativas Pedagógicas na Escola Paulo Freire”. Valendo ressaltar, o

mesmo, precisa ser validado no Brasil e o processo encontra-se em andamento para que possa está usufruindo dos benefícios outorgados.

Sendo assim, no decorrer desse processo acadêmico muitas barreiras foram quebradas e outras ainda nos aguardam, mas creio que com ajuda de Deus e esforço alcançamos os sonhos almejados, nesta trajetória de saberes tão gratificante que é o ser educador(a) do campo.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## CAPÍTULO 5

### MEMORIAL DAS EXPERIÊNCIAS E SABERES EM UMA ESCOLA DO CAMPO

*Deizimary Stella de Araújo*

Este memorial tem por finalidade a produção de um texto narrativo da minha experiência como estudante de uma escola do campo, contextualizando a realidade histórica e de lutas, abrangendo a conquista pela terra através da Reforma Agrária, bem como as dificuldades para o ensino e percepções individuais sobre os saberes produzidos nesse contexto, e que concernem para a minha construção profissional e crítica diante das experiências que vivenciei nesse período.

A minha inserção em uma escola do campo começa com a ida da minha família para a Fazenda Tapirapuã, que foi desapropriada dando origem ao Assentamento Antônio Conselheiro. Localizado a cerca de 26 km de Tangará da Serra na Rodovia Estadual MT-339, o assentamento envolve três municípios: Tangará da Serra, Nova Olímpia e Barra do Bugres. Com uma área territorial de cerca de 38.335 ha, subdividido em 36 núcleos sociais denominados agrovilas, uma comunidade com 12 lotes conhecido por Irrigação e outra, composta por 40 lotes, denominada Serra dos Palmares, é considerado um dos maiores assentamentos da América Latina.

No ano de 1998, eu era uma estudante do 8º ano do Ensino Fundamental, que sempre havia estudado em escolas urbanas, em específico na cidade de Arenópolis - MT, na qual minha família residia. A educação até então, sob meu ponto de vista, vinha desconectada de um pensamento crítico sobre a historicidade de lutas ou resistência dentro da própria educação, ou mesmo sobre a minha formação estudantil.

Durante o 3º Bimestre do mesmo ano, mudamos para o Assentamento, e isso provocou rupturas e transformações na minha vida social, familiar e estudantil. Com uma realidade adversa ao que estava acostumada até então, diante das dificuldades estruturais observadas, a citar os barracos de lona, falta de água encanada, a distância para um centro urbano e as condições precárias da escola

local, foi um período de inúmeras adaptações, mas também de transformações intrapessoais diante dessa realidade.

Estudei na Escola Estadual Ernesto Chê-Guevara, onde observei a educação muito interligada aos movimentos sociais de luta pela terra nesse período e que colaboraram para um repensar crítico sobre o papel da educação dentro das escolas de campo, haja vista que sua importância vai além do próprio ensino formal. Segundo Molina e Freitas (2011, p.19)

Tendo sua origem no processo de luta dos movimentos sociais para resistir à expropriação de terras, a Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil, e também se vincula a um projeto maior de educação da classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de um outro projeto de sociedade e de Nação (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 19).

Assim, lembro-me que o espaço escolar também era palco de reuniões das lideranças e comunidade, para tratar sobre os anseios referentes às conquistas dos lotes, os recados pertinentes às atividades que aconteciam paralelamente às aulas, como por exemplo as manifestações.

As dificuldades estruturais para o ensino também foram parte da minha trajetória estudantil. No primeiro momento, a escola estava organizada em barracões de lona e chão batido, por vezes, ficávamos sem energia elétrica e, por conseguinte, sem condições de ter aula naquele momento, já que estudava no período noturno.

No ano de 1999, houve a divisão dos lotes e as famílias que estavam concentradas naquele determinado ambiente, mudaram-se para as agrovilas, distanciando-se mais umas das outras. Com essa mudança, outros enfrentamentos foram necessários para dar continuidade aos meus estudos, agora cursando o 9º ano do Ensino Fundamental.

Nesse período, o ônibus escolar não passava em todas as agrovilas, devido às condições precárias das estradas, e com isso, eu precisava me deslocar todos os dias cerca de dois quilômetros para chegar ao ponto de ônibus. Quando voltava, dormia na casa de uma amiga, para não ter que fazer o trajeto de volta à noite e sozinha.

A escola tinha sido reconstruída, agora de madeira, e oferecia melhores condições para o ensino neste ano. Destaco aqui o trabalho dos docentes e demais profissionais da educação, que mesmo nas condições adversas que enfrentavam diariamente e os poucos recursos didáticos e estruturais que dispunham, buscavam formas de contribuir no aprendizado dos alunos, bem como para a manutenção e funcionamento da escola.

Nesse processo de ensino-aprendizagem, ainda com todas as dificuldades enfrentadas, reporto-me a Paulo Freire (1986, p. 32) ao considerar que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”. Desse modo, observo que o conhecimento construído nesse ambiente, constituíram-se como troca de saberes, envolvendo professores e alunos, dentro de uma discussão ampla da realidade compartilhada por ambos, buscando muitas vezes resoluções de problemas que não se restringiam a alguns, mas a todos dentro do ambiente escolar.

As dificuldades vivenciadas nesse período foram determinantes para muitas das minhas escolhas futuras, assim como para um amadurecimento pessoal quanto à necessidade de determinação para alcançar meus objetivos e metas profissionais.

Sendo assim, terminei o Ensino Médio em uma escola estadual de Tangará da Serra, frequentando o período noturno, indo e voltando diariamente do Assentamento, e após isso, ingressei no curso de Licenciatura e Graduação em Ciências Biológicas, pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus de Tangará da Serra. Durante esse período, fui bolsista de inúmeros projetos entre os quais destaco “Os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) no Assentamento Antônio Conselheiro” e “O saber camponês nas práticas escolares da escola Paulo Freire – Assentamento Antônio Conselheiro – MT.”

Conclui a graduação em 2008 e comecei a atuar na área da educação desde então, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental em escolas públicas estaduais e municipais de Tangará da Serra. Em 2013, ingressei no curso de mestrado em Genética e Melhoramento de Plantas pela Universidade do Estado de Mato Grosso, sob a orientação do professor Dr. Petterson Baptista da Luz, no qual conclui minha tese de dissertação intitulada “Criopreservação de espécies de *Passiflora*”.

Nos anos seguintes ao término do mestrado, voltei às salas de aula, trabalhando inclusive na escola do campo na qual um dia tinha sido aluna – Escola Estadual Ernesto Chê-Guevara – além de outros locais, como o Instituto Federal de Educação de Mato Grosso (IFMT), campus de Tangará da Serra, nos anos de 2017 a 2018.

Em 2018, fui aprovada em primeiro lugar no concurso público da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso – SEDUC – para o município de Sapezal, onde resido atualmente. Considero de extrema significância toda a experiência vivenciada na minha trajetória acadêmica, as vivências e trocas de saberes com inúmeros profissionais que contribuíram na minha formação profissional, tornando-a significativa e crítica.

Considerando que a educação se articula a diferentes dimensões e espaços da vida social, perpassada pelos limites e possibilidades da dinâmica pedagógica, econômica, social, cultural e política de uma sociedade (DOURADO & OLIVEIRA, 2009), sigo com o mesmo intuito que outrora os professores me proporcionaram, de contribuir na formação dos meus alunos, proporcionando a reflexão crítica e transformadora sobre o conhecimento dentro da realidade social de cada um.

## REFERÊNCIAS

DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622009000200004>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FREIRE, P. **Medo e ousadia**: Paulo Freire & Ira Shor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MOLINA, M. C.; FREITAS, H. C. A. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3072/2807>. Acesso em: 09 ago. 2021.

## CAPÍTULO 6

### RETALHOS DA MINHA VIDA

*Dinalva Araújo de Campos*

Este texto tem o objetivo de trazer à memória as fases de minha formação pessoal e profissional. E assim, busco recordar parte de minha trajetória de vida, pois “[...] contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribuir ao que é vivido na continuidade temporal do nosso ser psicossomático [...]” (JOSSO, 2004, p.48). Em outras palavras, relembrar os momentos vividos ajudam a reforçar a certeza que o caminho traçado até aqui foi o melhor.

Minha história se inicia no dia 20 de dezembro de 1960 na cidade de Rosário Oeste, interior do estado de Mato Grosso. Sou membra de uma família extremamente amorosa formada por 5 irmãos, sendo um homem e quatro mulheres, e meus pais Frederico e Dina, hoje já falecidos. Quando vivia, meu pai trabalhava como motorista e minha mãe costurava e fazia artesanatos. Tive uma infância tranquila, e um dos momentos mais marcantes em minha memória foi quando meu pai estava de folga e nos levava para Chapada dos Guimarães para tomar banho de cachoeira em junção de um belo churrasco, bem como nossas idas ao rio Cuiabá para fazermos piqueniques junto de alguns amigos. Meus pais são meus grandes exemplos, pois mesmo tendo pouco acesso à educação sempre incentivaram os filhos a estudarem. Meu pai, por exemplo, estudou apenas até o segundo ano do primário. Desse modo, sempre tive o apoio deles para estudar e me formar como professora, o que era o sonho de minha mãe para mim.

Minha juventude foi muito proveitosa, pude estudar, passear e conhecer diversos lugares interessantes. Em 1979 me casei, e tive dois filhos, Álvaro Junior em 1981 e Cristiany em 1984, e assim permaneci casada até 1997, quando dei entrada em um processo de divórcio. Meu filho primogênito é formado em Arquitetura e Urbanismo, já minha segunda filha iniciou o curso de Engenharia de Alimentos, mas não se identificou, e optou por cursar Pedagogia, a mesma

formação que a minha. Cristiany gosta muito de artesanatos e é dedicada em tudo aquilo o que faz, somos muito companheira uma da outra.

Minha trajetória profissional, como professora, se inicia em 1983 quando tive a primeira experiência em sala de aula na Escola Estadual Julieta Xavier Borges, lecionando para o 3º ano primário. Em 1985 e 1986 fui lecionar na Escola Estadual Alfredo José da Silva, localizada no bairro Maracanã. Logo após esse período, dei uma pausa como professora e me dediquei a vender confecções, mas o que eu gostava e gosto é estar dentro de uma sala de aula com meus alunos. Movida por essa paixão, decidi continuar meus estudos e fazer o curso de Pedagogia. Em 1999, comecei a trabalhar pela SEMEC/Secretaria Municipal de Educação de Barra do Bugres, lecionando para uma comunidade de Barra do Cambará, na beira do rio Sepotuba, onde a escola era rodeada de fazendas. Na turma multisseriada tinha 38 alunos. Minha moradia era na escola, sendo toda construída de madeira, sem acesso a energia elétrica e água encanada, tinha que extrair água de um poço artesiano. Eu fazia de tudo na escola, lecionava, preparava a merenda, lavava as cuinhas e limpava a escola. Meu horário de trabalho era das 7:00 às 14:00 horas, deste modo, das 7:00 às 11:00 horas eu lecionava, e das 11:00 às 14:00 fazia a limpeza da escola e ainda planejava a aula para o dia seguinte, sem contar que tive que deixar os meus filhos com minhas irmãs, porque lá não tinha o estudo adequado para eles. No ano de 2000, fui trabalhar na comunidade quilombola Baixio Vão Grande, com uma turma do 1º ao 4º ano multisseriado, no período matutino e com outra do EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno. As aulas noturnas eram ministradas sob a luz de um lampião, mesmo assim consegui alfabetizar uns 15 moradores do quilombo que não sabiam ler e nem escrever seus nomes, foi muito gratificante. Foi outra trajetória de muitas lutas, eu morava na escola e fazia todo trabalho como professora, merendeira e auxiliar de limpeza. Foi através do incentivo da Secretaria de Educação e da senhora Terezinha Florindo, que ano de 2005, eu e minhas amigas, Lucimara e Maria Helena, ingressamos na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) para fazer o curso de Pedagogia, foi um desafio e tanto, pois minha trajetória até chegar a faculdade durante toda semana era vir de carona em uma motocicleta com a professora Maria Helena, percorrendo 35 quilômetros de estrada de chão, muitas vezes sob chuvas e com atoleiros até chegar no distrito do Currupira para pegar um ônibus e percorrer mais 40 quilômetros para chegar a faculdade.

No quilombo só tinha o ensino primário, mas com muitas lutas conseguimos trazer para escola do 5º até o 9º ano do Ensino Fundamental, que era uma extensão da Escola Municipal Guimar de Campos Miranda. Os professores que lecionam no quilombo vinham do município todos os dias. A sala de aula era feita de pau a pique, coberto com folhas de coco do babaçu, e quando chovia, molhavam todos os nossos materiais e os cadernos dos alunos. Era uma aventura. Em 2010, conseguimos que a Escola passasse para o estado e que tivesse do primário até o ensino médio. Após toda essa luta, fui indicada para ser a primeira diretora dessa unidade escolar, meu mandato foi de 2010 a 2013. Nos anos 2014 e 2015, foi nomeada a professora Lucimara Martins Evangelista para ser a diretora nesse biênio. Quando terminou o mandato do biênio 2014/2015 voltei novamente para a direção da escola, fiquei no biênio de 2016 a 2018. Já no ano de 2019 fiquei na coordenação desta mesma escola, e em 2020 trabalhei como professora articuladora. Por fim, em 2021 estou lecionando para o ensino médio, as áreas das práticas do quilombo, incluindo práticas em artesanato quilombola, tecnologia social e práticas agrícolas do quilombo. Atualmente nesta comunidade existe uma linda escola, com acesso à energia, internet, que é o mínimo que os alunos merecem, mas ainda almejamos melhorar, oferecer mais conforto aos nossos alunos. Desejo fazer cada dia mais e mais por eles. Estou lá desde os anos 2000, gosto muito da escola e do quilombo, pois me considero parte desses povos e dessa comunidade. E foi lá que consegui concluir meus estudos e ainda fazer uma pós-graduação em psicopedagogia e cursos especializados na área quilombola. Atualmente, sou casada com João Castanho de Arruda, ele é o esposo que pedi para Deus, uma pessoa digna do meu amor e companheirismo. Sempre me apoiando em tudo, assim como meus filhos Álvaro e Cristiany, e também minha família. Considero que tudo até aqui valeu a pena, pois mesmo em meio a tanta dificuldade consegui alcançar meus objetivos, e principalmente graduar-me na área que mais queria e hoje ser professora.

#### REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

## CAPÍTULO 7

### RETALHOS DE MINHA HISTÓRIA

*Eliene Pedroza de Lima*

Minha história se inicia no dia 20 de Agosto de 1980 na cidade de Barra do Bugres, interior do estado de Mato Grosso. Venho de uma família extremamente amorosa, formada por 12 irmãos, sendo sete homens e cinco mulheres, e meus pais Juliana Pedrozo de Lima e Carmelito Antônio de Lima, hoje já falecidos. Quando vivos, meu pai trabalhava como agricultor, minha mãe costurava e ajudava meu pai na roça. Tive uma infância tranquila, e um dos momentos mais marcantes em minha memória é quando minha sobrinha ia para minha casa, nós morávamos no sítio, tomávamos banho de rio em junção de uma bela brincadeira, bem como nossas idas ao rio. Minha mãe é meu grande exemplo, pois mesmo tendo pouco acesso à educação, sempre incentivou os filhos a estudarem. Minha mãe, por exemplo, estudou apenas o primário, mas não terminou. Desse modo, sempre tive o apoio dela para estudar e me formar como professora, o que era o sonho de minha mãe para mim.

Minha juventude foi muito proveitosa, pude estudar. Em 1997 me casei, e tive dois filhos, Cleiton em 1998 e Michele em 2000, permaneci casada até 2014, quando me separei. Meu filho não quis fazer faculdade, apenas terminou o ensino médio, já minha filha iniciou o curso de direito e em 2022 concluirá.

Minha trajetória como professora, e primeira experiência em sala de aula se iniciou em 2007 na Escola Estadual Assembleia Deus, na turma de 2º ano primário em substituição a professora que estava em licença maternidade. Em 2007 e 2008 fui lecionar na Escola CESC- Centro Educacional Santa Cruz, localizada no bairro Centro. Movida por essa paixão, tive certeza do curso de Pedagogia. Comecei a trabalhar pelo Estado, lecionando para uma comunidade de Barra do Bugres.

No ano de 2012, fui trabalhar na comunidade quilombola Baixio Vão Grande, com uma turma do 1º ao 5º ano multisseriado, no período noturno da EJA (Educação de Jovens e Adultos), em 2013 lecionei na turma do 2º ao 3º ano, multisseriada, no período matutino e no vespertino, dava aula para educação infantil. Em 2014, lecionei em com uma turma de 1º ao 3º e duas turmas de história

na EJA. Em 2015, continuei com meus alunos, porque participava do curso do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC. Em 2016, fui para a Escola João Catarino de Souza, com a turma do 5º ano. Em 2017 e 2018, fui para a Escola João de Campos Borges, com uma sala de alfabetização e depois com o 4º ano, veio uma professora efetiva e assumiu a turma para a qual eu lecionava, então fui para a escola municipal Herculano Borges.

Os professores que lecionavam no quilombo vinham do município todos os dias. A sala de aula era feita de pau a pique, coberto com folhas de coco do babaçu, e quando chovia molhavam todos os nossos materiais e os cadernos dos alunos. Era uma aventura. Eu cheguei em 2012 e ainda participei das aventuras. Em 2010, conseguimos que a Escola passasse para o estado e que tivesse do primário até o ensino médio. Após toda essa luta, foi indicada para ser a primeira diretora dessa unidade escolar, a professora Dinalva Araujo de Campos, para o biênio de 2010 a 2013. Nos anos 2014 e 2015, foi nomeada a professora Lucimara Martins Evangelista para ser a diretora nesse biênio. Quando terminou o mandato do biênio 2014/2015, novamente a Dinalva Araújo de Campos foi diretora da escola onde ficou no biênio de 2016 a 2018. No ano de 2019, fiquei como professora articuladora, em 2020 fiquei como coordenadora pedagógica. Por fim, em 2021 estou lecionando para o ensino fundamental, ensino médio, EJA nas áreas de ciência, inglês, história, geografia, sociologia, filosofia das práticas do quilombo, onde inclui práticas em artesanato quilombola, tecnologia social e práticas agrícolas do quilombo, até o mês de abril, depois fui para uma sala global da EJA do 1º segmento multisseriado.

Atualmente nessa comunidade existe uma linda escola, com acesso à energia, internet, que é o mínimo que os alunos merecem, mas ainda assim almejamos melhorar, ainda mais o conforto de nossos alunos. Desejo fazer a cada dia mais e mais por eles. Estou lá desde os anos 2012, gosto muito da escola e do quilombo, pois me considero parte desses povos e dessa comunidade. E foi lá que conheci a professora Madalena Santana de Sales, professora de matemática e a professora Marcia Rezende de Sousa, e professora de português; elas é são como irmãs pra mim, sempre estão me ajudando em as minhas dificuldades, me apoiando em tudo, tenho outros colegas que trabalham na escola e que são ótimos professores, bem companheiros, quando peço e ajuda a eles, sempre estão dispostos a ajudar.

Sempre tive apoio em tudo, dos meus filhos Michele e Cleiton, e também da minha família. Considero que tudo até aqui valeu a pena, pois mesmo em meio a tanta dificuldade consegui alcançar meus objetivos, e agradeço a Deus por tudo, que sempre esteve comigo, obrigada Deus.

#### REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

## CAPÍTULO 8

### TRILHOS ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS

*Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho*

Proponho-me aqui a apresentar um memorial crítico, nele busco reconstruir minha história de vida acadêmica e profissional, embora, parafraseando Soares (1991), “Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora. Esforço-me por recuperá-lo tal como realmente e objetivamente foi, mas não posso separar o passado do presente” (SOARES, 1991, p.37-8). Escrever sobre a minha trajetória possibilita, entre outras coisas, a reflexão sobre minha existência e o emaranhado de decisões, posturas e emoções aos quais tenho me submetido ou escolhido na minha jornada.

Nasci no interior do Rio Grande do Norte, filha de Luiz e Maria, um casal de pescadores que, devido às condições desfavoráveis, partiu da terra natal para buscar, na cidade grande, oportunidades de uma vida melhor para criar os quatro filhos. No seio familiar, aprendi lições de cidadania. Com minha mãe, aprendi, como diz Ernesto Che Guevara, “a endurecer, sem perder a ternura”; com meu pai, aprendi a partir da expressão dos seus olhos, no tom manso e suave da sua voz: “isso é jogo da vida, filha!” Foi assim que aprendi “a perder sem me perder”; com meus irmãos, aprendi “a arte da partilha”, e a literalmente, “dividir o pão”. Esses saberes que aprendi e apreendi no seio familiar levei comigo para “o mundo complicado das letras”, a escola pública onde estudei desde a Educação Infantil, mas que “descomplicou”, no segundo ano escolar, quando aprendi a “ler as palavras”. Levei também para o movimento social, para meus fazeres profissionais, para a família que eu formaria, para a criação dos quatro filhos que Deus me deu: Henrique, Plínio, Eloênia e Philippe. Saberes que depois se somaram a outros, nem mais, nem menos importantes.

Em viagem ao Rio Grande do Norte, conheci o Assentamento Modelo, no município de João Câmara, onde fui trabalhar como monitora, quando participei do Encontro dos Educadores e Educadoras do Movimento Sem Terra- MST, aquela experiência mudaria o rumo da minha história. Casei com Plínio Carvalho, que, naquela época, representava o Rio Grande do Norte na Coordenação Nacional do

Movimento Sem Terra. Juntos, atuamos como militantes do MST. No seio do MST contribuí na elaboração e execução de um Projeto Voluntário no Assentamento Antônio Conselheiro-MT: “Plantando Cirandas” do qual nasceram: a atual Escola Estadual do Campo Marechal Cândido Rondon e a minha “Carreira de Professora”.

O Projeto Plantando Cirandas nasceu em 1998 com a finalidade de apaziguar um problema vivenciado no acampamento, quando a organização do MST passou por um desentendimento interno e aproximadamente trezentas famílias criaram uma organização paralela dentro do acampamento dando origem à Associação Tapirapuã. Diante do conflito, o Movimento Sem Terra constituiu uma equipe de 10 famílias para montar acampamento fixo na sede da fazenda, localizada a 60 Km da sede do município de Tangará da Serra. Mudamos logo em seguida. Lá não havia transporte, socorro médico hospitalar, luz, nem escola. Surgiu, então, a necessidade de instituir uma escola para atender os filhos daquelas famílias, dentre eles, o meu próprio filho de sete anos na época. Ao procurarmos a Secretaria Municipal de Educação, fomos informados da impossibilidade de contratação de professor. A saída encontrada por aquele grupo de famílias foi a implantação do Cirandas, em consenso, decidimos “Plantar uma Ciranda”, fazê-la florir e frutificar. Todo o trabalho era voluntário. As aulas eram ministradas em sistema de unidocência em um casarão antigo, construído por Marechal Cândido Rondon. As mulheres se alternavam para fazer a merenda e cuidar da horta escolar, as jovens auxiliavam nas aulas, nos cuidados com a biblioteca (organizada em caixotes de papelão); aos homens cabia limpar o pátio, roçar o pasto em volta do casarão. À noite, sob pouca luz, esses homens e mulheres se assentavam naquelas cadeiras para que eu lhes explicasse “o mundo complicado das letras”. Foi assim “plantando ciranda” que me tornei educadora.

Ingressei no Curso de Pedagogia do Instituto Tangaraense de Educação e Cultura (ITEC), por meio da concessão de uma bolsa de estudos oferecida pela prefeitura de Tangará da Serra – MT. Logo, no primeiro semestre, aprendi, com as aulas ministradas pela professora Doutora Hellen Cristina de Souza, que a faculdade seria também um espaço para discussão e reflexão; dela receberia, no final da graduação, o convite para contribuir no NEED/ Núcleo da Educação e Diversidade da Unemat/campus Tangará da Serra e, principalmente, o carinho com o qual ela me orientou/orienta nos trilhos que me conduziram à pesquisa.

No final de 2003, apresentei como conclusão de curso de graduação a pesquisa denominada “Vida e história: Considerações sobre a educação no Assentamento Antônio Conselheiro”, quando fui orientada pelo professor Doutor Carlos Ednei de Oliveira a registrar as narrativas relacionadas à educação no Assentamento. Na minha banca de avaliação, estava a professora Doutora Leonice aparecida de Fátima Alves Mourad/UFMS, com quem tenho aprendido desde então e de quem recebi o convite de parceria para coordenar o GT: Educação do Campo e Trabalho, quando das realizações dos “Fóruns de Educação e Diversidade”, organizados pelo NEED na UNEMAT/Campus de Tangará da Serra.

Em 2006, eu e meu esposo fomos aprovados no concurso público do município de Nova Olímpia. Assumimos o concurso na Escola Reinaldo Dutra Vilarinho, localizada no Assentamento Rio Branco, a 60 Km da sede do município Nova Olímpia, foi uma bela experiência, pois a Escola abriga uma grande diversidade cultural. Pouco tempo depois, fui aprovada no Concurso Público do Governo do Estado e assumi as aulas na Escola Estadual Paulo Freire, localizada na agrovila 28 do Assentamento Antônio conselheiro.

Nesses trilhos, cursei três especializações: a primeira, em “Psicopedagogia e Gestão Escolar”, no Instituto Cuiabano de Educação; a segunda, em “Literatura Mato-grossense”, na Universidade Estadual de Mato Grosso/UNEMAT-campus de Tangará da Serra; a terceira em “Práticas em Educação do Campo”, na Universidade Estadual de Mato Grosso/UFMT.

O ingresso no curso de Mestrado em Educação/UFMT, no qual fui carinhosamente recebida e orientada pela professora Doutora Suely Dulce de Castilho, possibilitou-me ver que as ausências sofridas pelas comunidades de assentamentos e acampamentos de Reforma Agrária, também são sentidas e vivenciadas nas comunidades quilombolas do País, fato que instigou minha curiosidade e aumentou minha inquietação quanto ao destino das comunidades que não registram sua história a respeito dos saberes invisibilizados pela colonialidade do poder, do saber e do ser.

Tais temáticas têm motivado meus estudos e pesquisas no atual doutoramento que estou realizando na UFMT sob a orientação da professora Doutora Suely Dulce de Castilho, no seio do Grupo de estudos e pesquisas em Educação Quilombola/Gepeq-UFMT. O Gepeq é, mais do que um grupo de pesquisas, é um lugar de troca e partilha; de sonho e luta; de aconchego e colo. O

colo que o Gepeq/UFMT e o Need/unemat me oportunizaram me fizeram vivenciar as palavras de Freire (1996), quando ele profere que ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo, em que pensar certo é fazer certo (p.38); não distante, Maturana (1999, p.33) parece concordar com Freire ao dizer que tal como vivemos, educamos. Eu sigo desejosa em seguir avante, fazendo minhas as palavras de Marti, quando ele afirma que “fazer é a melhor maneira de dizer”, assim, ignorando toda a dor, prossigo, porque afinal como diz a canção: “sempre é tempo de aprender, sempre é tempo de ensinar”.

#### REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leilão... [et. al.] 4. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

SOARES, Magda Becker. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991. 124 p.

## CAPÍTULO 9

### **MEMÓRIAS DE UMA MULHER, NEGRA, MÃE, PROFESSORA, QUILOMBOLA: SUAS LUTAS E CONQUISTAS A PARTIR DA EDUCAÇÃO FORMAL**

*Gonçalina Eva Almeida de Santana*

Tataraneta de africano escravizado, eu sou da linhagem de uma das poucas famílias que resistiram no Território Quilombola de Mata Cavallo, localizado em Nossa Senhora do Livramento/MT, apesar de toda adversidade sofrida. Além da perseguição praticada por fazendeiros que queriam, a todo preço, o nosso pedaço de chão, também sofriamos com os resquícios das consequências deixadas pela escravidão, tais como: pobreza, analfabetismo e discriminação. Nesse ambiente, cresci sempre ouvindo de meus pais e avós sobre a importância da educação formal para transformarmos o nosso meio e superarmos o preconceito. Certa da mudança que minha vida teria se estudasse, a felicidade tomou conta de meu ser quando, minha avó Tereza, que lecionava na Escola Estadual José de Barros Maciel, localizada em Nossa Senhora do Livramento, levou-me para matricular numa escola de ensino fundamental desse município. Nessa escola, sofri todo tipo de discriminação por parte de professores e colegas (hoje reconheço isso), pois, além de ser negra, era uma das poucas crianças da zona rural que frequentava a escola na cidade.

Nessa escola, aprendi a ler e escrever, mas, mesmo assim, eu me sentia deslocada e, às vezes, intrusa, pois as histórias que eu ouvia sobre gente da minha cor e da minha localidade eram sempre ruins e inferiorizadas. Na história, o meu povo era mostrado a mim e aos colegas como escravizados, sem alma, sem cultura. A minha gente da zona rural era mostrada como ignorante, sem estudo, que somente servia para os trabalhos braçais. Às vezes, até éramos ameaçados pelos professores, que diziam que, se não estudássemos, seríamos como nosso povo, como se isso fosse o pior que poderia acontecer a um indivíduo. Após terminar o ensino fundamental, no ensino médio, matriculei-me no curso de Magistério, seguindo os passos da minha avó Tereza e da minha mãe Lúcia, que também foram professoras.

Em 1994, após finalizar o Magistério, passei a dedicar o meu tempo a ajudar minha mãe na sala de aula, com o intuito de me aperfeiçoar na nova profissão. A escola, naquela época, funcionava na nossa própria casa, em Mata Cavallo, onde minha mãe ministrava as aulas numa sala multisseriada de 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Durante a minha passagem pela educação básica, em nenhum momento, algum docente trabalhou as questões raciais, em especial, a história do negro, com o intuito de recontar a verdadeira biografia desse povo. Ao contrário, repetia as histórias contadas pelo livro didático, que, na maioria das vezes, traz uma abordagem distorcida, etnocêntrica e impregnada de preconceito e discriminação. Ou ainda, as histórias eram baseadas no que foi contado por seus professores ou pela sociedade livramentense, também de modo equivocado.

Em 1996, motivados pelos conflitos com fazendeiros, os moradores da Comunidade, incluindo a minha avó, resolveram criar uma associação de produtores para lutar contra a expulsão das famílias e para reconquistar áreas já tomadas pelos fazendeiros. Criaram, então, a Associação de Pequenos Produtores Rurais, onde atuei como secretária. Comecei, nesse momento, a tomar consciência sobre o que os meus pais e avós falavam, quanto à importância da escolarização formal. Cabia a mim organizar a associação, escrever ofícios e ler os documentos, pois os demais membros da associação ou eram analfabetos ou tinham dificuldade com a escrita.

Com a implantação da Escola Municipal São Benedito na Comunidade de Mata Cavallo, em 1996, comecei formalmente o exercício do magistério, aos 19 anos de idade, numa sala feita de pau a pique, coberta com palha de babaçu, com turma multisseriada. Ali, eu era auxiliar de limpeza, merendeira e professora ao mesmo tempo. No início da minha carreira, tinha impregnado em mim a forma de ensinar como eu fui ensinada, conteúdo desconexo da realidade, num currículo eurocêntrico, influenciado pelo livro didático, que era o único recurso pedagógico ao qual tinha acesso. Todavia, esse modo de ensino me incomodava desde quando eu era estudante do primário. Comecei, então, a procurar recursos didáticos, no intuito de abordar conteúdos mais críticos e mais próximos da realidade dos estudantes. Apesar da precariedade de recursos, era o início de uma nova era na Comunidade. A partir da minha entrada no movimento Negro (Grucon/MT), passei a conhecer a verdadeira história do meu povo negro. Uma história que, durante meus (até então) 19 anos de vida, eu nunca havia tido contato.

De posse da história real do negro, comecei a buscar a história do povo da minha Comunidade, mostrando para os meus discentes e moradores como a nossa história é bonita e importante para o nosso País e, ao mesmo tempo, fui desmentindo e desmistificando a história que os livros didáticos mostravam e que as pessoas contavam através dos tempos, com o intuito de inferiorizar e diminuir os africanos e seus descendentes.

No ano de 2005, ingressei no Curso Normal Superior, concluindo-o em 2009. Tinha realizado o sonho de ser universitária! Porém o incômodo continuava por não ver na instituição a preocupação com a formação voltada para a prática do respeito às diferenças. Paralelo à luta pela formação superior, no movimento quilombola, lutávamos também pela regularização fundiária e demais políticas públicas, entre elas, a implementação de uma escola com uma estrutura melhor na Comunidade, onde pudéssemos ter até o ensino médio, evitando, assim, que as nossas crianças tivessem de deixar o seu local de origem para estudar em Nossa Senhora do Livramento ou arredores, pois lá sofriam muita discriminação e outras influências negativas para a formação delas. Nesse sentido, após muitas reivindicações da Comunidade junto aos órgãos Municipal e Estadual, conseguimos, em julho de 2012, a construção e reinauguração da Escola Estadual Professora Tereza Conceição Arruda, época em que eu já era professora concursada do Estado de Mato Grosso, tendo sido, inclusive, designada para ser a primeira diretora da nova escola.

Em continuidade à nossa luta é embasada na Lei n.º 10.639/2003, que alterava a Lei n.º 9.394/1996, a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", propiciando, assim, meios de inclusão da Educação Quilombola não somente na esfera nacional, mas também nas orientações curriculares para Educação Étnica-racial de Mato Grosso, iniciei, juntamente com os professores e demais membros da comunidade local, a luta pela implementação do currículo específico tão sonhado e desejado.

Em janeiro de 2015, deixei a direção da escola quilombola para assumir o cargo de Superintendente de Diversidades Educacionais na Seduc/MT, onde a luta foi além da minha Comunidade de Mata Cavallo. Nessa nova empreitada, além dos quilombolas, tive a prazerosa missão de trabalhar com Educação Escolar Indígena, Educação do Campo, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos e também

Diversidades e Direitos Humanos. Nessa experiência na Seduc/MT, percebi que as batalhas para a efetivação da especificidade da educação quilombola vão além da aprovação de uma lei, pois o órgão que escreve a política (e é responsável por implantá-la) não está preparado para lidar com ela, por conta de um sistema inoperante que não considera adequadamente a diversidade existente e acaba por dificultar a implementação dessas políticas no chão da escola.

No ano de 2016, ainda na Seduc/MT, senti que precisava de um caminho no intuito de me preparar ainda mais para lidar com esse sistema educacional totalmente despreparado para trabalhar com as especificidades quilombolas. Então, a Professora Doutora Suely Dulce de Castilho me convidou para conhecer o Grupo de Pesquisa em Educação Escolar Quilombola da Universidade Federal de Mato Grosso (GEPEQ/UFMT), coordenado por ela, o qual desenvolve estudos sobre quilombos. Fui até à UFMT, conheci o Grupo e comecei a participar de um projeto coordenado pela Doutora Castilho. Esse Projeto propunha discutir a formação de professores quilombolas. Comecei a participar do Projeto e do curso de extensão oferecido (Formação de Professores Pesquisadores) e fui sentindo dentro de mim o desejo de não ser apenas coadjuvante da história quilombola, mas, sim, protagonista na busca de uma resposta para as inúmeras indagações a respeito desse fazer pedagógico específico e diferenciado.

Diante de toda essa trajetória e da necessidade de aperfeiçoar meus conhecimentos em relação à Educação Escolar Quilombola, fiquei sabendo do seletivo para mestrado do Instituto de Educação da UFMT, que tinha cotas para quilombolas. Candidatei-me à vaga, esperançosa de que a pesquisa poderia me ajudar a contribuir, ainda mais, com a minha Comunidade e com os demais quilombolas de Mato Grosso, e quiçá do Brasil, encontrando novos meios de consolidar a educação específica nas escolas quilombolas.

No ano de 2019, consegui o título de Mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso. A partir de 2019, estou Coordenadora Pedagógica da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda, localizada no Quilombo Mata Cavalo, Nossa Senhora do Livramento/MT, local onde também resido desde o meu nascimento. À frente da Coordenação Pedagógica, tenho buscado fazer um trabalho de fortalecimento da Educação Escolar Quilombola. Também tenho aproveitado os conhecimentos adquiridos para dar mais qualidade à Luta Quilombola pela

efetivação dos nossos direitos, principalmente, na questão da regularização fundiária do território Matacavalense.

## CAPÍTULO 10

### MEMORIAL: “MINHA TRAJETÓRIA”

*Ivanir Gonçalves Alves*

O presente memorial tem o objetivo de produzir um texto analítico e crítico com informações e reflexões sobre minha trajetória de vida: escolar e profissional, bem como meu processo de inserção e atuação docente. Dessa forma, busco reconstruir neste memorial minha história de vida acadêmica e profissional, refletindo nas seguintes palavras.

“Em nós apenas existem quatro faculdades que podemos usar segundo o nosso intento: o entendimento, a imaginação, os sentimentos e a memória” (Descartes).

Um casal de namorados se casou no interior de Minas Gerais, e se mudou para a capital de São Paulo. Ele se tornou eletricitista, ela do lar: meus pais. Eu, a terceira filha de quatro filhos. Apesar de uma vida boa na capital de São Paulo, aprendemos muito cedo a valorizar a vida e colaborar com nossos pais. O diálogo em família sempre foi muito valorizado entre nós. O respeito, amor e compreensão, sempre estiveram em primeiro lugar em nossa família. Compreendemos o trabalho árduo e contínuo do meu pai e o capricho de uma esposa sábia em minha mãe.

Não havia problemas quanto à distância da escola, dificuldade financeira também não eram fatores que nos impediam de progredir nos estudos. Tudo estava muito bem, até surgir o desemprego e meus pais tiveram que buscar melhorias, saindo do estado de São Paulo e vindo para a cidade de Nova Olímpia MT, onde estava iniciando a usina Orpeca (Atualmente usina Uisa), em 1984, e meu pai conseguiu um emprego. No início, não foi nada fácil para nos acostumarmos nessa cidade, mas, aos poucos, fomos nos adaptando.

No final do ano de 1984, com apenas 10 anos, comecei a trabalhar em uma casa de família. No intuito de ficar fazendo pequenos trabalhos até que os mesmos conseguissem uma pessoa experiente... Então, se agradaram do meu serviço e fiquei trabalhando por um período de três meses. Depois dessa experiência, não

fiquei mais em casa... Continuei a trabalhar e conseguindo realizar as tarefas propostas. Sempre trabalhando e estudando.

Quando ingressei no Ensino Médio, a única escola da cidade só ofertava o Magistério. Como não tinha nenhum interesse em lecionar, eu decidi ir para a cidade de Tangará da Serra MT, estudar o Ensino Médio Técnico em Contabilidade. Gostei muito do curso, mas infelizmente os meus pais tiveram problemas em seus relacionamentos conjugal e acabei me envolvendo de tal forma que prejudicou a minha jornada escolar. No ano seguinte, eu voltei para a cidade de Nova Olímpia e então, fui estudar Magistério. Nesse tempo, eu já estava namorando.

Em pouco tempo, meus pais se separaram e eu tive que ajudar minha mãe. Trabalhando, estudando e namorando, continuei minha vida, mas de uma forma muito constrangedora... “Filhos não gostam de ver seus pais separados” e eu não era diferente. Eu sempre fui muito apegada a meus pais e, principalmente, a meu pai. Eu senti muito a separação deles a ponto de ficar muito doente.

O tempo foi passando e, apesar do sofrimento, eu nunca parei de lutar. Continuei trabalhando e estudando, sempre ajudando a minha mãe no que fosse possível. Após um ano da separação dos meus pais, eu e o meu noivo decidimos nos casar, em janeiro do ano de 1993. Depois de casada, ainda estudei um ano e logo veio meu primeiro filho, então, parei de estudar.

Enfim, fiquei sem estudar por seis anos... Nesse intervalo, tive minha segunda e terceira filha. E sempre sentia muita vontade de voltar pra escola e terminar o Ensino Médio para então fazer um curso superior. Foi então que decidi e fui terminar, agora então, não mais o Magistério, mas o Supletivo em Propedêutico numa escola na cidade de Barra do Bugres. Terminei em seis meses.

Nessa época, no ano final do ano de 1999, meu esposo estava acampado na sede da fazenda que seria o P.A (Projeto de Assentamento) Rio Branco, no município de Nova Olímpia MT, e num período de sete meses, repartiram a terra e fomos assentados, também saíram os primeiros recursos de Fomento e as casas. Minha casa foi construída em quinze dias e assim que terminaram, em julho do ano de 2000, já levamos a nossa mudança, matriculamos as crianças na escola no P.A Vale do Sol (Assentamento vizinho) e começamos a trabalhar em nossa tão sonhada propriedade.

Em poucos meses, fomos despertados pelo INCRA e Sindicato para nos organizarmos e fazer uma Associação dos Trabalhadores no P.A Rio Branco. Fui

convidada pelos moradores a montar uma chapa e assim fizemos, sem nenhuma experiência, mas com muita vontade de lutar. Tudo ocorreu da melhor forma, dentro dos parâmetros legais e por dois anos e meio eu fui Presidente daquela Associação. Lutamos muito, corríamos atrás de benefícios para a nossa comunidade e éramos muito bem sucedidos. Conseguimos energia elétrica do programa (Luz para todos), construção da escola “Reinaldo Dutra Vilarinho”, projeto de investimentos, máquina de arroz, farinheira, ambulância disponível no P.A Rio Branco para atender até as comunidades e fazendas vizinhas, um caminhão para transportar os produtos dos produtores para feira, tratores, resfriador de leite, cursos para homens e mulheres, custeios etc. Éramos uma comunidade feliz e organizada, povo participativo e colaborativos. Até as principais comemorações como: Natal e Dia das crianças, conseguíamos brinquedos para todas as crianças do P.A. Rio Branco.

Assim que a escola Reinaldo Dutra Vilarinho começou a funcionar, eu fui convidada a trabalhar com uma sala de Pré I, aceitei o convite, mas sempre convicta da necessidade de fazer um curso superior. Trabalhei um ano e voltei para morar na cidade e então fiz o curso de Pedagogia presencial na faculdade UNITAS em 2004. Durante o período de estudo, trabalhei com o Brasil Alfabetizado (programa do governo federal), trabalhei como merendeira na escola João Monteiro Sobrinho e revendia enxovais para ajudar no orçamento familiar.

Em 2008, terminei o curso de Pedagogia, em fevereiro de 2009, fiz a Colação de grau e, no mesmo mês, fiz o meu primeiro teste seletivo da Secretaria Municipal de Educação de Nova Olímpia, ficando em 12º lugar. Trabalhei com uma sala de 3º ano de superação e já ingressei na pós-graduação em Psicopedagogia.

Em 2010, trabalhei no município de Tangará da Serra e em 2011, depois de concorrer a um teste seletivo para uma vaga da Secretaria Municipal de Educação de Nova Olímpia, na escola Reinaldo Dutra Vilarinho, eu voltei para o Assentamento e por lá fiquei morando e trabalhando até 2015. Nesse intervalo, consegui ingressar em uma pós-graduação em Educação do/no Campo, pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Assim, a jornada não pode parar. Continuo trabalhando na cidade, ainda como contratada, nas escolas do Estado e Município. Em 2020, terminei outro curso superior em Letra/Português pela UNIFACVEST (Universidade A Sociedade de Educação Nossa Senhora Auxiliadora Ltda - SENSAL). Mas continuo atuando como pedagoga. Com Deus no comando sempre da minha vida, encarando desafios e

sempre crescendo profissionalmente, já passei por muitas turmas, mas a minha afinidade é sempre Alfabetização.

Ao longo dos anos, venho publicando artigos, participando de eventos, apresentando trabalhos em forma de comunicação oral e pôsteres relacionados a vários aspectos da Educação do Campo, tais como: A Educação do Campo no município de Nova Olímpia MT, Patrimônio escolar, A escola “Reinaldo Dutra Vilarinho”, e outros...

Nessa perspectiva, venho em minha jornada acadêmica e profissional, procurando caminhos que valorizem, tanto a Educação do Campo quanto os saberes que são construídos por pessoas que creem em uma educação voltada e comprometida com as comunidades que nelas habitam, onde temos o prazer de viver e viver muito bem!

“Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno” (

Rubem Alves

#### REFERÊNCIAS

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. s.1. Ática, São Paulo.2007

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: Ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

## CAPÍTULO 11

### MEMORIAL: MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE

*João Paulo Silva*

A presente narrativa descreve a minha vida profissional na área da Educação como docente em escolas públicas estaduais. Philippe Lejeune em seus estudos sobre narrativa do eu, propõe uma definição para autobiografia: “narrativa é uma retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”, assim ato de narrar a própria história nos traz à lembrança que oportuniza a construção e/ou reconstrução de si mesmo.

Nessa análise reflexiva e descritiva do eu me proponho a tentar relatar os caminhos percorridos de minha vida profissional como Professor de Matemática.

Nasci no Distrito de Tangará da Serra: São Jorge, em casa, dividindo a atenção de minha amada Mãe (in memoriam) com os meus seis irmãos, 5 homens e uma mulher (Maria). Aos dois anos de idade fomos morar na cidade de Castanheira e logo depois mudamos para Juína, onde iniciei os estudos aos sete anos e meio na Escola Padre José de Anchieta. Quando fui cursar o 6º Ano do Ensino Fundamental voltamos para a cidade de Tangará da Serra onde cursei até a conclusão do Ensino Médio na Escola Estadual 13 de Maio. Iniciando uma nova etapa, a Universidade, mas qual curso escolher? Após findar o 3º Ano ainda estava em dúvida, prestei vestibular para Ciências da Computação, no entanto, não foi aprovado, no semestre seguinte mudei de opção, escolhi o curso de Licenciatura Plena em Matemática, por ser menos concorrido e com a intenção de migrar para o curso de Ciências de Computação, foi aprovado e iniciei em 2003 na Universidade do Estado de Mato Grosso no campus de Barra do Bugres. Foram quatro anos e meio, pois reprovei um semestre, de longas viagens de Tangará até Barra do Bugres e com muito aprendizado e esforço para conciliar o trabalho e os estudos. Nesse período universitário, encontrei minha amada, e ela me encontrou, e foi pai pela primeira vez, parece pouco tempo e muitas realizações. Durante a graduação lecionei por aproximadamente seis meses na Escola Estadual Pedro Alberto Tayano.

Em 2009 foi contratado pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos CEJA Antônio Casagrande, esse contato com o Ensino me contagiou, pois a escola possuía uma metodologia específica para EJA. O público diferenciado com vontade de aprender e eu com ânimo de ensinar, foi uma experiência fantástica. Em maio de 2009 foi nomeado para o concurso público do Estado no município de Juína, onde trabalhei no CEJA Alternativo até dezembro deste ano, também vivenciei experiências maravilhosas com os estudantes do EJA e com os profissionais da educação.

Em 2010 retorno ao município de Tangará da Serra e foi lotado no mesmo Centro de Ensino que estava em 2009, em 2010 e 2011 vivenciei uma experiência na função de Coordenador Pedagógico e entre os desafios estava o de coordenar o projeto de formação continuada, possibilitando-me a construção de novos olhares sobre a formação continuada, bem como sobre a prática pedagógica dos professores. De 2013 até 2015 exerci a função de diretor escolar, a qual foi muito desafiadora, pois descobri que não basta somente a vontade de querer fazer o bem para a educação, para fazer tem muitas barreiras físicas e “invisíveis” como o relacionamento interpessoal, a legislação que é elaborada com um interesse e nem sempre é o interesse do coletivo e sem dúvida a barreira da politicagem que vai na contramão de uma política saudável.

Em 2016 foi lotado na Escola Estadual Marechal Cândido Rondon, uma Escola do Campo, na Zona Rural de Tangará da Serra, o motivo da mudança foi de ficar mais próximo dos pais da minha esposa e ingressar no Mestrado. No primeiro seletivo não obtive sucesso, no entanto, no ano seguinte iniciei no Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso no mesmo campus onde cursei a graduação, em Barra do Bugres. O mestrado foi uma experiência exaustiva, porém de muito aprendizado com professores e mestrandos empenhados a ensinar e cooperar com a aprendizagem do outro.

Em 2019 foi candidato a direção da Escola Estadual Marechal Cândido Rondon por dois anos, onde exerci a função somente no ano de 2019, pois, em 2020 a escola sofreu um processo de municipalização, ofertando somente o Ensino Médio pela rede estadual, vincula a Escola Estadual Ministro Petrônio Portella Nunes.

Em 2021 assumi a direção da Escola Estadual Petrônio Portella Nunes, localizada no Distrito de São Jorge, onde estou atualmente. Nos dois últimos anos a cidade e o Planeje enfrentaram uma pandemia que afetou gravemente a vivência na escola, onde oportunizou a construção de novas formas de ensinar, novas metodologias para continuar a educar os estudantes.

A experiência de narrar a própria história, nos leva à lembranças de fatos e a refletir sobre estes proporcionando uma análise e reconstrução de nossa prática docente, assim afirmo a definição do autor LEJEUNE, é uma experiência enriquecedora.

#### REFERÊNCIAS

FERREIRA, Geralda de Aparecida, **Entre memórias e autobiografia: narrativas de Cyro dos Anjos e Darcy Ribeiro**, 187f. UFMG. Tese – Belo Horizonte, 2013

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

## CAPÍTULO 12

### TRAJETÓRIA ACADÊMICA: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

*Josiane Miranda Barbosa*

Com o propósito de registrar minha trajetória acadêmica, eu escrevo esse texto. Por meio da escrita podemos eternizar memórias, resgatar lembranças, experiências e vivências que constituíram quem somos. Sabemos que o passado não voltará, porém, ao lembrarmos, estamos revivendo as etapas que nos fizeram chegar onde estamos. Por isso, com o mesmo pensamento de Freire (1994, p. 15-16), escrevo: “gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e porque luto, valem a pena ser tentados”. Minha trajetória não tem sido fácil, mas consegui alcançar muitos dos meus objetivos pelos quais lutei. Convido-os a conhecer o processo, e, ao final, o resultado, o qual sinto muita felicidade em compartilhar.

Tenho muito orgulho da minha história pois sou de família humilde. Meu pai é sergipano, saiu da cidade do Maranhão aos 17 anos em busca de melhores condições de vida, deixou a sua família e veio para Nova Olímpia -MT. Minha mãe é paranaense, veio para o estado de Mato Grosso ainda pequena, com seis anos e meus avós também vieram em busca de uma vida melhor. Meus pais se encontraram na minha cidade natal, casaram-se jovens e logo os filhos nasceram. Somos três: a primogênita tem 24 anos, eu, 22 e o caçula, 17. Meus pais não haviam terminado os estudos e também não tinham profissão, trabalhavam como podiam para se sustentarem. Minha mãe parou de estudar aos 14 anos e meu pai ainda é mais novo. No ano de 2002 eles ganharam um sítio do Sindicato dos trabalhadores rurais, no Assentamento Riozinho. Lá, crescemos e vivemos a maior parte da nossa infância. Apesar de não terem concluído a escolaridade, eles sempre incentivaram meus irmãos e eu a termos os estudos como prioridade.

A escola do campo sempre foi uma segunda casa, pois eu estava lá diariamente. Além disso, a relação entre professores e alunos sempre foi muito boa, já que todos se conheciam, não somente os alunos da escola, mas também as famílias. Isso contribuiu para criar um ambiente mais agradável e perceptível no

ambiente escolar. Os professores sabiam das dificuldades de cada um, tanto acadêmica quanto socioeconômica, e buscavam sempre ajudar da melhor maneira. Morávamos há uma hora de ônibus, da escola. Até o 5º ano, eu estudava no período da tarde, mas, depois, era no matutino. Por isso, eu e minha irmã acordávamos de madrugada para irmos de ônibus. Sempre fui muito dedicada, me esforçava ao máximo para ter notas boas e nunca reprovar. Lembro-me quando passei para a segunda fase da Olimpíada de Matemática - a única da escola - e quando vi os parabéns com o meu nome na porta da sala dos professores fiquei muito feliz.

Em dezembro de 2014 a escola Paulo Freire realizou um concurso de poesia e na época eu estudava na Escola Marechal Cândido Rondon, no Assentamento Antônio Conselheiro. Eu e minha amiga Dhawana resolvemos participar. O tema era sobre o patrono da educação: Paulo Freire. Ganhamos na nossa categoria em 1º lugar e lembro-me da nossa felicidade, havíamos nos esforçados bastante, tanto na escrita quanto na declamação, que deveria ser memorizada. O poema continha 12 estrofes sobre a vida de Paulo Freire.

Estudei na escola do campo até a metade do terceiro ano do ensino médio e, com isso, posso dizer que minha trajetória acadêmica foi toda construída com base na educação do campo, que construí, desde a alfabetização até o segundo grau. Sinto muito orgulho de tudo que aprendi, e principalmente dos vínculos que adquiri, as relações são muito próximas e há uma preocupação dos docentes além da sala de aula. Isso contribui para estarmos bem e aprendermos ainda mais.

Como a situação socioeconômica da minha família era baixa, meus pais não tinham condições de pagar um curso superior, tendo em vista que a realidade de quem mora na zona rural é ainda mais difícil, o acesso às faculdades era muito distante, então, além da questão financeira, existia a distância, e, assim, as barreiras entre uma formação após o ensino médio eram enormes. Meu pai já estava pagando uma faculdade de pedagogia para minha irmã, ele trabalhava a mais para conseguir pagar as mensalidades, e ainda tinha que pagar o transporte ou até mesmo levá-la para a aula, voltando de madrugada, pois morávamos a, em média, 60 km de distância da cidade. Mas não mudava o fato que meus pais sempre me incentivaram a estudar e buscavam sempre caminhos para que eu e meus irmãos pudessemos continuar os estudos.

Eu me casei no ano de 2015 e continuei morando no sítio, mas no ano de 2017 viemos morar na cidade de Tangará da Serra – MT. Meu esposo, assim como meus pais, sempre me incentivou e me ajudou a continuar os estudos. Terminei o terceiro ano na Escola Ramon Sanches Marques, porém tive algumas dificuldades de adaptação, tanto de convivência como de conteúdo, ambos eram bem diferentes do que eu estava acostumada, mas, mesmo assim, me esforcei bastante e consegui terminar. Neste mesmo ano fiz o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), já que com a minha realidade socioeconômica era a única oportunidade de continuar os estudos. Eu ainda não tinha nenhum curso específico decidido, escolhi da seguinte maneira: como eu precisava trabalhar durante o dia, analisei somente as opções de cursos no período noturno, e dentre as opções existentes eu me familiarizei mais com o curso de Letras, escolha que, ao longo dos semestres, percebi que foi a certa, pois me apaixonei pelo curso.

Hoje percebo a riqueza na minha trajetória, assim como afirma Sacristán:

Não há experiência sem consequências para o agente que as realiza e para quem recebe os seus efeitos, que nada ocorre em vão e que o acúmulo de experiência cria caminhos e bases, que são o germe da estabilização de um tipo de prática educativa, como uma forma a mais da consolidação da cultura. As ações passadas orientam as futuras, a prática dirige o futuro - sendo feitas a partir da sabedoria acumulada e a partir dos erros e dos acertos consolidados (SACRISTÁN 1999, p.71).

A soma das diversas experiências nos capacita para lutar por cada objetivo, e a educação proporciona uma mudança radical na vida das pessoas, sou tão grata por tê-la alcançado. A faculdade me permitiu novos horizontes, tais quais nunca havia nem sonhado. A UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso), faculdade pública, mudou a minha vida. Foram 4 anos de muitos aprendizados, estive em diferentes eventos e participei do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), por um ano e meio. Uma experiência singular, tudo contribuiu para fortalecer o amor que tenho pela docência. O último ano da faculdade estava cheio de planos, no entanto, com a pandemia, tudo mudou, infelizmente, mas ainda assim consegui uma última experiência: trabalhar como estagiária no campus. Vejo que realmente vivi a faculdade por completo. Além das experiências e conhecimentos adquiridos, carrego comigo os vínculos de amizades que quero para a vida, eles me fortaleceram e tornaram os dias mais leves.

Assim que me identifiquei com o curso que havia escolhido, eu já comecei a planejar minha vida profissional e acadêmica, pois percebi ser possível, só precisava continuar me esforçando muito. Sonhei grande, mas vi na educação uma oportunidade de mudar minha vida e a da minha família. Tomei conhecimento de que no campus havia mestrado na área de Estudos Literários, tema no qual escrevi minha monografia. Recebi muito apoio do meu esposo, familiares e amigos, e, principalmente, da minha orientadora que acreditou no meu sonho e me ajudou a concretizá-lo. O ano de 2020 foi muitíssimo difícil, pensava que eu não iria conseguir. Com a pandemia o calendário da Unemat mudou radicalmente, tivemos períodos emergenciais, o prazo para cumprir a grade era bem menor. No entanto, eu precisava terminar a faculdade e participar da seleção para o mestrado simultaneamente. Foram dias árduos, mas não me arrependo de nenhum, pois, a soma de cada um dos esforços que fiz, me guiaram para alcançar o meu objetivo.

Neste ano, 2021, estou fazendo mestrado no Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Unemat, em Tangará da Serra – MT, cidade na qual resido há mais de 4 anos. Ao escrever esse memorial, relembro com alegria de todo o meu percurso, da minha base que é a escola do campo. Havia dito anteriormente que não sabia qual faculdade iria cursar, mas creio que o meu subconsciente já sabia, pois, quando vi nas opções um curso que me permitiria ser professora, lembrei-me dos professores que tive e do quanto eu os admiro. Naquele momento, me vi neles e percebi que eles sempre me incentivaram a ir além, a acreditar em mim e, também, que a educação muda vidas. Hoje posso dizer: sim, é verdade, pois, ela mudou a minha.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.

## CAPÍTULO 13

### MEMORIAL: MINHA JORNADA

*Juçara de Queiroz Silva*

Esta produção carrega consigo o objetivo de descrever um texto de forma analítica e contextual das informações que perpassam a memória da minha caminhada familiar, escolar e profissional. Trazendo consigo a memória de eventos já antes ocorridos, uns com pesos maiores, outros menores, mas todos importantes. Buscando reconstruir detalhes, lembranças e histórias passadas no decorrer de anos. Lejeune (2008, p.14) propõe, logo no início da sua obra, uma definição de autobiografia: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Desta forma apresento a vocês minha história focalizada pela lente dos meus olhos e lembranças.

Minha história iniciou em junho de 1973 numa pequena cidade no interior de Mato Grosso conhecida por Arenópolis. Minha infância foi marcada por boas histórias, Fui criada com meus pais e irmãos, tive o privilégio de ser criada em um lar cristão, e ter um pai pastor, no entanto ao mesmo tempo que era bom era desafiador, pois acabamos mudando muito de cidade devido ele ser convocado para tomar conta de igrejas em lugares diferentes.

Meus pais sempre nos levaram dentro da doutrina e de modo severo e isso contribuiu para que eu me tornasse muito vergonhosa e quase não tivesse amigos e amigas, meu pai principalmente era muito rígido e não permitia muitas amizades. Meus pais naquela época não tinham conhecimento da relevância dos estudos nas nossas vidas então nunca se importaram em incentivar e nos obrigar a estudar, sendo assim só terminei o segundo grau depois que me casei e senti vontade e necessidade de estudar.

O tempo foi passando e as mudanças continuam acontecendo, quando completei 13 anos meu pai foi novamente transferido para outra congregação, desta vez em Nova Canaã do Norte MT. Minha juventude então se resumiu em participar dos cultos evangélicos que sempre foram animados e dos passeios nas casas das

minhas tias com minha mãe. Durante o curto período em que ficamos em Nova Canaã, acabamos ficando sem estudar, até que quando completamos 6 meses lá meu pai sofreu um acidente automobilístico e veio a falecer, com essa perda não poderíamos mais dirigir a congregação então fomos enviados novamente a nossa cidade natal Arenápolis.

Foi nessa mesma cidade que me casei e construímos nossa família. Até chegar aqui já enfrentamos diversos desafios e histórias vivenciadas, em 1999 nos mudamos para o acampamento da Fazenda Itapirapuã com o sonho de conquistar uma terra, através da nossa participação no movimento dos trabalhadores rurais sem terra, MST. Nossa renda provinha de um ônibus que meu ex-marido possuía, era através dele que os moradores do acampamento poderiam ir para a cidade. Neste período nós ficamos conhecidos por “sem terra”.

No acampamento ainda não possuíamos escolas, tínhamos aulas arranjadas somente para o ensino fundamental, para os demais a prefeitura de Tangará da Serra sediava um ônibus que transportava os alunos que queriam terminar o ensino médio na cidade, era um grande desafio, eu fazia parte desses alunos que saía às 17h de casa e só voltava 00:30. Felizmente depois que fomos assentados e mudamos para nossos lotes, nossa terra, em pouco tempo depois na sede da fazenda formou-se uma escola municipal, mais tarde conhecida por Marechal Cândido Rondon, e os professores tinham apenas o segundo grau mas com desejo imenso de ensinar, sendo assim continuei lá meus estudos até o 8º ano, após isso concluí o segundo grau na escola da cidade.

Os desafios foram só aumentando, assim como o desejo e a paixão por ensinar, depois de terminar o segundo grau comecei minha carreira como professora, dando aula pelo município lá no assentamento, em conjunto ingressei na faculdade de pedagogia onde trabalhava no período vespertino e de lá mesmo seguia para a cidade fazer a graduação, que se estendeu por um período de quatro anos de 2003 a 2007. Neste período, dificuldade, cansaço e desafios era algo que não faltava, mas sempre pude contar com apoio dos colegas e da família, além que era gratificante saber que um dia me tornaria pedagoga.

Logo que concluí a faculdade já comecei uma pós graduação de literatura matogrossense pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, para mim já era fundamental me aperfeiçoar, sendo assim um tempo depois fiz pós graduação também em neuropsicopedagogia.

Durante o período da graduação em literatura matogrossense continuei a trabalhar na Escola Marechal Cândido Rondon no assentamento Antônio Conselheiro, depois como professora contratada passei a lecionar na escola vizinha desta vez estadual Paulo Freire, pelo município de Barra do Bugres, anos depois tive a oportunidade de trabalhar pelo município de Nova Olímpia, na extensão da escola municipal Renê Barbour, sediada na escola estadual Reinaldo Dutra Vilarinho.

Durante esses últimos anos a população dos assentados mudou muito e isso ocasionou a redução das turmas das escolas fazendo com que muitos profissionais tivessem que assumir turmas na cidade, sendo assim em 2020 me mudei para a cidade de Tangará da Serra.

Hoje estou separada do marido, tenho dois filhos e uma neta, atualmente meu filho mais velho que é casado também mora comigo. Trabalho na escola Estadual Professora Jada Torres em Tangará da Serra MT, ao longo dos anos venho publicando artigos e participando de eventos. Hoje reconheço a importância da minha caminhada, que apesar de árdua, muitas vezes cansativa e difícil... também foi prazerosa, onde podemos aprender que educar é a melhor coisa que podemos deixar em nossa trajetória da vida, e que a educação ela tem o poder de mudar não só uma vida, mas uma comunidade, uma história e um mundo.

#### REFERÊNCIAS

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

## CAPÍTULO 14

### BASE DA VIDA: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

*Juliana Basso Barbosa Neves*

Este memorial apresenta a minha trajetória, acadêmica e profissional. Foi difícil o processo, muitos esforços e dedicação para alcançar meus objetivos, nos quais somente consegui por meio da educação. Meu nome é Juliana Basso Barbosa Neves, tenho 24 anos e minha base é a escola do campo. A educação do campo me mostrou o quanto eu poderia evoluir e me permitir ir em busca dos meus sonhos. Ao relembrar do meu percurso acadêmico, reflito sobre todos os aprendizados que conquistei. Foi desafiador, mas hoje vejo que foi necessário, pois me moldaram para ser quem sou, e me permitiram chegar onde estou.

Sou a primogênita de três filhos de um casal de camponeses. A minha infância foi no Assentamento Riozinho, em Nova Olímpia – MT. Foi cheia de alegria, lembro-me das brincadeiras com meus amigos e irmãos. Banhávamos na chuva, fazíamos casinha no mato e ajudávamos meus pais e avós. Sempre gostei muito de ir à escola, estudar e aprender coisas novas. Apesar dos meus pais não possuírem escolaridade, na minha época de escola, sempre me incentivaram a estudar. Tenho muito orgulho deles, são minha fonte de inspiração, quem sou hoje, é por mérito deles.

A escola Reinaldo Dutra Vilarinho é uma escola do campo, situada há mais de 10 km de onde morávamos. Lá dei os meus primeiros passos como estudante. Minha história acadêmica foi quase toda nessa escola, já que estudei até metade do 3º ano do ensino médio nela. No meio do ano de 2014 mudamos para o município de Tangará da Serra e fomos morar no Assentamento Antônio Conselheiro. Retomei os estudos na Escola Estadual Marechal Cândido Rondon, também escola do campo, nela concluí o ensino médio. Estava muito feliz por finalizar uma etapa de estudos da minha vida e, mesmo com a situação socioeconômica baixa da minha família, eu almejava um curso superior. Tudo era muito difícil, éramos cinco e, naquele tempo, meu pai era o único que trabalhava fora de casa, como autônomo.

Além disso, a faculdade mais próxima ficava há 60 km de distância, mais uma barreira a ser vencida.

Tenho muito orgulho de ter uma trajetória completa nas escolas do campo, minha base acadêmica. Possuo muita satisfação e orgulho de todos os meus professores, que sempre me encorajaram a investir nos estudos. Tenho certeza que, de algum modo, cada um deles me incentivaram a ser a pedagoga que sou hoje. Sinto-me realizada morando no campo pois, a educação apresentada é singular: temos contato com a natureza, preservamos a nossa cultura e temos docentes que compreendem e vivem a realidade do campo.

No ano de 2015 ingressei no curso de Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias – FAC. Sempre foi meu sonho, o meu objetivo. Assim que decidi ingressar no curso, percebi que era o que meu coração desejava. Não foi fácil, meu pai precisou trabalhar a mais para conseguir pagar as mensalidades e o transporte. E, por inúmeras vezes, ele mesmo me levava até a faculdade. Foram muitos esforços para prosseguir com o meu sonho: poeira, chuva, estradas cheias de barro, cansaço, questão financeira, etc. Mas, estávamos unidos, eu e outros acadêmicos que moravam na mesma região, um ajudando o outro, com um único propósito: concluir. Eu queria muito ajudar minha família, mas, infelizmente, no lugar em que morávamos não possuía trabalho e eu vi na educação uma oportunidade de mudar minha vida e ajudar minha família.

A faculdade abre caminhos para outros saberes, permite novos horizontes. Por meio dela eu vivi grandes experiências, uma delas foi estagiar na educação infantil, nas séries Iniciais e no EJA, na escola em que concluí o ensino médio. Foi gratificante. As experiências são necessárias, elas nos moldam e nos fortalecem. Além das dificuldades, também tive bons momentos, que me trazem lembranças felizes e reforçam a minha vontade de sempre lutar pelos meus objetivos. Por essa razão, a vida acadêmica é muito importante, pois ela nos oferece oportunidades, conhecimento e experiências.

Em 2016 tive a oportunidade de ter o meu primeiro emprego. Trabalhei como professora na oficina de artesanato do Programa Mais Educação, ofertado na escola Marechal Cândido Rondon. Um ano após o início da faculdade eu já conseguia ver os planos se encaixando, estava muito feliz, não recebia um salário mínimo, mas ajudava muito. No ano seguinte, eu também consegui uma vaga, dessa vez como professora da oficina de Língua Portuguesa, do mesmo projeto,

mas na escola Estadual Paulo Freire, no Município de Barra do Bugres. Esses dois anos de trabalho contribuíram muito para eu concluir o meu curso superior.

O ingresso na faculdade me permitiu sonhar e definir objetivos durante o percurso. A graduação me proporcionou uma grande riqueza de conhecimentos e experiências, aprimorou o meu interesse em ser educadora, em transmitir saberes e preservar a minha cultura e a cultura daqueles que moram no campo. Finalizei a faculdade no ano de 2017, enorme foi a emoção de haver conseguido terminar, pois muitas vezes pensei que não seria possível, ou até mesmo inalcançável.

Após o término da graduação, compreendi que com a educação tudo era possível, que não havia limites, por isso, continuei em busca de mais qualificações. Precisamos sempre buscar aprender mais. Ingressei na pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Educação de Tangará da Serra – (UNISSERA) estudando os transtornos que a mente humana pode ter e como ajudar a enfrentar cada uma das dificuldades.

O momento que eu esperava há alguns anos finalmente havia chegado. Estava muito ansiosa para dar aula, com isso, fiz a seleção, não sabia se conseguiria, mas estava muito confiante. Passei na seleção e consegui meu primeiro emprego como professora. O 4º ano do Ensino Fundamental foi minha primeira sala de aula, na Escola Estadual Paulo Freire. Recordo com muita felicidade desse momento. Na prática percebemos que o professor não é o único transmissor de conteúdo, ele ensina, mas também aprende. A minha profissão me permitiu permanecer na minha terra, com minhas origens, e, além disso, preservar a cultura camponesa.

Nesse primeiro ano de atuação, aproveitei ao máximo: busquei formas lúdicas de ensinar, com jogos e brincadeiras práticas que sempre se aproximavam da teoria. Minha forma de ensino tinha como base as vivências e experiências dos alunos. Buscava sempre inspiração no grande educador e filósofo Paulo Freire.

Foi gratificante, mas também foi desafiador, precisei aprender com a prática a lidar com diversas situações de comportamentos e aprendizagem, confirmando assim meu fascínio pela educação do campo. Nesse mesmo ano, conclui uma pós graduação em Educação no Campo pela Faculdade Futura, a qual se fez muito necessária para minha carreira profissional e área de conhecimento, porque, como as demais modalidades de ensino, a educação do campo se difere da urbana,

sendo uma modalidade de ensino com diversidades culturais, onde cada povo possui saberes e memórias distintas.

No ano de 2019, adquiri novos conhecimentos trabalhando em um setor diferente. Dessa vez, fui contratada como articuladora na mesma escola. Minha função era ajudar os alunos que precisavam de mais atenção e de um ensino específico nas áreas de Matemática e Língua Portuguesa. Um novo desafio surgiu, e me vi sempre em busca do aprendizado e aperfeiçoamento para ajudar meus alunos. Preparei jogos, apostilas, fichas de leituras e atividades que contribuem para o aprendizado de matemática e português de forma lúdica e criativa. Além disso, também construí um ambiente cheio de figuras, painéis, fichas e varais, um lugar para o aprendizado de letramento. Ensinar sempre vai além da sala de aula e a construção do conhecimento acontece quando somos eternos pesquisadores, curiosos e comprometidos no que se fazemos, assim como Freire (2003, p. 96) afirma:

Ensinar exige sempre bom senso para não ser nem um professor licenciado, nem um déspota da educação. A realidade é dada essencial na construção e reconstrução dos conhecimentos, assim como sempre aprender com ela porque ensinar e aprender não são isolados. Fruto desses inconclusos do ser é necessário ao bom educador a crença de que mudar é possível. Logicamente como ensinar é participar de várias construções de novos saberes é preponderante que o educador seja curioso e esteja sempre disposto a pesquisar o mundo... Educar exige comprometimento.

Em toda minha trajetória como profissional da educação sempre busquei ter o comprometimento, ensinar com responsabilidade, pois a educação é o nosso presente e o futuro de muitas pessoas que lutam e querem uma vida melhor. No ano de 2020 fiquei sem ministrar aulas, por motivos pessoais: tive uma filha, o amor da minha vida.

Neste texto, tive a oportunidade de reconexão com o meu passado e hoje percebo o quanto a educação mudou minha vida e a vida da minha família. Tenho muito orgulho da minha história e das minhas conquistas, momentos difíceis sempre passamos, porém não podemos desistir dos nossos objetivos. Como sempre digo: a educação é a nossa melhor arma.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003 - (Coleção Leitura)

## **CAPÍTULO 15**

### **MEMORIAL: SABERES E FAZERES ENQUANTO PROFESSORA QUILOMBOLA**

*Lucimara Martins Evangelista*

A oportunidade de apresentar minha trajetória em um Memorial, permitiu-me uma reflexão sobre todas as atividades realizadas nas áreas que atuei enquanto professora Quilombola, bem como, sobre os produtos resultantes delas. Redigido em plena maturidade, este Memorial busca identificar e refletir sobre várias etapas da minha vida. Para tanto, assinalo, no percurso da escrita, as situações que penso como mais significativas e relevantes. Nasci em São Caetano do Sul, SP, no dia 03 de maio de 1978 e no ano de 1984, meus pais vieram para o Estado de Mato Grosso em busca de uma vida melhor, pois, na concepção dos meus pais, a vida na cidade “grande” era mais difícil. Aos 7 anos de idade fui matriculada na então 1ª série escolar, na escola Estadual Julieta Xavier Borges, pois, desde cedo, tinha muito anseio pela escola. Permaneci nessa unidade escolar apenas seis meses devido à mudança para outro bairro. Assim, fui transferida para a Escola Estadual Alfredo José da Silva, onde conheci a professora Alice que marcou minha vida pelo seu jeito meigo e encantador de ser. Nessa escola, cursei da 1º até a 8º série do ensino fundamental.

No ano de 1993, iniciei o magistério, na Escola Estadual Júlio Müller no período vespertino, pois residia muito longe da escola e era inviável ir sozinha à noite fazer o curso que eu almejava que era o de Administração de Empresa. No período de estágio, fui me apaixonando pela sala de aula, pelo modo de conduzir uma turma de alunos e como preparar as aulas para os mesmos.

Logo após concluir o Magistério, fui convidada a lecionar numa Escola Agrícola em substituição a uma professora que se encontrava de atestado médico por um período de uma semana. Vi, então, que a prática da sala de aula não era fácil. Eu “copiava” a metodologia de outras colegas mais experientes, trocava ideias sobre as dificuldades e ia incorporando a tradição escolar com seus mitos, ritos e concepções.

Em um dia normal de aula, uma tia minha, na época, Secretária de Educação do Município, ali me encontrou e me perguntou o que ali fazia e eu lhe respondi que estava substituindo uma professora. Então, ela me disse que o município estava precisando de algumas professoras para lecionar na Zona Rural. Logo, lhe questionei onde se localizavam essas escolas e que tinha sim interesse em assumir. Assim, no ano de 1996, fui para um lugar chamado de Vão Grande, constituído por cinco comunidades. Em cada uma dessas comunidades havia uma Escola Municipal e eu fui lotada na Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, pertencente a Comunidade Morro Redondo, que se localiza a 80 km do município de Barra do Bugres. Assumi uma turma multisseriada e que, além de ser professora, eu realizava o papel de faxineira, merendeira, enfim, todos os cargos de uma escola normal.

Na cidade, era possível ir apenas uma vez ao mês, no dia de pagamento, pois o transporte era quase que um milagre quando surgia um para nos dar uma carona ou quando uma vez ou outra, a Secretaria de Educação disponibiliza um carro para nos buscar e trazer de volta. Ainda nesse mesmo ano, conheci meu marido, Manoel Benedito Bento, nascido e criado naquela comunidade. Nos casamos e tivemos três filhos, Viviany Martins Bento, Lívia Martins Bento e Max Manoel Martins Bento, todos alfabetizados por mim.

Com o passar dos tempos, o sistema não aceitava mais a qualificação de magistério, então, em 2005, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia para Educação Infantil, através de parceria pela Prefeitura do município de Barra do Bugres - MT e a Universidade Federal de Mato Grosso. No dia da minha formatura, eu só conseguia chorar, mas era um choro de alegria e de gratidão a Deus, pois as lembranças de noites sem dormir, ausência de casa, idas e vindas a cidades contínuas no sol, na chuva, tombos de moto, as recordações vinham a todo momento.

Em 2010, as Comunidades foram reconhecidas como Comunidades Remanescentes Quilombolas através da Fundação Cultural Palmares por terem culturas e modos de viver próprios. Santos (2010) destaca que:

A identificação das comunidades quilombolas não se restringe puramente às formadas antes da abolição. Deve-se considerar as comunidades organizadas no período pós-abolição. Esses negros que ficaram à mercê de toda má sorte, sofrendo todos os processos de discriminação e falta de políticas públicas que os integrassem a sociedade, articularam-se criando

estratégias, no sentido de fortalecer a organização social formando novas comunidades” (SANTOS, 2010, p. 142).

Diante dessa nova realidade, tanto para as Comunidades como para as escolas, nós professores que residíamos e os que vinham da cidade todos os dias receberam Formações organizadas pela Gerência de Diversidade da Seduc e pelos professores formadores do Cefapro para atender os alunos nessa nova modalidade de ensino e suas especificidades, que é a Educação Escolar Quilombola.

As escolas municipais foram fechadas e os alunos passaram a estudar na tão sonhada Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento, depois de tanta luta das comunidades para que ela fosse construída e para os alunos terem um prédio adequado para tal atendimento. O nome dado à então sonhada escola, foi em homenagem ao fundador da Comunidade Baixio, onde a escola se localiza. Os demais alunos das outras comunidades ali chegavam por meio de transporte escolar cedido pelo município.

Depois de passar por todas as turmas, desde a pré-escola até a EJA, em 2014 e 2015, assumi a direção da escola e os desafios de mais uma etapa da minha vida foram vencidas. De 2016 até o ano de 2018, voltei para a sala de aula, assumindo as disciplinas de Práticas e Saberes Quilombolas, onde essas disciplinas têm como objetivo conciliar o saber informal com o saber científico.

Em 2019, fui convidada a assumir a coordenação escolar da Escola Estadual José Mariano Bento onde permaneci até o mês de junho. O motivo de me ausentar da Comunidade em que vivi a maior parte da minha vida, onde constituí família, onde as pessoas me acolheram e me deixaram fazer parte das suas vidas, foi em decorrência da aprovação no concurso realizado pelo município de Tangará da Serra, e que assumi em julho de 2019. Hoje, vivo no município citado, mas trago comigo minha história, minha experiência, meu conhecimento e o mais importante, minha identidade Quilombola.

## REFERÊNCIAS

SANTOS, Ângela Maria dos. **Educação Escolar Quilombola**. In: Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Cuiabá-MT: SEDUC, 2009/2010.

## CAPÍTULO 16

### OS CAMINHOS PERCORRIDOS

*Madalena Santana de Sales*

Ao sentar para escrever este memorial as lembranças estão vívidas na memória, a saudade aperta o peito e chego a me emocionar, pois já não tenho por perto alguns daqueles que mesmo em meio a sua simplicidade sempre me incentivaram a estudar. Ainda criança ouvi muitas vezes minha mãe dizer: “não tenho nada para deixar como herança, a única coisa que posso deixar é o estudo”, frase que sempre relembro a cada etapa vencida.

Sou a filha mais nova de um casal de lavradores que tiveram sete filhos, meu pai nunca frequentou a escola, minha mãe nos contava que meu avô dizia que mulher não poderia aprender a ler e escrever, pois escreveria carta aos namorados, e assim ela não frequentou a escola na juventude, na fala dela era perceptível o sonho de ir à escola. Recordo que eu já estava na adolescência e ela começou a frequentar aulas, não sei precisar qual era o programa, se o Brasil Alfabetizado ou o Mobral, era visível a sua alegria ao participar, mas infelizmente meu pai foi acometido por um AVC, e o seu sonho foi interrompido, pois foi preciso deixar a escola para cuidar dele.

Os meus irmãos mais velhos frequentaram pouco a escola, eles contam que moravam na zona rural e que nem sempre era possível terminar o ano letivo, algumas vezes o tempo chuvoso atrapalhava o acesso à escola, trajeto feito a pé por vários quilômetros, ou a professora abandonava as aulas, na adolescência com a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa, foram privados de continuar. Ainda com todas as dificuldades enfrentadas aprenderam a ler e escrever.

Nesse momento de nossas vidas, meu pai continuou morando na zona rural, fazendo roças em terras cedidas por fazendeiros, e minha mãe optou em se mudar para a cidade, pois ela tinha como propósito oportunizar aos três filhos mais novos a chance de frequentar a escola. Foi um período muito difícil para todos nós, uma família muito humilde, que enfrentava muitos problemas para manter-nos na escola, os desafios eram muitos, desde a compra de uniformes até materiais escolares,

mesmo assim ela nunca nos deixou faltar um só dia às aulas sem que houvesse um motivo muito sério.

A minha trajetória acadêmica no ensino fundamental e médio se deu unicamente na E. E. Alfredo José da Silva, no município de Barra do Bugres/MT, distante uma quadra da minha casa, durante os anos em que estudei nessa escola, tive o privilégio de ter excelentes professores, aos quais sou imensamente grata por contribuir com minha formação.

Logo após o término do ensino médio, me casei, tive dois filhos maravilhosos e agradeço a dádiva por tê-los, me tornei mãe em tempo integral, mas o sonho em prestar vestibular e entrar para a universidade sempre esteve em meus pensamentos. Passados catorze anos, em 2006 prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT – campus de Barra do Bugres, para minha felicidade fui aprovada, foram muitos desafios e aprendizados.

Em 2009 tive a primeira experiência em sala de aula, não como estagiária, mas como professora regente, no decorrer do sexto semestre do curso, na ocasião fui informada que a E. E. Sabino Ferreira Maia, localizada no Distrito de Currupira, Barra do Bugres/MT, estava precisando de um professor para ministrar aulas de matemática, como eu não estava trabalhando, me desloquei até à escola para me candidatar à vaga, chegando lá me informaram que as aulas eram nas salas anexas, localizada na comunidade Vão Grande, distante 75 km de Barra do Bugres.

Ao adentrar na Comunidade Vão grande, com o raiar do sol, o orvalho da manhã cobrindo a vegetação, a visão é maravilhosa, mas a insegurança, o medo e a incerteza permeavam meus pensamentos, Sales descreve essa sensação no seu primeiro contato com a comunidade e a escola.

Os pensamentos eram diversos, pois não conhecia a realidade local como seriam as aulas? Como são os alunos, a escola? Como agir? Em meio aos questionamentos, observava a paisagem, à medida que o veículo adentrava o Território, mais extasiada ficava com a beleza natural, estávamos no mês de março, período chuvoso, a vegetação ainda com o orvalho da manhã era de um verde que parecia brilhar.

A estrada de chão, sinuosa, com muitas curvas tornava a viagem mais demorada, o que aumentava a ansiedade e o nervosismo, a maior parte do trajeto é por entre as fazendas de criação de gado, e o que avistamos são os pastos e ao fundo as serras e sua imponência, depois de aproximadamente 1h30min estão as primeiras propriedades dos quilombolas, com suas casas à beira da estrada, parte onde a paisagem se transforma” (SALES, 2020, p. 16).

De acordo com Sales (2020) outro fato desconhecido era que a região é um Território Quilombola, já certificado pela Fundação Palmares.

Eu tinha conhecimento da existência da comunidade, mas não conhecia a realidade local, quando chegamos à escola me deparei com uma pequena escola de madeira, com duas salas de aula, dois banheiros e uma cozinha. Nesse momento da história, no mesmo local havia três escolas diferentes dividindo o mesmo espaço, uma escola da comunidade chamada Escola Municipal São José do Baixio, que atendia o Ensino Fundamental anos iniciais, salas anexas da Escola Municipal Guiomar de Campos Miranda, atendia ao Ensino Fundamental anos finais e as salas anexas da Escola Estadual Sabino Ferreira Maia, algumas turmas dividiam as salas de aula da escola de madeira, as outras turmas eram acomodadas em barracões cobertos com palhas de babaçu, alguns com divisórias para separar as turmas e outras não.

Em 2010 a escola é estadualizada e as salas anexas deixam de existir, com a criação da E. E. José Mariano Bento e a partir de então, todos os alunos são matriculados e alguns problemas são minimizados, pois com direção, coordenação e os demais funcionários é mais fácil a interação entre professores e alunos. No entanto outros desafios surgem, pois a escola deve contemplar a especificidade quilombola, considerar suas vivências, seus fazeres e os saberes dos moradores, mas como fazê-lo? Não fomos preparados para isso. E assim após reivindicações foram ofertados cursos de formação em parceria entre a Secretaria de Estado de Educação - SEDUC e a Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, para compreendermos todo esse contexto e essa diversidade, tão fascinante e instigadora. Parte do sonho estava sendo realizado, pois concluí a graduação e estava trabalhando na área, muito aprendizado e desafios superados, a próxima meta é o mestrado, mas alguns empecilhos postergaram sua realização, como estudar sem ser efetiva? Não poderia deixar de trabalhar, sendo eu que provia o sustento da casa, e às vezes não vislumbrava uma saída. Em 2018, resolvi fazer a seleção para o mestrado, já tinha o projeto em mente, sabia exatamente o que queria pesquisar. Fui aprovada para iniciar em 2019, e agora? O Que fazer? Graças ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM, ter um cronograma de aulas que possibilitou estudar e trabalhar, venci com o apoio dos colegas de trabalho e da família, fundamentais nesse processo.

O título da dissertação do mestrado foi: Os fazeres e os saberes etnomatemáticos dos habitantes do Território Quilombola Vão Grande, uma pesquisa de caráter etnográfico, que estudou os conhecimentos aplicados no plantio, na colheita, na roça de coivara, na produção de farinha de mandioca, nas festas de Santo como espaço socioeducativo compartilhado por adultos e crianças, as memórias dos moradores e os desafios enfrentados na luta pela terra, como se formou e tem sido difundido esse conhecimento entre as gerações (SALES, 2020).

É no contexto cercado por uma bela paisagem, entre serras, riachos, córregos e do rio Jauquara com várias espécies de peixes, que servem como alimento e do cerrado com suas árvores belíssimas, fauna e flora exuberantes é que está localizada a escola, um privilégio contemplar a natureza do pátio, ouvir os pássaros e nos dias mais calmos, pode-se ouvir o som da cachoeira ao fundo. Ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, quantos momentos difíceis enfrentaram para defender suas terras, suas casas e seus conhecimentos ancestrais, quantos saberes, quantas vivências. Compartilhar dos momentos festivos nas celebrações religiosas, nas festas de Santo, momentos únicos e memoráveis. São essas especificidades que devem ser consideradas e valorizadas pela escola da comunidade. Em 2021 um novo desafio pela frente que está sendo desempenhado com o mesmo profissionalismo, seriedade e dedicação, que a função de orientadora pedagógica exige, aprender e contribuir com a educação. Novos projetos, tanto no trabalho como na carreira acadêmica, produzir artigos e participar de eventos, melhorar o currículo para pleitear uma vaga no doutorado.

Enfim, nesses anos muitas conquistas, na vida familiar, na vida acadêmica e profissional, agradecer àqueles que contribuíram e apoiaram essa jornada.

## REFERÊNCIAS

SALES, Madalena Santana de. **Os fazeres e os saberes etnomatemáticos praticados pelos habitantes do Território Quilombola Vão Grande**. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática / UNEMAT, Barra do Bugres - MT, 2020.

## CAPÍTULO 17

### MEMORIAL: LEMBRANÇAS SOBRE A VIDA

*Márcia Rezende de Sousa*

O presente texto tem como objetivo apresentar uma resumida narração de minha história de vida, contar um pouco de minha infância até minha vida acadêmica.

Em 1984 viajando para Mato Grosso em busca de trabalho, vindos do estado do Paraná para Barra do Bugres - MT, em uma fazenda minha família migrou, tudo era novo e bonito, exceto as saudades da minha avó, mas o fazendeiro não oferecia salário para o meu pai, apenas algumas diárias, era necessário plantar uma roça para complementar o sustento da família, foi lá que vivi meus dias de acompanhante, eu ajudava a carregar alguma coisa e ainda sinto o cheiro no ar (de quê?). Então, depois de alguns tempos em busca de um salário, fomos morar para em outra fazenda vizinha, nesse lugar começou minha vida escolar, em um sítio vizinho, em uma escolinha de madeira feita no quintal da casa da proprietária e professora Dona Lydia Santos ( em memória), minha primeira professora.

Havia uma distância da fazenda, nem sempre meus pais, que eram ocupados, podiam me levar. Nesse tempo a estrada era cercada por matas cheias de animais selvagens, eu ,por ser a única aluna que morava na fazenda, tinha que ir só com a companhia de alguns cachorros, mas a professora não deixava que os alunos faltassem por motivos que poderiam ser solucionados, pedia a filha e uma equipe que fossem me encontrar, sentada em uma carteira antiga de dois lugares, com uma cartilha contendo todos os animais que eu encantava em ver, a professora ensinou me o "Bê-a-bá" .

No ano seguinte voltamos para o Paraná, onde eu com meus oito anos, até algodão ajudei meus pais a colher, não era fácil, mas continuei a estudar. Sem casa para morar, minha família resolveu voltar para o Mato Grosso, perdi meu segundo ano escolar. Por ser a filha mais velha de quatro irmãos, cuidava da casa e dos irmãos para a minha mãe trabalhar, e no período vespertino ia para escola estudar. Aos 14 anos quando precisei ser transferida de horário para o noturno e na Usina

Barralcool precisei trabalhar realizando serviço braçal, não era fácil o trabalho pesado sob o sol, e chegar com ânimos para ir à escola e ficar até às 23:00 horas e no outro dia acordar às 04:00 horas para retornar ao trabalho.

Cansada de tantas dificuldades, com 15 anos resolvi me casar, onde por uns dois anos interrompi minha vida escolar, nesse período tive meus filhos, a primeira filha nasceu quando eu ainda tinha 17 anos, mesmo com uma criança pequena retornei à escola e sem ter com quem deixar minha filha, tinha que levá-la comigo à escola. Como minha vida era cheia de alterações, precisei mudar da cidade por motivos de trabalho, e outra vez abandonei a vida escolar. Nesse período fui abençoada com o meu segundo filho, mas fiquei em Denise por mais um ano e precisei voltar para Barra do Bugres, onde no ano de 2002, na escola 15 de Outubro, na EJA (Educação de Jovens e Adultos) resolvi me matricular, mesmo cuidando dos filhos, da casa, e ainda trabalhava para ajudar o meu marido, a noite ia para escola com as duas crianças, o pátio da escola parecia uma creche, eu precisava levar os estudos a sério até terminar o 3º ano do Ensino Médio no curso propedêutico.

No ano de 2006 precisei mudar para a cidade de Nova Olímpia, como sempre fui de família humilde não pude deixar de trabalhar. Por ter concluído o Ensino Médio com a indicação de uma amiga da escola, fui trabalhar na função de apoio, um serviço que sentia prazer em realizar ou seja, não era só a necessidade que me fazia ficar bem nesse lugar, o contato com os alunos e a oportunidade de substituir alguns professores em sala de aula me encantou.

Aproveitando o incentivo da comunidade escolar, ingressei, no curso de Letras em uma faculdade a distância, porém outra labuta para conciliar o trabalho, a casa, os filhos que não tinha com quem deixar e para teleaula tive que levá-los. Esse foi um período triste em minha vida, pois minha avó que estava doente, precisou vir morar comigo, eram tantas coisas que eu precisava me dedicar.

Depois do falecimento de minha avó, também veio a minha separação, tive que retornar para Barra do Bugres com meus filhos, como já trabalhava em escola e cursava Letras, não foi difícil participar da contagem de pontos, embora para professor que não era formado as chances de conseguir aulas na cidade eram mínimas, somente haveria vagas na zona rural, essa passagem de minha vida foi muito impactante, pois através deste consegui aulas na Escola Estadual José Mariano Bento na comunidade quilombola Baixio Território Vão Grande, na zona

rural. Primeiro dia de aula, eu não sabia onde era esse lugar, a diretora entrou em contato e disse que de madrugada precisaríamos levantar, ou seja, às 07: 00 da manhã teríamos que estar na escola, são só 75 km de distância. Nessa viagem pude perceber logo o porquê do nome Vão Grande, cercados por grandes morros, entre paisagens verdejantes como a serra, os floridos pés de Ipês, estava a estrada que dava acesso à escola, sem falar do maravilhoso rio Jauquara que rodeia todas as cinco comunidades. Chegando na escola fui recebida com muito carinho pelos estudantes, pais e comunidades, pessoas que fizeram me sentir em casa com sua humildade, a qual tenho muito respeito e carinho, onde me fiz realmente professora, conheci a diversidade, aprendi sua cultura, o linguajar da comunidade, onde lecionava língua portuguesa e imaginar que precisaria ensinar a norma culta, não foi fácil, mas também não foi impossível, são conhecimentos que ao longo do tempo você vai transmitindo sem descaracterizar seu linguajar.

Lecionar com a diversidade sempre foi um trabalho satisfatório, porém ser um professor quilombola é enfrentar muitos desafios, a cada dia uma perspectiva de melhorias em várias situações, a citar as estradas danificadas, transportes que não tem acesso em alguns caminhos, e distância dos recursos tecnológicos que os alunos quilombolas não possuem, enfim, foram muitas lutas e continua sendo uma caminhada de esperança.

Eu, Marcia Rezende de Sousa, nascida em 22 de janeiro de 1979, na cidade de Lobato no estado do Paraná, filha de Sebastião José de Sousa e Ana Benedita Rezende de Sousa, irmã de Meire Rezende de Souza, Marcelo Aparecido Rezende de Sousa, Mauro Rezende de Souza, sou mãe de Thaís Rezende de Sousa Cunha e Bruno Rezende de Sousa Cunha, Avó de Heloísa Cunha Zanardi Severo, agradeço a Deus por minha história de vida.

## CAPÍTULO 18

### MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

*Maria Helena Tavares Dias*

Esse memorial tem o objetivo de produzir um texto analítico e crítico, com informações e reflexões sobre minha trajetória de vida escolar e profissional, bem como meu processo de inserção e atuação docente. Desta forma, busco reconstruir neste memorial minha história de vida acadêmica e profissional, refletindo nas seguintes palavras. Sou Maria Helena Tavares Dias, 49 anos professora quilombola das séries iniciais, e moradora no Território Quilombola Vão Grande na comunidade São José do Baixio, que teve reconhecimento e certificação pela Fundação Cultural Palmares em 2005, casada com um morador nascido e criado e sepultado em 2015 no cemitério da Comunidade Quilombola São José do Baixio, somos pais de duas meninas hoje com 27 e 25 anos, e avós de 06 netos maravilhosos.

Nasci em Cuiabá, casei em 1993 e em 2003 viemos definitivamente morar na Comunidade, pois desde 1993 só vinha a passeio, e desde então sonhava um dia poder morar nesse lugar lindo, cercado de serras, rio, córregos, matas cheia de histórias incríveis, com lendas, contos e mitos fantásticos que encantam a todos em rodas de conversas contadas pelos mais velhos. O Território Quilombola Vão Grande está localizada a 80 km do Município de Barra do Bugres, sua geografia montanhosa faz com que as comunidades estejam protegidas pelas altas serras das Araras, com o rio Jauquara cortando-as com enormes cânions e gargantas gigantescas, que o fazem imponente, misterioso e extremamente belo, é considerado um lugar de grande potencial turístico devido às várias cachoeiras, a água transparente em determinado período do ano, e sua riqueza de fauna e flora.

Logo que cheguei, em 2003, levei um Currículo na Secretaria de Educação de Barra do Bugres e tive a sorte de ser chamada no começo do ano letivo de 2004 pela Secretaria de Educação do Município para lecionar para o primário na escola municipal na Comunidade Baixio, que ficava distante da minha casa 6 km, aceitei imediatamente e nem me preocupei como faria para chegar ao trabalho todos os dias. Nessa época tínhamos uma só bicicleta na qual eu pedalava levando as

minhas duas filhas uma na garupa e outra no quadro, saímos bem cedo de casa e só retornávamos às 13:00 horas da tarde. Foi por essa razão, que um ano depois, pude ingressar em um curso superior ofertado pela Prefeitura de Barra do Bugres por meio de convênios, pelas ações afirmativas do Governo Federal pela UFMT a todas as professoras que estavam em sala de aula e não tinham nível superior, realizei o vestibular e fui aprovada em nono lugar no curso de Licenciatura em Pedagogia para Educação Infantil pelo Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD) da UFMT.

Em 2005, dei início a minha trajetória acadêmica, e se para as pessoas que moram nas cidades já é difícil estudar na idade em que estava, imaginem para alguém que morava a 80 km distante da cidade, sem transporte, meio de comunicação e lugar para dormir quando precisava escrever projetos para apresentar em seminários, ou realizar as avaliações e estudos em grupo e individual. Felizmente fiz muitos amigos que me ajudaram a percorrer esses cinco anos de faculdade, com menos sofrimento. Porém era difícil sair de casa, deixar minhas filhas na época com 9 e 11 anos, preocupava-me quando tinha que dormir na cidade dois, até três dias, e saber que meu esposo estaria na roça trabalhando e elas em casa sozinhas até ele voltar, muitas vezes eu nem conseguia me concentrar direito nos estudos, mesmo assim, a cada dia que eu lia os fascículos e livros indicados pelas orientadoras e conhecia os autores eu me apaixonava, os fascículos de Orestes Pretti, Maria de Lurdes Bandejas a História da Educação no Brasil Colônia e Império, a criança como sujeito de direitos e não mais como um adulto em miniatura, o preconceito “grudado” nas Creches, e Instituições que no passado só cuidavam e não percebiam que o Cuidar e Educar eram indissociáveis.

Aliás, foi nesse período também que pude me encontrar como pessoa, como sujeito que podia transformar e ser transformada, aprendi com meus pais analfabetos, princípios e valores que devemos ter e levar para o resto da vida e sempre tive consciência que as desigualdades sociais entre ricos e pobres, brancos e negros é são gritantes em nosso país e no mundo, e nas Comunidades Quilombolas Tradicionais, aldeias e assentamentos rurais as desigualdades ainda são bem evidentes. Estudando, pude perceber ainda mais como nossas populações são desassistidas pelas políticas públicas em nosso país, onde em alguns lugares

fazem um falso assistencialismo, fazendo com que a população acredite que é caridade e não direitos constitucionais garantidos por lei a todos.

Em 2010 formaram-se as primeiras pessoas moradoras quilombolas das comunidades, eu, prof. Dinalva, prof. Lucimara, ambas como eu, casadas com quilombolas, cada qual com sua história de vida. Porém, ainda me recordo dos anos de faculdade, de todas as caronas que peguei... A moto usada, que com muito suor eu comprei, e dos vários tombos e queimaduras nas estradas empoeiradas e escorregadias... Recordo-me das altas horas em que cheguei, do olhar preocupado das minhas filhas e do meu companheiro, que na porteira me esperava, e dos beijos saudosos que ganhei. Recordo-me, às vezes em que chorei pelos trabalhos que se desfez, e escutar o meu estômago roncando... lembro-me também das vezes em que recebi um não dos trabalhos que fiz da orientadora que se encontrava ali. Recordo-me das colegas e companheiras que fiz e das amizades sinceras que conquistei. Lembro-me das viagens realizadas para apresentar trabalhos em Seminários, os lugares: Diamantino, Campo Novo e Cuiabá. Pegávamos o hotel antecipado para vários acadêmicos se hospedarem, eu juntava o pouco dinheirinho e se faltava corria nos vizinhos para pedir emprestado... E nos momentos antes de apresentar, recordo-me das mãos suadas, da respiração ofegante, a garganta seca e as pernas bambas, e após apresentar o trabalho, o alívio por saber que tinha sido boa a apresentação e era gratificante quando acabava e podíamos respirar, olhávamos para trás, 6 meses de pesquisas, estudos, entrevistas, coleta de dados, comparar dados para obter resultados.

Hoje vejo que tudo foi um grande aprendizado e que me possibilitou ingressar em um curso de Mestrado, tendo a oportunidade de participar e até ministrar vários cursos de formação nas mais diversas áreas e que contribuíram muito para o meu crescimento intelectual e profissional. Por diversas vezes tive que assumir uma postura mais rígida, pois, além de professora também assumi a militância quilombola, pois sentia necessidade vibrante de contribuir com a melhoria do lugar onde vivia com minha família e isso implicava em deixar o lugar que escolhemos para morar melhor do que quando chegamos, para isso é preciso estar consciente do intenso trabalho, de tempo e disponibilidade para contribuir com o crescimento do lugar em que vivemos. Reuniões de associações, disponibilidade para assumir cargos de Conselhos de Educação e de Saúde, para tentar minimizar os problemas mais comuns nas comunidades do território.

Enfim, desejar estar num curso desse porte como o mestrado e poder falar daquilo que te dá prazer e que faz parte de sua vida produz uma imensa satisfação, tanto pelas barreiras que tive a oportunidade de transpor em relação a minha participação no cotidiano e vida morando num território onde as mulheres não participavam de reuniões, isso há mais de 20 anos atrás, onde somente os homens faziam as compras de casa, onde as mulheres só cabiam o serviço doméstico e os cuidados com os filhos, onde toda a população adulta masculina não conseguiu sair da primeira série primária, e o ensino médio só existe há pelo menos cinco anos na comunidade.

Nesse meio tempo, escrevi vários projetos interdisciplinares, alguns artigos, resumos simples, mas significativos para mim e para a escola na qual trabalho há pelo menos 15 anos, e que foram apresentados em vários seminários. Organizei o primeiro grupo de siriri das comunidades através da escola, aprovando um projeto pela SEDUC (Secretaria de Estado de Educação) com recurso para confecção dos vestuários para que pudessem se apresentar em eventos na escola e outros lugares.

O Mestrado me possibilitou vivenciar todas as configurações de uma festa de santo, seus fazeres e saberes praticados ao longo dos tempos no território, seus significados e sua pedagogia de transmissão de conhecimentos e crenças através dos festejos do início ao fim.

E poder escrever e dialogar com essas maravilhas nos espaços acadêmicos de um curso de mestrado e em, provavelmente, um curso de doutorado, faz a chama do pesquisador permanecer acesa, pulsando e buscando diferentes formas de trazer toda essa cultura quilombola tão rica e bela, e poder escrever as memórias dos conflitos, dos embates das festas religiosas quilombolas, como sujeito ativo, participativo e presente; é demonstrar o amor puro e verdadeiro do meu chão, do meu povo, da minha casa, do meu lar.

## CAPÍTULO 19

### MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

*Maria Lourença Davina da Costa*

Segundo uma pesquisa realizada por Galvão (2018) é comum partilhar da ideia de que o ato de escrever é motivado, antes de tudo, pelo desejo de mostrar como pessoas comuns são capazes de superar uma infância/crescimento com dificuldades e ser, em diferentes aspectos, bem-sucedidas. Nessa reconstrução de minhas memórias, foi possível descrever neste texto de forma analítica e contextual breves resumos de fragmentos da história, para que através dela possamos compreender minha caminhada familiar, escolar e profissional durante toda a jornada. Reconhecendo que nossa história é constituída por fases, aventuras e conquistas que vêm ao longo do tempo se desbravando e concretizando.

Eu sou Maria Lourença Davina da Costa, natural de Alto Paraguai MT, filha de Benedito Davino da Costa e de Anatalia da Silva Costa. Sou mãe de três filhos: Jhone da costa Maciel, Jhonatan da costa de Maciel e Gabriel Kennedy da Costa Maciel. Resido na comunidade quilombola do Baixio no Vão Grande, localizada a 75 km de Barra do Bugres.

Estudei da primeira série até a sexta série na Escola Estadual Alfredo José da Silva. Estudei a 7ª e a 8ª séries na Escola Estadual 15 de Outubro, foi como o primeiro e o segundo ano do ensino médio. No final do ano de 2009, fui convidada pela diretora Dinalva Araujo de Campos para fazer inscrição para trabalhar na Escola Estadual José Mariano Bento como auxiliar de apoio.

No final do ano de 2009, fui convidada pela diretora da Escola Estadual José Mariano Bento, Dinalva Araujo de Campos, para fazer inscrição para trabalhar na escola citada. Efetuei a inscrição, fui aprovada, então trabalhei e concluí o ensino médio nesta escola em 2010. A partir dessa data comecei a trabalhar e a morar nesta comunidade, até que no ano de 2014, prestei vestibular na universidade UNIP/Universidade Paulista, polo de Tangará da Serra, para fazer o curso de Licenciatura em História, fui aprovada e estudei por quatro semestre. No entanto,

devido à dificuldade para deslocar da comunidade do Vão Grande até a cidade de Tangará da Serra, por falta de transporte, acabei trancando o curso.

Em 2016, logo em seguida, fiquei sabendo que iria abrir um curso de pedagogia para Educação Infantil na UNOPAR/Universidade Norte do Paraná, polo de Barra do Bugres. Me interessei pelo curso, fiz a inscrição e prestei o vestibular, e obtive a aprovação. No mês de fevereiro iniciei os estudos na Unopar, fazendo a licenciatura que era semipresencial, sendo uma vez por semana.

Ao iniciar este novo curso, tinha como objetivo melhorar os meus conhecimentos para contribuir com o ensino aprendizagem das crianças da comunidade, haja visto que já tinha trabalhado três anos na limpeza, cinco anos na nutrição e dois anos como técnica em desenvolvimento infantil. Para mim foi uma experiência nova, porque as aulas eram no sistema online, no qual a professora ministrava a aula, explicando os conteúdos e tirando as dúvidas dos alunos no decorrer do curso.

Apesar de ser uma nova modalidade de ensino, tinha os trabalhos e os projetos que eram realizados em companhias, formado por grupos de colegas do curso, o que possibilitava trocar experiências e aprendizagens, o que contribuiu com o conhecimento e desenvolvimento pessoal de todos. A professora Conceição foi a nossa tutora do 1º e 2º semestre, e a professora Márcia Amélia da Costa do 3º ao 8º semestre, que não mediram esforços para nos ajudar, encorajar e incentivar para permanecermos no curso quando os obstáculos e as dificuldades queriam nos parar.

Por morar em comunidade localizada a 75 quilômetros de Barra do Bugres, encontrei dificuldade de transporte, onde obtive ajuda de inúmeras pessoas para realizar o trajeto, às vezes vinha de van que levava os professores para lecionar na comunidade, outras vezes vinha com amigos, e muitas vezes sozinha de moto, enfrentando, poeira, sol, chuva, etc. Outra dificuldade encontrada foi a falta de internet na comunidade, impossibilitando assim acompanhar as aulas, e desta forma sendo preciso ir ao centro de apoio em Barra do Bugres para estudar, muitas vezes até três vezes na semana.

Realizei três estágios, sendo o 1º em Barra do Bugres, na Creche Municipal Menino Jesus, onde fui bem recebida e assessorada pela professora Ana Carina de Jesus, e o 2º e 3º estágio na própria comunidade do Vão Grande na Escola Estadual José Mariano Bento, acompanhada pela professora Neide Domingas

Bento, foi uma experiência maravilhosa porque tive os primeiros contatos diretos com os alunos, onde pude ver as dificuldades e as aprendizagens, notando o ritmo de desenvolvimento e crescimento deles. Esse estágio supervisionado foi bom para mim porque me deu uma visão sobre o que é uma sala de aula, o que é trabalhar no dia a dia com os alunos, porque pude observar que é um grande desafio, trabalhar com o conhecimento empírico, psicológico dos alunos, que ao chegarem na escola, trazem consigo suas experiências de vida e conhecimento, mas que precisam desenvolver e aprender, e que para isso, faz se necessários métodos de ensino apropriados para cada faixa etária, bem como conteúdos bem preparados e elaborados.

Desta forma, necessitando de planos de aula, visando sanar as dificuldades dos alunos de acordo com a realidade da classe. Percebi, também, que cada classe apresenta uma realidade diferente de acordo com os costumes e a cultura em que vivem, desta forma, a realidade dos alunos da cidade é diferente dos alunos das comunidades.

Esse estágio deu uma ideia do que é ser uma educadora, que apesar dos desafios e dificuldades encontradas no exercício da profissão, é gratificante porque ajuda na aprendizagem de nossos alunos, trazendo expectativas e sonhos para o futuro, é maravilhoso ver o futuro das nossas crianças, sendo o fruto do nosso trabalho, que de alguma forma contribuimos com o seu crescimento.

Agradeço o meu pai, criador de todas as coisas, que me permite, e cuida de mim em todos momentos da minha vida, meu senhor Jesus Cristo. Agradeço a minha família, meus pais que me ajudaram a chegar até aqui com todas as dificuldades, mas que nunca desistiram de mim, meus irmãos, minha irmã, meus primos e primas e todos os meus tios, em especial, ao meu tio Braz Verediano da Costa, minha vó Estevina Andreza da Costa, que me ajudou e contribuiu com meus estudos.

#### REFERÊNCIAS

GALVÃO, A.M.O., NEIVA, L.M.R. JINZENJI, M. Y. **O lugar dos pertencimentos do escritor-adulto na reconstrução das memórias de infância.** Pro-Posições [online]. 2018, v. 29, n. 1, pp. 192-213.

## CAPÍTULO 20

### MEMORIAL DESCRITIVO: TRAJETÓRIA PERCORRIDA EM BUSCA DO SABER

*Marinalva Gomes*

Proponho-me aqui a apresentar um memorial crítico descritivo da minha trajetória percorrida para alcançar os objetivos traçados para chegar até aqui para minha formação pessoal, acadêmica e profissional. Nesse intuito irei descrever neste memorial a trajetória de minha vida, acadêmica e profissional baseando-me no que Le Goff (1996) diz que a construção da história se dá pelo registro das lembranças e exige na análise das memórias um rigor metodológico na crítica e na confrontação com os seus registros, pois o resgate de nossa memória e o seu registro nos levam a reviver o que já passou e tecer novas perspectivas para o futuro, pois em tudo o que vivemos nos deixam marcas que nos ensinam os caminhos que devemos seguir.

Nasci no dia 12 de julho de 1981 no município de Barra do Bugres, filha de Antônio Gomes, o qual exerceu a profissão de carpinteiro e Marlene Gomes da Costa que sempre ficou com a responsabilidade de cuidar do lar e dos filhos. Somos três irmãos, sendo um homem e duas mulheres, dentre eles eu sou a irmã caçula.

A minha trajetória de vida pode não ser a mais bela e encantadora dentre as outras, mas em tudo que fiz e vivi posso dizer que tenho orgulho das minhas experiências e dos objetivos alcançados. Fui criada no município de Nova Olímpia, minha infância foi de luta e sofrimento, mas aprendi com o que diz Jung “aprendi a tirar sempre algo de bom de situações ruins”. Estudei desde a Educação Infantil ao Ensino Médio na Escola Estadual Wilson de Almeida, escola pública sim, mas que marcou a minha caminhada pelo conhecimento adquirido, pelos professores que me ensinaram, e pelos amigos que ganhei.

Concluí o Ensino Médio no ano de 1998, passados três anos trabalhando no comércio local, percebi a necessidade de estudar um pouco mais e decidi prestar o vestibular na Universidade do Estado Mato Grosso (UNEMAT). Tentando um trabalho com salário melhor, nesse período enviei vários currículos e no mesmo dia em que obtive a resposta de que havia sido aprovada no vestibular, também foi

aprovado meu currículo para trabalhar em uma das filiais da loja de eletroeletrônicos Móveis Gazim. Por ter trabalhado a vida toda com salário inferior, a oferta do momento me chamou a atenção. Mas diante dessa situação escolhi estudar o curso de Ciências Biológicas em período integral pertencente ao Programa de Ciências Agro-Ambientais da UNEMAT, campus de Tangará da Serra Mato Grosso.

Iniciei minha vida acadêmica no ano de 2002, tendo sempre o interesse de aprender mais e aproveitar o tempo fazendo algo que estivesse vinculado a minha escolha profissional. Já atuando como voluntária no laboratório de zoologia, no ano de 2003, participei de um seletivo para estagiário voluntário deste laboratório acima citado do qual era ofertado três vagas e fiquei em 2º lugar desta classificação.

No período em que passei a ficar por mais tempo na universidade, conheci mais afincado as professoras responsáveis pelo Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade – NEED Hellen Cristina de Souza, Ivanete Parzianello de Carvalho e Marinez Cargnin Stiller, o qual interessei pelos estudos e discussões a respeito, então passei por um seletivo e a partir daquele momento me tornei bolsista do PIBIC/CNPq. Dentro desse projeto foram realizadas diversas discussões sobre o tema “Diversidade” e como fruto desse trabalho/bolsista foi realizada uma pesquisa como trabalho de conclusão de curso com o tema “Conhecimento Tradicional e Práticas Agrícolas no Assentamento Rio Branco em Nova Olímpia, Mato Grosso, Brasil” e publicação de parte dessa pesquisa em Congresso de Iniciação Científica.

Em 2006, tendo concluído o curso de Ciências Biológicas, no seguinte ano 2007, iniciei minha trajetória como educadora da Escola Estadual Reinaldo Dutra Vilarinho localizada no Assentamento Rio Branco, município de Nova Olímpia, MT. Trabalhei nesta escola por um período aproximado de seis anos ininterruptos. Durante esse período surgiu a oportunidade de estudar uma pós-graduação em Literatura Mato-grossense, iniciada em 2007 e concluída em 2009, tendo como trabalho de conclusão de curso a história inicial do surgimento do Assentamento Antônio Conselheiro contada a partir de uma narrativa de uma das mulheres, que também foi protagonista da sua própria história que trouxe como título: “Assentamento Antônio Conselheiro: Tragédia e Memória Sob uma Ótica Feminina.

Em 27 de Janeiro de 2014 saí da escola Reinaldo Dutra Vilarinho para pertencer ao quadro efetivo de professores junto à Secretaria do Estado de Mato Grosso (SEDUC/MT), a vaga para assumir pertencia ao município de Tangará da Serra MT, por esta razão iniciei o trabalho na Escola Estadual Marechal Cândido

Rondon, localizado no Assentamento Antônio Conselheiro, Agrovila 19 sede, município de Tangará da Serra o trabalho de docente atuando nas disciplinas de Ciências do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Em busca de formação continuada e capacitação docente enfrentados no dia-a-dia da realidade das escolas do campo, no ano de 2014, por ter assumido a Coordenação Pedagógica da escola Marechal Cândido Rondon, através de um e-mail institucional ficamos sabendo da oferta do curso de pós-graduação Especialização em Coordenação Pedagógica através do Programa Escola de Gestores da Educação Básica Lato Sensu oferecido pela UFMT, rapidamente comuniquei ao diretor da escola e demais coordenadoras para a realização do mesmo até mesmo pelas condições em que foi oferecido esse curso de pós-graduação, sendo semi-presencial com atividades online para serem desenvolvidas diariamente, ou semanalmente através da plataforma, o curso teve a duração de um ano 2014 à 2015.

A pesquisa objetivou em estudos primordiais para a construção do saber pedagógico dentro da realidade escolar, colaborando assim no cotidiano do coordenador, pois essa função é essencial na organização e bom andamento do ensino e aprendizagem dos estudantes. O trabalho de conclusão de curso intitulado: “Educação do Campo: Limites e Possibilidades”, foi um trabalho que nos proporcionou uma reflexão mais intensa sobre as questões voltadas à realidade escolar. Percebi neste período a necessidade de constante formação continuada para os professores, pois a educação muita das vezes necessita ser repensada, dialogada e acima de tudo transformada a partir de práticas pedagógicas que atendam a demanda curricular dos estudantes.

No ano de 2014 à 2015 também realizei outro curso de pós-graduação voltado para Educação do Campo, pois as condições do processo de ensino e aprendizagem na unidade escolar revela as suas potencialidades, bem como as fragilidades do ensino, o curso “Especialização em Práticas Pedagógicas na Educação do Campo” contribuiu mais uma vez de forma significativa no processo de pesquisa investigativa voltado para a “Agricultura Familiar Sustentável”. Pensando as ações atuais e prevendo as futuras gerações.

No mês de abril à dezembro do ano 2014, através Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência ofertado pela UFMT, participei do Curso de Aperfeiçoamento/ Extensão em Educação do Campo: O trabalho docente de professores que atuam

nos anos iniciais que atuam no ensino fundamental, promovido pelo Departamento de Ensino e Organização Escolar/IE/UFMT. Esse curso formativo possibilitou diferentes experiências da prática pedagógica docente, com atividades em diferentes salas e ambientes que nos fez refletir, construir projetos, planejar aulas, organizar, compartilhar os diversos saberes coletivos e individuais que foram fortalecidos em busca de qualidade de ensino e aprendizagem educacional na/da escola do campo.

E, por gostar de estar engajada em projetos e discussões pertinentes participei como Colaboradora, membra da Comissão Organizadora e Palestrante/Conferencista no Projeto: Diversidade Cultural e Educação Científica, promovido pelo Departamento de Química/ICE/UFMT, realizado no ano de 2015 e concluído no ano de 2016.

Portanto, sabemos que a nossa prática pedagógica influenciará diretamente nos diversos espaços sociais, temos que trabalhar em busca de educação com qualidade e equidade a todos os envolvidos.

No ano de 2017 ingressei no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências Naturais- PPGEEN na UFMT busquei como meio formativo e profissional para a educação do campo focalizando o ensino, a aprendizagem e o currículo, tive como resultado de pesquisa com o Tema “Aprendizagem de Processos Bioquímicos de Panificação por Alunos do Ensino Médio no Contexto Inclusivo e Colaborativo”. A amplitude social é relevante, pois ser educador não pode apenas ser transmissor de conhecimento, mas de promover uma transformação social de atitudes e valores no espaço que compartilhamos o conhecimento reconhecendo cada um como ser único, capaz de aprender e ensinar.

#### **REFERÊNCIA**

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leilão... [et. A.1.] 4ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

## CAPÍTULO 21

### MEMORIAL DESCRITIVO

*Miriam Elisabete Renner*

Descrever neste memorial a trajetória de minha vida, acadêmica e profissional baseando-me no que Le Goff (1996) diz que a construção da história se dá pelo registro das lembranças e exige na análise das memórias um rigor metodológico na crítica e na confrontação com os seus registros, pois o resgate de nossa memória e o seu registro nos levam a reviver o que já passou e tecer novas perspectivas para o futuro, pois em tudo o que vivemos nos deixam marcas que nos ensinam os caminhos que devemos seguir.

Sou natural de Tenente Portela no Rio Grande do Sul, vivi minha infância no município de Derrubadas, no sítio junto com minha mãe Brunilda Erna Renner que era professora e meu pai Ercildo Renner que era comerciante e mais seis irmãos, aprendi a apreciar e “valorizar” o estudo, o espaço da escola e a figura da docência. Respeito, dedicação, responsabilidade, autonomia, diálogo e solidariedade eram/são noções e valores fundamentais oriundos de minha família e vividos na relação com a escola. Estudei a pré-escola até a 5º série em uma escola perto de casa, do 6º série à 8º série em uma escola do estado a cinco quilômetro de casa, manhãs frias, geladas, andávamos a pé ou quando dava certo pegávamos carona com o leiteiro, mas foram anos de estudo muito proveitosos, pois a escola era e é referência de aprendizagem até hoje naquela região.

No ensino médio estudei na escola Cenecista de Tenente Portela á 25 quilômetros de casa, escola particular, tinham 14 anos, tive que sair de casa, trabalhava de doméstica meio período e no outro cursava o magistério, no segundo ano do curso, comecei a lecionar em uma escola do campo, e a partir desse momento nunca mais me distanciei da minha vocação, ser professora. Trabalhei como professora quatro anos sempre em escola do campo com turmas multiseriadas, onde tinha que lecionar da pré-escola a 5º série, fazer a merenda, limpar a escola, e muitas delas não tinha água encanada, só de poço, mas o que me alegrava era o envolvimento da comunidade no processo educativo dos filhos.

Eu tinha um sonho, cursar uma graduação, porque pensava que ter um curso superior era a melhor coisa que poderia acontecer na minha vida, o estudo sempre foi um caminho seguro para alcançar os objetivos.

Todavia, não tinha condições financeiras de bancar uma universidade no Rio Grande do Sul e por isso no ano de 1993, vim para Mato Grosso, aventurei... Troquei família e segurança, pela possibilidade de realizar um sonho: Ser professora formada! Viajei a um estado do qual só tinha ouvido falar, cheguei a uma madrugada no início de fevereiro. Consegui aula nos três períodos em uma escola do estado em Nova Olímpia, no ano seguinte casei com Aivertane Azevedo de Souza e em 1994 passei no concurso do município. No ano de 1995, aconteceu à realização de meu maior sonho, passei em 17º lugar no curso de letras da Unemat, uma universidade pública, foi um dos dias mais feliz da minha vida, iniciei o curso muito entusiasmado, aproveitava cada momento, entretanto apesar de parecer que estava vivendo um sonho, logo ele seria interrompido.

Em 1996 meu esposo se juntou a mais de mil famílias acampadas na beira da BR 364, entre Nova Olímpia e Tangará da Serra – MT, organizando reuniões, participando dos encontros, fomos nos integrando com as questões agrárias e não demorou muito, para sermos sorteados em um lote de terra na cidade de Campo Verde - MT, mudar para o lote em outro município, foi uma decisão muito difícil, pois implicava em pedir demissão do concurso público de Nova Olímpia e no cancelamento do segundo semestre do curso de letras da UNEMAT. Era preciso desistir de um sonho: Fazer faculdade. Para conquistar outro: Ter um pedacinho de Chão. Foi uma das decisões mais difíceis que já fiz, mas acredito que em tudo Deus nos ensina o caminho. Foi, como nas palavras de Paulo Freire (1993), experimentando-me no mundo que me fiz gente. Pois a construção de minha identidade campesina deu-se neste espaço e a indignação por falta de Políticas Públicas que atendesse as necessidades dos povos do campo era e é latente, pois nos espaços dos assentamentos as dificuldades são tantas que somente um povo que tem coragem e persistência consegue superar.

Chegando a Campo Verde, embaixo do barraco de lona, iniciamos a organização do assentamento e a luta pelas benfeitorias do PAR. Foi nesse momento que percebi como éramos discriminados naquela cidade. Através de muitas reuniões com autoridades conseguimos que iniciassem as obras. A construção da escola foi um marco em minha caminhada, quando integrei a

comissão responsável por todo o processo de construção e organização. Como diz Paulo Freire (1993) "... vamo-nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte".

Dentre todas as lutas que tive que enfrentar essa foi a que me fez proprietário de um pedacinho de chão, aprendi que para ter esse direito não é apenas querer e sim abdicar da própria vida para poder ter, é nas relações com o outro que conhecemos até onde somos capazes de mudar. Paulo Freire nos ensina que: "Todo futuro é a criação que se faz pela transformação do presente."

Nesse assentamento que tive meus dois filhos Nathan e Thauan, são presentes de Deus, mudaram a minha história, estabeleceram um elo entre a minha vida e a deles, uniu ainda mais a minha família, O nascimento do Nathan foi uma alegria, apesar de nossa condição de vida, fez com que o amor revivesse em nossos corações. O Thauan nos trouxe paz, pois é uma das virtudes de Deus, muito orgulho nos deu e continua dando.

Muitas transformações aconteceram nesse espaço de luta e de construção da cidadania, mas as marcas do sofrimento e da dor da discriminação por ser "Sem Terra" permanecem em mim. Em 2000 fomos transferidos para o Assentamento Riozinho no município de Nova Olímpia- MT, do qual faço parte até hoje. Em seguida passei novamente no concurso público municipal.

O sonho da graduação também se realizaria: Fui aprovada no vestibular da UFMT para Pedagogia a distância pelo NEAD, foi neste curso que me tornei pesquisadora, agradeço a Professora orientadora Adelma Nazário que soube tecer os conteúdos e as práticas vivenciadas de forma prazerosa. Esse foi realmente um espaço de construção do conhecimento.

Desde que cheguei ao assentamento Riozinho, atuo como educadora na Escola Reinaldo Dutra Vilarinho, sempre gostei da arte de ensinar, pois acredito que é esse ato nobre possibilita a conexão exata entre o saber e o fazer, pois se consigo transmitir ao meu educando o que sei e ensinar ele a buscar o que não sabemos, terá a certeza que ele estará pronto para ser um cidadão, e buscar no mundo as possibilidades para viver em sociedade, como bem ilustra Morin (2000) um processo de "descoberta de nós mesmos em personagens diferentes de nós".

Em setembro de 2009 concluí o curso como Pedagoga pela UFMT e para a conclusão da última disciplina do curso (história e geografia) fiz um projeto de

pesquisa intitulado “A Construção do Lugar pelos Assentados do Riozinho”, neste trabalho percebi a necessidade de registrar a história dos assentados.

Em 2010 conclui a Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional pela Faculdade Afirmativa, esse curso nos deixou mais perto dos problemas que tínhamos referente à aprendizagem e aos distúrbios de aprendizagem dos educandos de nossa escola.

Entre os anos de 2009 á 2011 estive na coordenação da extensão da escola do município Deputado Renê Barbour, na escola Estadual Reinaldo Dutra Vilarinho, foi muito gratificante, momento de muita aprendizagem e gerenciamento de conhecimentos entre educandos e educadores trabalhamos muitos projetos, que fizeram da prática pedagógica uma práxis em que as trocas e as mudanças ainda são percebidas na atuação dos profissionais e na vida dos estudantes. Paulo Freire em sua sabedoria nos diz que: “O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber”.

No ano de 2012 fui escolhida pela comunidade escolar para ser a gestora da escola Estadual Reinaldo Dutra Vilarinho, outra escolha que tive que fazer, pedi afastamento do município por dois anos e assumi a gestão em contrato temporário. Essa foi mais uma trajetória que me ensinou muito, pois a organização da escola do estado é diferente do município, nesse espaço educativo houve muitas lutas, mas também conquistas que mudaram o perfil da escola urbana para escola do campo, a coletividade foi marca registrada e a gestão participativa foi implantada na escola.

A minha vinda para a escola do campo fez-me crescer como pessoa e possibilitou uma construção de conhecimentos, pois foi nesse espaço educativo que realizei, junto com minhas colegas, a execução de muitos projetos que resultaram em muitos artigos científicos dando-nos experiência e troca de conhecimentos.

No ano de 2013 iniciei um curso de pós-graduação pela UAB/UFMT a distância com momentos presenciais, esse curso está sendo muito importante em nossa caminhada, pois nos faz ver o que fizemos até aqui como educador e como está sendo a nossa atuação como tal dentro das práticas pedagógicas do campo.

Este ano em 2014 fui convidada pela profa. Dra. Hellen Cristina para fazer parte da coordenação do IV Fórum de Educação e Diversidade/NEED-UNEMAT, fiquei muito grata, pois esta experiência contribuiu para minha formação enquanto educadora. Esta parceria entre a Universidade e os movimentos Sociais simboliza o fortalecimento de um elo importante.

Durante os demais anos continuei trabalhando na escola como professora, sempre fazendo o meu melhor, pois acredito que o papel que desempenho nessa função é de fundamental amplitude social, pois ser educador não pode apenas ser o transmissor de conhecimento, coisa que os meios midiáticos fazem muito bem atualmente, mas de promover uma transformação social dentro das perspectivas de mudanças de atitudes e valores no meio campesino em que vivemos.

#### REFERÊNCIAS

LE GOFF, **Jacques. História e memória**; tradução Bernardo Leilão... [et. A.1.] 4<sup>a</sup> Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

## CAPÍTULO 22

### A MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

*Neide Domingas Bento*

Segundo Halbwachs, o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupos de referência. A memória é então sempre construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, como se pode ver, o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30). Dessa maneira, a lembrança é resultado de um processo coletivo, estando inserida em um contexto social específico.

Meu nome é Neide Domingas Bento, nasci no dia 20 do mês de junho do ano de 1976, no Território Quilombola Vão Grande, filha de Manoel Brasileiro Bento e Licine Agostinha da Silva. Meus avós paternos, José Mariano Bento e Maria Eulália de Lima. Avós maternos, Manoel Bonifácio da Silva e Sebastiana Agostinha da Silva. Meus pais tiveram dez filhos sendo eu a segunda filha do casal na ordem crescente. Estudei até a 3ª série na única escola que tinha na região e se localiza na comunidade Vaca Morta. Atualmente está desativada. Fui levada para a cidade de Cuiabá para trabalhar como babá aos 14 anos de idade. Mãe de dois filhos, sendo eles: Nelyza Bento Inocência e Marcelo Bento Inocência. Retomei os estudos e terminei com muitas dificuldades o tão sonhado Ensino Fundamental.

A minha trajetória de vida é muito parecida com a de muitas mulheres que se depararam com os problemas de um casamento que não atendia às expectativas. Separei-me e mudei-me para Tangará da Serra em busca de melhores condições de vida para sustentar dois filhos pequenos. Sempre com uma vontade enorme de retomar os estudos e terminar o Ensino Médio para finalmente realizar um sonho que sempre tive de me tornar professora, voltar para minha comunidade e trabalhar

com as crianças e poder ser útil de alguma forma para melhorar nossa realidade de exclusão total de direitos básicos para a nossa sobrevivência.

Retomei os estudos depois de me estabilizar com a ajuda do meu irmão mais velho. Consegui um emprego e uma casa alugada, enfrentando muitos desafios diários para conseguir estudar. Terminei o Ensino Médio, na Escola Antônio Casa Grande. Matriculei-me na Faculdade de Pedagogia UNISSERRA. Sempre pensando no meu sonho de ser professora. A faculdade era particular e o valor do curso estava fora da minha realidade aquisitiva. Graças a professora Geovanna Estefanato que conheci na UNEMAT no Departamento de Cultura, consegui uma bolsa integral para fazer o curso.

A partir daí, minha vida tomou um novo rumo, novos desafios, mas com um objetivo, um foco, uma determinação. E os estudos se tornavam cada dia mais desafiadores, o curso era presencial, muitos textos para ler, muitos trabalhos, seminários e apresentações. Tive muitos momentos de medo, não podia perder a bolsa e os desafios eram muitos. Cada dia que terminava era uma vitória, vivia um dia de cada vez, sempre contando só hoje vou conseguir.

Devo muito ao meu professor de história Dr. Carlos Ednei que sempre me incentivou com palavras de apoio que me faziam chorar muito, mas que era a injeção de ânimo diário. E assim foi acontecendo todos os dias encarando e vencendo os desafios, não podia faltar, não podia tirar nota baixa, não podia reprovar o semestre, pois isso acarretaria na perda da bolsa. Esforcei-me muito, renunciei muitas coisas junto aos meus filhos, perdi meu pai sem poder estar com ele, para conseguir realizar meu sonho.

Então quatro anos se passaram e, finalmente, no dia doze de dezembro coleei grau! Foi um dia muito emocionante para mim, não fiz formatura, não tive anel de formatura e não tive ninguém da minha família presente na minha colação de grau. Nem meu irmão mais velho Olair Francisco Bento pode ir comigo, apenas eu e meu sonho, finalmente realizado.

Assim finalizo agradecendo a Deus, primeiramente, e À minha família, meus filhos, meu professor Dr. Carlos Ednei, minha amiga Mônica e todos que, de alguma forma, me ajudaram na concretização desse sonho.

## REFERÊNCIAS

HAWBUACHS. Maurice. **A Memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/355386087/4-Memoria-Coletiva-de-Halbwachs>. Acesso em: 12 jul. 2021.

## CAPÍTULO 23

### MEMORIAL: MEUS TRILHOS

*Plinio Olderi Carvalho*

O presente texto tem como objetivo produzir um texto analítico e crítico com informações e reflexões sobre minha trajetória escolar e profissional, bem como meu processo de inserção e atuação docente. Neste sentido busco reconstruir neste memorial minha história de vida acadêmica e profissional, embora parafraseando com D'Onófrio (2007, p.86), saibamos que o passado, no ato de ser lembrado, perde a pureza do passado e torna-se presente. A experiência intermediária entre o evento do passado e o momento da lembrança faz com que, esse passado não possa mais ser recuperado na sua integridade, porque se transformou no decorrer do tempo. O que resta, portanto, é apenas um presente existencial, convergência do passado modificado pela memória e do futuro pressentido pelo espírito. Portanto na construção desta escrita, partirei das concepções de hoje, para descrever as experiências vivenciadas ontem.

Sou o segundo de nove filhos de um casal de agricultores do interior de Santa Catarina. Aprendi cedo a realizar o trabalho na lavoura e ajudar meus pais. O trabalho árduo e contínuo, a distância da escola, a dificuldade financeira eram fatores que nos impediam de progredir nos estudos. Em busca de melhorias meus pais ingressaram no primeiro acampamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) em Santa Catarina, e foram contemplados com um lote no qual residiram até se retirarem deste plano físico.

Ainda jovem, deixei a casa dos meus pais e ingressei na luta pela terra através do MST catarinense, pouco tempo depois fui transferido para o Rio Grande do Norte para contribuir no SCA - Sistema de Cooperação Agrícola dos Assentamentos, ligado ao MST. Neste Estado casei com Francisca Edilza Carvalho e constitui minha família. Com o casamento vieram outras responsabilidades, tais como a educação dos nossos filhos: Plinio, Henrique, Eloênia e Philipe.

Como objetivo de dar continuidade à luta pela terra, no ano de 1997 eu mudei para o Estado de Alagoas, para contribuir na organização das cooperativas

dos assentamentos daquela região. No ano seguinte, em 1998 mudamos para o Estado do Mato Grosso com o objetivo de contribuir na organização do SCA no acampamento Antônio Conselheiro, também ligado ao MST. Foi nessa relação social que me descobri no mundo e aos poucos fui construindo meu jeito de ser gente. Como diz Paulo Freire (2001, p.40) "Ninguém nasce pronto vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte".

Em 1999 a fazenda Tapirapuã foi desapropriada dando origem ao assentamento Antônio Conselheiro, no qual eu e minha família moramos por vinte anos. A implantação e manutenção das escolas no assentamento se constituíram um desafio constante. Passei a atuar como educador na escola Marechal Cândido Rondon, localizada no Núcleo Urbano 02 do assentamento Antônio Conselheiro, na qual assumi o papel de Diretor da Escola, Coordenador Pedagógico e atuei como professor em várias turmas. Nesta instituição contribuí para a implantação da escola, e em seguida, para a estruturação da mesma, nas lutas pela implantação da Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos e finalmente pela implantação do Ensino Médio.

Em 2001, através de uma bolsa de estudos cedida pela Prefeitura do município de Tangará da Serra - MT ingressei no curso de Pedagogia pelo Instituto Tangaraense de Educação e Cultura. Os 60 km de distância entre minha casa no assentamento e a faculdade não diminuíram o entusiasmo em frequentar as aulas diariamente, mesmo sabendo que o retorno para o lar seria só pela madrugada.

A cada aula, uma nova descoberta aguçava minha curiosidade, me proporcionando uma nova releitura do mundo. Fazendo verdadeiras as palavras de Paulo Freire. A faculdade seria também um espaço para discussão e reflexão. Desta forma, é inegável que a relação com a instituição, com as pessoas que a constituíam, redimensionou de múltiplas formas o meu olhar.

Concluí a graduação no ano de 2004, com a monografia intitulada: A origem dos trabalhadores no assentamento Antônio Conselheiro, sob a orientação do professor Dr. Carlos Ednei de Oliveira. Neste trabalho procurei descrever e analisar a origem das famílias assentadas no Antônio Conselheiro. A análise desvelou a miscigenação presente na composição do assentamento e as consequências deste fato na organização das associações e cooperativas da região.

Em 2005 ingressei no curso de especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar pelo ICE – Instituto Cuiabano de Educação, no qual refleti sobre vários

aspectos relacionados à gestão na escola do campo, em 2006 conclui a especialização, com a monografia intitulada “Os princípios Pedagógicos e Filosóficos da Educação do Campo”, a elaboração do trabalho possibilitou a reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas do assentamento e uma comparação entre as teorias e as práticas vivenciadas no chão das escolas, na sequência cursei a especialização em “Coordenação e gestão escolar” realizada na Universidade Estadual de Mato Grosso, sob a orientação da professora Dejacy Abreu.

No ano de 2006 fui aprovado no concurso público do município de Nova Olímpia- MT, desde então venho atuando como educador na extensão da Escola Municipal de Educação Básica Dep. Renê Barbour, em funcionamento no prédio da Escola Estadual do Campo Reinaldo Dutra Vilarinho, localizada no Assentamento Rio Branco a 60 Km da sede do município de Nova Olímpia e 350 Km da Capital do Mato Grosso.

Apesar da escola ser localizada no assentamento Rio Branco e ter sido construída com a finalidade de atender aos filhos dos assentados, ela não possuía características de escola do campo, antes possuía um perfil urbano. Este perfil era oficializado na organização do Projeto Político e Pedagógico e demonstrado no jeito de gestar a escola, nas tomadas de decisões, no cotidiano da escola, a rotatividade dos professores que vinham do centro urbano, o que também contribuía para agravar este quadro. Esta situação foi se constituindo em um novo desafio: contribuir para que a escola, a comunidade escolar fosse aos poucos adquirindo novas características. Estas mudanças logo foram se materializando através da escolha da nova direção escolar por meio de voto, substituindo a escolha por indicação.

As tomadas de decisões foram aos poucos se tornando mais coletivas, mais descentralizadas. As mudanças que a escola assumiu ao longo do caminho se materializou e se traduziu na construção do PPP, no qual a escola oficializou este novo jeito de ser. Dentre os fatores que contribuíram para esta mudança, merece destaque o fato do quadro de profissionais moradores dos assentamentos aumentar de 35 para 95 por cento, diminuindo a rotatividade e ampliando o envolvimento com a unidade escolar.

Ao longo dos anos venho publicando artigos, participando de eventos, apresentando trabalhos em forma de comunicação oral e pôster relacionados a

vários aspectos da Educação do Campo, tais como: A luta pela Reforma Agrária, A conquista da terra; A contribuição do poder público; O papel da mulher na luta pela terra; A educação infantil no campo; A educação de jovens e adultos; A gestão participativa; Os projetos realizados na educação do campo.

Nesta direção, venho em minha jornada acadêmica e profissional procurando caminhos que valorizem tanto a Educação do Campo quanto os saberes que são construídos por pessoas que esperam uma educação comprometida com as comunidades que habitam.

## **REFERÊNCIAS**

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. s.1., ática, São Paulo.2007

FREIRE, Paulo. **Política e educação: Ensaio**. São Paulo: Cortez, 1993.

## CAPÍTULO 24

### MINHA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO FOI ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

*Rosangela de Campos Silva*

Meu nome é Rosangela de Campos Silva, neste ano de 2021, tenho 40 anos, sou casada e mãe de dois filhos. Sou professora. Minha história com o Quilombo se inicia desde meu nascimento, pois minha avó materna é descendente do povo mata-cavalense. Em razão do casamento da minha avó materna com um não quilombola, ela se mudou para Santana do Cracará, uma comunidade vizinha à Mata Cavallo, onde nasceu a minha mãe. Anos mais tarde, em decorrência do matrimônio, meus pais continuaram morando no sítio dos meus avós. Assim como a minha mãe, eu também nasci na Comunidade Santana do Cracará, porém sempre mantivemos relações estreitas com o Quilombo Mata Cavallo, visitando os parentes que lá habitam.

No ano de 1985, quando eu estava com 5 anos de idade, pelo fato de não haver escola na comunidade onde morávamos, minha mãe se viu motivada a deixar o sítio da família, mudando-se com os filhos — eu e mais três irmãos — para o município de Nossa Senhora do Livramento. Papai não nos acompanhou e continuou residindo no sítio, pois precisava tirar dali o sustento da nossa família.

Nos fins de semana, íamos para a nossa comunidade para ficar junto com o papai. Sempre pegávamos carona com conhecidos até o quilombo Mata Cavallo, depois continuávamos o percurso a pé, até chegarmos ao nosso sítio, que ficava aproximadamente 36 quilômetros distante da cidade de Nossa Senhora do Livramento, e 13 quilômetros da Comunidade Mata Cavallo.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, frequentei a Escola Estadual Irmã Maria Evarista, que atendia estudantes dos 6 a 10 anos de idade, ou seja, até o quarto ano da primeira etapa. Em 1991, para cursar a segunda etapa do ensino fundamental, fui transferida para a Escola Estadual Professor Feliciano Galdino, no mesmo município. Durante o quinto ano, vivi momentos difíceis, pois meu pai estava com câncer e não tinha mais condições de morar no sítio, passando a morar conosco na cidade. Como ele estava impossibilitado de trabalhar, por conta da

doença, enfrentamos problemas financeiros e minha mãe, para manter o sustento da casa, trabalhou como costureira e vendedora ambulante.

Naquele ano (1991), quase reprovei, pois nossa vida passou por mudanças bruscas: minha mãe já não tinha mais tempo para me auxiliar nos deveres escolares, uma vez que passou a trabalhar fora o dia todo e, além disso, também cuidava do meu pai doente, que tinha crises de dor muito fortes. Eu, naquela época, com 11 anos de idade, tive dificuldades para entender por que minha família estava passando por tudo isso, o que refletiu negativamente no meu desempenho escolar. Dois anos depois, em 1993, meu pai faleceu.

Mesmo com todas as dificuldades financeiras e emocionais enfrentadas, mantive-me firme na escola até terminar o ensino médio, em 1998. Após a conclusão dessa etapa, fiquei sem perspectivas de ingressar no ensino superior, algo que não acontecia só comigo, mas com a maioria dos jovens livramentense, pois, na cidade de Nossa Senhora do Livramento MT, não tinha nenhuma instituição de ensino que oferecesse educação superior. Então, sem serviço e sem dinheiro, o sonho de continuar os estudos estava bem distante.

No ano de 2000, inscrevi-me em um seletivo promovido pela Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Livramento, no qual fui aprovada e assumi a função de agente comunitária de saúde. Nessa época, meus dois irmãos mais velhos me incentivaram a prosseguir com os estudos, dizendo que isso melhoraria financeiramente a minha vida, além de trazer crescimento pessoal e profissional.

Então, em meados de 2000, fiz vestibular, passei e ingressei no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, com ênfase em Ecologia, em uma universidade privada no município de Várzea Grande–MT, cidade vizinha ao município de Nossa Senhora do Livramento. Passei então a trabalhar durante o dia e a estudar à noite e nos fins de semana.

Concluí a graduação em Ciências Biológicas em fevereiro de 2004. Finalmente, era uma graduada! A única graduada na cidade de Nossa Senhora do Livramento. No mesmo ano, em março, participei do seletivo para vaga de contrato temporário na Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso (Seduc–MT), e fiquei em primeiro lugar na classificação para lecionar a disciplina de Biologia.

No entanto, na época, mesmo eu sendo a única graduada na área de Ciências Biológicas e ficando em primeiro lugar na classificação, tive de lutar para conseguir a vaga de professora na Escola Estadual Professor Feliciano Galdino,

pois a assessora pedagógica do município, juntamente com o diretor da referida escola, disseram-me que a vaga já havia sido preenchida por um professor pedagogo. Após muita luta eu conquistei minha vaga.

Remexendo no meu baú de lembranças da época em que cursava a educação básica, lembro-me de que as histórias dos negros trazidas nos conteúdos de História sempre os qualificavam como escravos. Quando falavam sobre Quilombo, referiam-se a locais onde abrigavam negros fugidos, rebeldes, baderneiros. Os docentes repetiam as histórias contadas pelos livros didáticos, que se apresentavam com uma abordagem distorcida, etnocêntrica e impregnada de preconceito e discriminação, ou, ainda, baseavam-se nas histórias que lhes foram contadas ora por seus professores, ora pela sociedade livramentense, também de modo equivocado.

Em nenhum momento, na minha formação, lembro-me de os docentes na educação básica terem trabalhado as questões raciais, em especial, a história do negro, com o intuito de recontar a história sob o olhar do colonizado. Percebi, então, que sempre levavam em conta apenas os escritos do ponto de vista do colonizador.

Em 2005, aproveitando uma oportunidade que surgiu para professores interessados em cursar a segunda graduação, ingressei no Curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais e Matemática, com habilitação em Química, turma especial. Optei por cursar essa segunda graduação com o intuito de me aperfeiçoar na área para ajudar os estudantes, pois, na escola, não existia professor com essa formação.

Em 2010, terminei a segunda graduação. Nesse mesmo ano, fui convidada para trabalhar na Escola Estadual Rosa Domingas de Jesus, que funcionava na comunidade do Ribeirão da Mutuca, uma das integrantes do Quilombo Mata Cavalu. Lá estava eu de volta às minhas origens! Realizando o sonho de poder trabalhar com os meus irmãos mata-cavalenses.

Ao assumir as aulas, tanto na Escola Feliciano Galdino como na Escola Rosa Domingas, eu também apenas reproduzia os conteúdos tal qual apareciam nos livros didáticos, sem nenhuma preocupação em contextualizá-los a partir da realidade dos educandos. Eu repetia o fazer pedagógico aprendido com meus professores seja na educação básica seja no nível superior.

Em julho de 2012, deixei as aulas da Escola Rosa Domingas. Com a construção da nova sede, assumi aulas na Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição Arruda, localizada na Comunidade Mata Cavallo de Baixo.

Na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda (EEQTCA), comecei a me deparar com discussões incentivadas pela diretora e demais colegas professores sobre a necessidade de um novo currículo, de novas metodologias de ensino para a escola do Quilombo. Em 2012, fui aprovada num concurso público para a educação básica da Seduc-MT. Em 2013, ancoradas na Lei n.º 10.639/2003, nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para Educação Quilombola e nas Orientações Curriculares (OCs) para Educação Étnico-racial de Mato Grosso, já como coordenadora pedagógica da EEQTCA, iniciamos todos nós professores e funcionários unidos e alinhados na mesma perspectiva, que é o impasse pela efetivação de um currículo específico quilombola. Nos anos de 2013 a 2015, foram-nos oferecidos vários cursos interessantes, mas que, no entanto, não respondiam, no todo, às nossas necessidades formativas.

Nessa busca por aperfeiçoamento para suprir as competências para atuar na educação quilombola, a partir da reunião no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Quilombola (GEPEQ), coordenado pela professora doutora Suely Dulce de Castilho, em setembro de 2016, na escola de Mata Cavallo, a fim de apresentar o projeto de pesquisa intitulada Saberes e fazeres dos Docentes das Escolas Estaduais Quilombolas, começamos a mudar nossa ação pedagógica.

O referido curso cumpriu o propósito que instigou sua realização, pois nos propiciou conhecimentos e experiências que consideramos importantes e necessárias à construção de saberes relevantes em nossas vivências e nas práticas didático-pedagógicas, todavia esse desafio ainda carece de estudos mais aprofundados, o que me levou a ingressar no Mestrado em Educação pela UFMT em 2019. Hoje (2021) mestre em educação, estou como coordenadora da escola EQTCA, responsável pelas salas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e muito motivada em romper barreiras em direção a um ensino de qualidade e que também valoriza os valiosos conhecimentos da comunidade.

## CAPÍTULO 25

### MEMORIAL: IDAS E VINDAS

*Tereza Cristina de Souza*

A reconstrução da memória envolta nesse texto carrega consigo o objetivo de descrever um texto de forma analítica e contextual a junção de fragmentos de eventos ocorridos durante a minha caminhada familiar, escolar e profissional, possibilitando ao leitor a compreensão de forma superficial de minha jornada. Essa proposta tem o poder de trazer ao presente fatos e lembranças que até então estavam no passado, possibilitando analisarmos a caminhada e eventos já antes ocorridos, uns com pesos maiores, outros menores, onde todos juntos formam o trilho da nossa história. Ferreira (2013 p. 10) confirma esse fato quando afirma que na construção dos relatos o autor sente vontade de perpetuar sua existência, reconstruindo sua imagem da forma como gostaria de ser lembrado, na possibilidade de omitir memórias e fatos desagradáveis, visando exaltar suas vitórias e conquistas. Desta forma apresento a vocês a versão resumida de minha própria história.

Era ano de 1973, mês de abril na bela cidade de Tangará da Serra, na chácara de seu Pedro Camilo, nascia Tereza Cristina de Souza quem a pegou foi a parteira dona Rosa, o nome foi escolhido muito antes por uma tia chamada Maria Terezinha Teixeira. Seus pais Cícero Rodrigues de Souza e Maria Auzira da Conceição, lavradores, trabalhavam de sol a sol na plantação de café para sustentarem seus filhos.

No ano de 1975 mudou para Nova Londrina- Paraná, foi necessário, pois procuravam novas condições de vida e trabalho, neste lugar também moraram em sítio. Em 1978 mudaram para Mato Grosso do Sul, município de Gratemi, também residiam no campo. Desta forma, Tereza conheceu a vida no campo muito cedo, ela cresceu ajudando nos afazeres campestres, colaborando com seus pais no que fosse preciso.

Iniciou seus estudos na escola municipal Santa Terezinha, que era localizada na fazenda São Vicente de Paula município de Vila Juti- MS, Tereza ia para escola

ora a pé ora à cavalo, 4 quilômetros, quando iam a cavalo eram três crianças montadas no petiço, quando petiço empacava era difícil, ele mordida dava coice e ninguém conseguia pegar para arrear, todos perdiam o dia de aula.

Na escola era uma sala multisseriada da primeira à oitava série havia uma professora que se dividia para limpar, dar aula e fazer merenda, tempos depois a escola fechou, desta forma, os fazendeiros compraram uma kombi e pagaram um motorista para levar os alunos a fim de estudar na cidade, Tereza ficou estudando na escola 31 de março e concluiu a 1ª série.

Os pais de Tereza reconhecendo a dificuldade que era para ela ir na escola, decidiram levar Tereza para morar com os avós em Caarapó – MS, passou a estudar na escola estadual Joaquim Alfredo Soares e Vianna, nesta escola estudou até a quinta série.

Em 1987 volta para Tangará da Serra e conclui os seus estudos, fez faculdade de pedagogia e pós-graduação em psicopedagogia. Casou-se em 2002, e mudou para Nova Olímpia, desta união nasceram três filhos. Em Nova Olímpia começou a trabalhar na escola de idiomas e informática, onde ficou trabalhando por 10 anos. Enfim, este é um pequeno relato da minha história de vida.

A minha história na educação do campo iniciou em 2010, quando conheci a comunidade Antônio Conselheiro localizada na cidade de Tangará da Serra- MT, nesse percurso fui trabalhar na escola Marechal Cândido Rondon na agrovila 19 sede da antiga fazenda Itapirapuã.

Eram tempos difíceis, o único alojamento disponível para os professores era o casarão, construído por Marechal Cândido Rondon, um ambiente insalubre, assombrado onde permaneci por mais de uma década, fiz a minha escolha na época, nem pensei muito, apenas encarei aquela realidade, e amei o lugar.

Nos primeiros anos saía de Nova Olímpia às 3:30 da manhã até Tangará da Serra para pegar o ônibus escolar às 5:00 da manhã até a curva para esperar o ônibus escolar que fazia a linha até a escola. Foi a partir de 2015 que passei a sair de Nova Olímpia aos domingos de moto para trabalhar na segunda-feira. Nunca foi fácil, mas a necessidade muitas vezes nos faz pessoas fortes, capazes de transpor qualquer obstáculo.

Cheguei nesta comunidade escolar pelo fato de ter passado em um processo seletivo do município de Tangará da Serra, neste mesmo ano a escola se estadualizou, ou seja, passou a ser estadual e eu permaneci na escola, comecei a

buscar conhecimentos na área da educação do campo, concluí uma pós com este tema, participei de encontros voltados a esta realidade, construí artigos, resumos, comunicações orais.

Trabalhar na escola do campo foi uma rica oportunidade e uma experiência desafiadora onde pude vivenciar a realidade da comunidade campestre, suas histórias de lutas e conquistas pela terra. Como pedagoga trabalhei com as turmas dos anos iniciais, realizei inúmeros projetos, participei da coordenação escolar. Acredito que esta vivência me moldou e me transformou no que sou hoje.

Tive oportunidades de voltar a trabalhar na cidade mas não consegui deixar o campo, são 10 anos de convivência, de permanência na escola Marechal Cândido Rondon. A escola do campo passa por muitos desafios, desde a sua constituição sua transformação vem acontecendo gradativamente e tenho participado das mudanças contribuindo para a construção da escola do campo que queremos, mesmo com poucas políticas públicas, poucas visibilidades, poucos recursos, vemos avanços nesta direção.

#### REFERÊNCIAS

FERREIRA, Geraldo da Aparecida. **Entre a memória e a autobiografia: narrativas de Cyro dos Anjos e de Darcy Ribeiro**. Tese. Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 187, 2013.

## CAPÍTULO 26

### MEMORIAL: MINHA HISTÓRIA

*Wérica Mirlen Duarte Silva*

Este texto pretende relatar parte da minha história de vida acadêmica e profissional, um pouco da minha trajetória e das minhas memórias organizadas na jornada de minha vida. Creio que ninguém nasce por nascer, cada vida, cada semente tem um propósito no mundo, e existe um ser divino por trás de toda esta maravilha que é a vida. E quando observo estes versos de Salmo 139: 16 que diz: *“Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda”*, fico perplexa e maravilhada e vale ressaltar que nada acontece por obra do acaso, mas tudo tem um sentido de ser, sendo assim o fato de existir, como pessoas, como ser humano é um milagre.

Nasci no dia 24 de Abril do ano de 1984, na cidade de Tangará da Serra, sou filha de João Vicente Duarte e Rut Vieira Dias Duarte, de família modesta, meus pais vieram de Minas Gerais na década de 60, com seus familiares a fim de conquistar uma vida melhor em Mato Grosso, adquiriram terras, eram sitiantes, lidavam diariamente com a lavoura. Mais tarde meus pais se conheceram, casaram e constituíram família na região e foram morar na cidade. Minha família é evangélica tradicional, meus avós e meus pais e por conseguinte os filhos, nós crescemos conhecendo esta realidade.

Quando nasci meu pai era pedreiro, minha mãe dona de casa e costureira, o país estava em crise então posso dizer que não tive vida abastada lembro-me desde sempre que minha infância foi bem difícil em questões financeiras, e que não tinha muita saúde, fui acometida de uma enfermidade que por pouco não me levou a morte, mas a fé me restaurou me trouxe de volta a vida, para quem me conhece desde criança sabe que sou um milagre.

Nos anos 90 iniciei meus estudos, o Brasil atravessava um dos períodos histórico político mais complicado da história, o presidente confiscou a popança da população, na época começaram os pedidos de impeachment do presidente, como

os juros eram altíssimos, muitos venderam o que tinham para aplicar na poupança e foram atingidos pelo golpe e muitas famílias brasileiras passavam por momentos difíceis, a minha também, meu pai perdeu muito na época e não conseguia trabalho, eu era criança e já percebia que tinha algo acontecendo por mais que eles tentavam esconder, os problemas se intensificaram e minha mãe foi trabalhar fora, com isso assumi a responsabilidade de casa muito cedo.

Estudei em escola pública no município de Tangará da Serra, desde muito nova percebi na educação, um meio para transformação da realidade, e decidi mudar a minha, pois acreditei nas possibilidades, nos potenciais caminhos que poderia alcançar se fosse bem nos estudos. Tracei metas e este foi meu objetivo sempre e então comecei escalar os degraus da escola, eu não considerava ser boa, eu tinha que ser a melhor e comecei a subir.

Conclui o Ensino Fundamental, Ensino Médio em meados de 2002 eu era mais jovem acadêmica do curso de letras na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT Campus de Tangará da Serra.

Enquanto eu estudava meu pai havia deixado a profissão de pedreiro e foi ordenado a pastor, depois de algumas congregações na cidade foi transferido para o Distrito de São Jorge há aproximadamente 80 km de Tangará da Serra e foi assim que conheci o campo pela primeira vez, nos mudamos para o local, e foi então que me deparei com a realidade e não era fácil.

Sáimos às três horas da tarde em um ônibus muito antigo, tínhamos que levar marmitas, comíamos dentro do ônibus, e muitas vezes chegávamos atrasados na faculdade. Geralmente quando a aula terminava fazíamos o trajeto de volta e às duas da manhã chegávamos em casa, sempre levávamos cobertor e travesseiros, pois o ônibus quebrava e tínhamos de esperar por socorro então passávamos a noite no ônibus.

Enfrentei olhares estranhos na faculdade, a poeira da estrada não deixava-nos com boa aparência, senti na pele a discriminação e a intolerância, nas temporadas de chuvas nem sempre conseguíamos chegar, às estradas com atoleiros nem sempre permitiam o deslocamento, desta maneira as faltas eram constantes, mas enfrentei com determinação.

No ano de 2004, fomos transferidos para Curva da Benção, igreja localizada no Assentamento Conselheiro, foi neste período que conheci a realidade dos povos

que viviam no local e suas histórias, continuei a trajetória indo a faculdade, no final de 2005 concluiu o curso de letras.

Era meu sonho iniciar minha carreira como professora formada, e em 2006 este sonho foi possível, embora morasse no assentamento Antônio conselheiro, a primeira escola que lecionei estava localizada no assentamento Rio Branco no município de Nova Olímpia a escola Reinaldo Dutra Vilarinho, foi uma experiência marcante lugar em que conheci pessoas que fazem parte da minha vida até os dias de hoje.

Conheci a escola Marechal Cândido Rondon em 2007, e apaixonei, foi neste período que conheci os movimentos de luta pela terra, os movimentos de lutas pela educação do campo, pedagogia e movimento, e comecei a participar de encontros relacionados a este tema para a criação de escolas do campo para os povos do campo, até então as ideologias das escolas eram de uma escola de cidade localizada no campo.

Em 2008 meus pais foram transferidos novamente, desta vez para a Agrovila 28, também localizada no Assentamento Antônio Conselheiro. Assim, conheci a escola Paulo Freire, escola que pertence ao município de Barra do Bugres- MT, os princípios desta escola na época eram ligados aos mesmos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra- MST. Vivenciei as ideologias que estavam fortemente arraigadas na comunidade, eles estavam mais avançados nas discussões da pedagogia da terra, da mística, da ciranda o movimento regia e geria a escola.

Porém foi na escola Marechal que permaneci por mais tempo. Em 2009 fiz a primeira especialização em Literatura Mato-grossense, onde pesquisamos os contos populares no Assentamento. No ano de 2010 me casei, meu esposo era morador do assentamento Antônio Conselheiro, fez parte do início da luta pela tão sonhada terra, ficou acampado com a família e conquistaram um lote na agrovila 25, hoje é o nosso sítio “Nova Esperança” que adquirimos e constitui um sonho realizado, enfim meus pais voltaram pra cidade neste mesmo ano e eu permaneci. A luta deste povo passou a ser a minha.

Nestes anos todos fui moldando minha identidade de camponês, em minhas leituras de mundo conheci Paulo Freire, Roseli Caldart, Mônica Molina, Miguel Arroyo entre outros escritores que compartilham seus conhecimentos em Educação do campo. Conheci o NEED – Núcleo de Educação e Diversidade da UNEMAT, na qual faço parte, colaborei para a formação do grupo Coletivo da terra, grupo de

educadores e educadoras que traz a terra como princípio educativo. Participamos de grandes eventos como o SEMIEDU-UFMT, Organizamos eventos e fóruns, minicursos, palestras, participamos de comunicações, escrevemos artigos nos quais os conhecimentos transformaram minha forma de pensar e de ver o mundo.

Conclui graduação em pedagogia em 2017, fiz um aperfeiçoamento em educação do campo, e especialização em coordenação pedagógica, na escola Marechal participei da coordenação, coordenei o Programa Mais educação, estou atualmente professora nesta escola a aproximadamente 15 anos.

A vida me ensinou a ser resiliente, persistente e paciente, a correr atrás dos sonhos, embora passamos por percalços, muitos desafios, tem as pedras no do caminho, que nos deixam mais fortes, têm as perdas, tem a saudade, porém também tem a felicidade e tem os presentes que ganhamos ao final de cada teste, cada prova. Em 2019 me efetivei no município de Tangará da Serra. Concluo aqui este memorial com a poesia de Cris Pizziment. “Sou Feita de Retalhos” ...

“Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de nós” (Cris Pizziment).

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleia de Deus. Sociedade Bíblia do Brasil, Tamboré- Barueri/ SP; Publicações, 2019. 1024 p.

PIZZIMENT, Cris. **Poesia: Sou Feita de Retalhos**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/> . Acesso em: 05/05/2021.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

### **FRANCISCA EDILZA BARBOSA DE ANDRADE CARVALHO**

Possui graduação em Pedagogia (2003); Especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar (2005); Especialização em Literatura Matogrosense (2009); Especialização em Educação do Campo (2015); Mestrado em Educação, pela Universidade Federal de Mato Grosso (2016). Atuando principalmente, nos seguintes temas: Educação Escolar Quilombola, Educação do Campo, Currículo, Políticas Públicas e Movimentos Sociais. Membro do Núcleo de Educação e Diversidade - NEED/UNEMAT. Membro do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação - GPMSE/UFMT e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola (GEPEQ). <http://lattes.cnpq.br/5686673605144838>

### **LEONICE APARECIDA DE FÁTIMA ALVES PEREIRA MOURAD**

Graduada em Direito pela UNISINOS (1990-II), Graduada História pela UNISINOS (1999-II), Graduada em Ciências Sociais pela ULBRA (2007-II); Graduada em Geografia pela ULBRA (2017-I), Graduada em Serviço Social pela ULBRA (2018-II), Graduada como Tecnóloga em Agricultura Familiar e Sustentabilidade pela UFSM (2017-2), Graduada em Educação do Campo pela UFSM (2020-I), Graduada em Pedagogia pela UNINTER (2019-I), Graduada em Letras pela UNINTER (2020-II), Graduada em Filosofia pela UNINTER (2021-I). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade do Vale Rio dos Sinos (1993) e Serviço Social pela UNINTER. Mestre e Doutora em História da América Latina pela UNISINOS (2002, 2008). Mestre e Doutora em Geografia (2015, 2019) pela UFSM e mestranda em Políticas Públicas e Gestão Educacional pela UFSM. Atualmente é professora do Departamento de Metodologia da Universidade Federal de Santa Maria, sendo Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino de História. Tem experiência na área de Ciências Sociais, História, Direito, Geografia e Ciências Agrárias Sociais, desenvolvendo atividades de pesquisa e extensão acerca de temáticas agrárias. <http://lattes.cnpq.br/7689442989367017>

**MARIA HELENA TAVARES DIAS**

Possui Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- (2015). Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2010). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e séries iniciais, experiência com a Educação Escolar Quilombola na Comunidade Quilombola Baixio Barra do Bugres, Membro da Federação Estadual de Comunidades Quilombolas de Mato Grosso, Especialização em Psicopedagogia. Atualmente participa como pesquisadora do NEPRE (Núcleo de pesquisa em Relações Raciais). <http://lattes.cnpq.br/1718194131006044>

**RELAÇÃO DE AUTORES (AS)**

Adrianny de Arruda Abreu, Antônio Marcos Pereira Silva, Benedita Rosa da Costa, Cláudia Rosa Moreira Souza, Deizimary Stella de Araújo, Dinalva Araújo de Campos, Eliene Pedroza de Lima, Francisca Edilza Barbosa de Andrade Carvalho, Gonçalves Eva Almeida de Santana, Ivanir Gonçalves Alves, João Paulo Silva, Josiane Miranda Barbosa, Juçara de Queiroz Silva, Juliana Basso Barbosa Neves, Lucimara Martins Evangelista, Madalena Santana de Sales, Márcia Rezende de Sousa, Maria Helena Tavares Dias, Maria Lourença Davina da Costa, Marinalva Gomes, Miriam Elisabete Renner, Neide Domingas Bento, Plínio Olderi Carvalho, Rosângela de Campos Silva, Tereza Cristina de Souza, Wérica Mirlen Duarte Silva.

ISBN 978-658997326-3



9

786589

973263